



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI-UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

**MULHERES RURAIS E SUAS RELAÇÕES COM A PAISAGEM
SOCIOAMBIENTAL: EXPERIÊNCIAS ECOSÓFICAS**

Viviane Röhrs

Lajeado, junho de 2020

Viviane Röhrs

**MULHERES RURAIS E SUAS RELAÇÕES COM A PAISAGEM
SOCIOAMBIENTAL: EXPERIÊNCIAS ECOSÓFICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento, na área de concentração Espaço, Ambiente e Sociedade e na linha de pesquisa Espaço e Problemas Socioambientais.

Orientadora: Dra. Jane Márcia Mazzarino

Lajeado, junho de 2020

Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito. Experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que remetem a uma realidade frontal. A natureza não é muda. Fala e evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força. O ser humano pode escutar e interpretar esses sinais. Coloca-se ao pé das coisas, junto delas e a elas sente-se unido. Não existe, coexiste com todos os outros. A relação não é de domínio sobre, mas de convivência. Não é pura intervenção, mas interação e comunhão (BOFF, 2004, p. 95).

RESUMO

A educação ambiental é fundamental para a conscientização das pessoas em relação ao mundo em que vivem para que possam ter cada vez mais qualidade de vida, cuidando e respeitando o meio ambiente. O contato humano com o mundo natural pode ser experienciado de modo envolvente, sensibilizador e transformador. Esta pesquisa questiona a forma como os métodos de intervenções colaborativas em educação ambiental podem afetar as relações das mulheres rurais com a paisagem socioambiental. Foram escolhidas nove mulheres rurais para uma sensibilização em educação ambiental, quando foram desenvolvidas atividades participativas de cunho reflexivo, para investigar como a interação com o ambiente natural afeta as relações subjetivas, sociais e ecológicas destas mulheres. A partir deste objetivo de pesquisa, utiliza-se como método a pesquisa-intervenção, apoiado em estudos bibliográfico, documental e de campo. A pesquisa de campo compreendeu vivências junto à natureza e entrevistas individuais e grupais, além da observação direta. Como resultados evidenciamos a emergência de paisagens socioambientais individuais e coletivas mediadas pelas três ecologias propostas pela perspectiva ecosófica. As vivências fortaleceram as relações das mulheres rurais consigo mesmas, com o ambiente onde vivem e com as pessoas que convivem. Como elementos constituintes de novos territórios existenciais, que Guattari (1990) caracteriza como novos modos de vidas humanos individuais e coletivos, a partir da articulação das três ecologias, neste grupo de mulheres identificamos como elementos subjetivos: a percepção da necessidade de investir no autocuidado, a emergência de novos sentimentos de amizade e confiança pelo outro, maior empoderamento e organização pessoal. Como elementos sociais destacaram-se: aproximações nas relações familiares, ampliação na interação comunitária, fortalecimento das amizades, surgimento e reconhecimento de empatia, manifestação de novos paradigmas sobre convívio social. Revelaram-se como elementos ambientais: a resignificação do espaço da propriedade, modificando o modo de cuidar da mesma, mais organização e melhoramento do entorno, o sentimento de pertencimento ao meio, excitação dos sentidos, criando com isso, maior sensibilidade ao contato com a natureza.

Palavras-chave: Educação ambiental. Mulher rural. Relações socioambientais. Paisagem. Ecosofia.

ABSTRACT

Environmental education is fundamental to make people aware of the world in which they live so that they can have more and more quality of life, taking care and respecting the environment. Human contact with the natural world can be experienced in an engaging, sensitizing and transforming way. This research questions how the methods of collaborative interventions in environmental education can affect the relations of rural women with the socio-environmental landscape. Nine rural women were chosen to raise awareness in environmental education, when reflective participatory activities were developed, to investigate how the interaction with the natural environment affects the subjective, social and ecological relationships of those women. Based on this research objective, intervention-research is used as a method, supported by bibliographic, documentary and field studies. The field research included experiences with nature and individual and group interviews, in addition to direct observation. As a result, we highlight the emergence of individual and collective socio-environmental landscapes mediated by the three ecologies proposed by the ecosystem perspective. The experiences strengthened rural women's relationships with themselves, with the environment where they live and with the people they live with. As constituent elements of new existential territories, which Guattari (1990) characterizes as new modes of individual and collective human lives, based on the articulation of the three ecologies, in this group of women we identified as subjective elements: the perception of the need to invest in self-care, the emergence of new feelings of friendship and trust for the other, greater empowerment and personal organization. As social elements stood out: approximations in family relationships, expansion in community interaction, strengthening of friendships, emergence and recognition of empathy, manifestation of new paradigms about social life. They revealed themselves as environmental elements: the resignification of the space of the property, changing the way of taking care of it, more organization and improvement of the surroundings, the feeling of belonging to the environment, excitement of the senses, thereby creating greater sensitivity to contact with nature.

Keywords: Environmental education. Rural woman. Socio-environmental relations. Landscape. Ecology.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – RS	75
Imagem 2 – MG	78
Imagem 3 – MA	83
Imagem 4 – RG	88
Imagem 5 – MD	92
Imagem 6 – ST	96
Imagem 7– JO	99
Imagem 8 – DZ.....	104
Imagem 9 – LB	108
Imagem 10 – Apresentação das fotografias mais relevantes de cada mulher.....	114
Imagem 11 – Registro das mulheres em meio à natureza	116
Imagem 12 – Dinâmica onde as mulheres precisaram andar juntas	118
Imagem 13 – Dinâmica do Diagrama de Veen	120
Imagem 14 – Dinâmica da FOFA	124
Imagem 15 – Mulheres participando da dinâmica do Mapa dos Sons	125
Imagem 16 – Momento de realização de uma pergunta poderosa final	130
Imagem 17 – Vivência onde as mulheres foram guiadas umas pelas outras.....	131
Imagem 18 – Momento de alongamento e relaxamento	132
Imagem 19 – Rodas de conversas.....	133

Imagem 20 – Compartilhamento de fotografias entre as mulheres	135
Imagem 21 – Mulheres presenteadas com as flores e as camisetas	135

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1- Como a ecosofia se expressa por meio da articulação entre as três ecologias	54
Esquema 2- Amostra e contexto da pesquisa	64
Esquema 3- Problemáticas ecológicas e a inserção da educação ambiental no contexto social.....	113
Esquema 4- Efeitos emergentes a partir da dinâmica das histórias de vida	115
Esquema 5- Educação ambiental conectada às relações ecológicas e sociais	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Encontro 1: Aproximação.....	68
Quadro 2 – Encontro 2: Relações Subjetivas.....	68
Quadro 3 – Encontro 3: Relações Subjetivas.....	69
Quadro 4 – Encontro 4: Relações Sociais.....	69
Quadro 5 – Encontro 5: Relações Sociais.....	70
Quadro 6 – Encontro 6: Relações Ambientais.....	70
Quadro 7 – Encontro 7: Relações Ambientais.....	71
Quadro 8 – Encontro 8: Encerramento/Celebração.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Contextualizando o objeto de estudo.....	10
1.2 Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivo geral.....	14
1.2.2 Objetivos específicos.....	14
1.3 Justificativa.....	14
2 MULHERES E SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE	19
2.1 Mulheres, natureza e abordagens em educação ambiental	19
2.2 O rural como paisagem.....	35
2.3 O rural como ambiente de trabalho.	44
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	59
3.1 Classificação da pesquisa.....	59
3.2 Amostra e contexto da pesquisa	61
3.3 Entrevistas	65
3.4 Intervenções	66
3.5 Tratamento de dados	72
4 PAISAGENS SOCIOAMBIENTAIS E AS EMERGÊNCIAS ECOSÓFICAS	74
4.1 Paisagens socioambientais individuais.....	74
4.2 Paisagem socioambiental coletiva e os novos territórios existenciais.....	112
4.2.1 Ecologia Subjetiva.....	112
4.2.2 Ecologia Social.....	117
4.2.3 Ecologia Ambiental	121
4.3 Paisagens Socioambientais Ecosóficas: em busca de algumas conclusões	127
4.3.1 A proposta de intervenção, suas intenções e potências	129

4.3.2 A potencialidade do método para uma extensão rural ecosófica.....	136
4.3.3 Resignificações da paisagem de vida	139
4.3.4 O trabalho rural e o afeto ao ambiente	141
4.3.5 A educação ambiental ecosófica e a emergência das paisagens socioambientais	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICES	160
APÊNDICE A	160
APÊNDICE B	176
APÊNDICE C	178
APÊNDICE D.....	185

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualizando o objeto de estudo

O ser humano, ao se relacionar com a natureza, transforma-a, assim transforma a si mesmo e gera impactos ambientais e sociais, independente da sua intencionalidade. Cada vez mais se evidencia que as ações humanas sobre a natureza agravam a crise ambiental, decorrente de atitudes que geram, muitas vezes, escassez e poluição da água, desmatamento, perda de biodiversidade (animal e vegetal), poluição do ar, aumento da pobreza, alimentos transgênicos, aquecimento global, etc. As sociedades contemporâneas modificam de forma bastante ampla a natureza a partir das atividades produtivas, que seguem o modelo de produção e de pensamento capitalista, o qual separa o humano da natureza, já que a compreende apenas como provedora de matérias primas, não reconhecendo a dependência existente entre sociedade e ambiente.

Em consequência disso, nas últimas décadas, o mundo está se voltando para as questões ambientais, ainda que esse tema seja de interesse de apenas algumas parcelas da população. A escassez dos recursos naturais afeta diretamente o modo de vida de todas as pessoas, mesmo que algumas assimilem certas práticas sem pensar em consequências à esfera global e na necessidade de “cuidado” com o meio ambiente. Para Trein (2008, p. 42). “[...] Só podemos entender o ser humano, sua história e sua cultura, em relação com a natureza. É na relação que os seres humanos (que são natureza) estabelecem com ela, pela mediação do trabalho, que eles constroem suas relações sociais”.

Mesmo que boa parcela da sociedade seja consciente de que depende da natureza, muitas de suas ações não condizem com esta percepção. Para que ocorra uma conscientização socioambiental faz-se necessário uma melhor integração entre sociedade e natureza, fortalecendo-se as ações de educação ambiental formal e não formal.

Diante da percepção da necessidade de cuidar do meio ambiente, de valorizar o espaço e assegurar os recursos naturais para os descendentes, esta pesquisa se propõe a realizar ações vivenciais com mulheres rurais nas suas propriedades. Busca-se, sensibilizar para a relação com o meio ambiente de modo sensorial e afetivo, desse modo, envolvendo-as com o meio onde vivem. Parte-se do pressuposto que entender o significado da relação com o meio pode promover um cuidado maior com os seres vivos que ali habitam (inclusive a família).

Na descrição das correntes da educação ambiental, Sauvé (2005) aborda a corrente feminista, afirmando a potência da sensibilidade e da habilidade da mulher para perceber o valor simbólico e afetivo das rela es para com o meio ambiente e com a sociedade na qual se encontra inserida. Nesta linha de a o, o que se busca   gerar alguma transforma o na realidade cotidiana de um grupo de mulheres, provocando experiências, a fim de identificar os sentimentos que as afetam e formas como desenvolvem seu protagonismo social e ambiental. Entende-se que cada experiência expressa rela es afetivas, sociais, ambientais, o que no contexto rural assume algumas especificidades.

Quanto mais as pessoas permanecem em determinado lugar, mais se apegam a ele, desenvolvendo laços afetivos. Influenciadas culturalmente, as pessoas constroem seus valores através de suas experiências de vida, atribuindo significa o e transformando o meio onde estão inseridas. Esta proposta de pesquisa aposta no contato humano com o mundo natural sendo experienciado de modo envolvente e sensibilizador, talvez transformando estes sujeitos, as mulheres rurais, que já têm uma rela o mais estrita com a natureza.

Nesse contexto, as interven es em educa o ambiental constituem uma nova forma de olhar para si, olhar para o outro e olhar para o mundo, contribuindo para a forma o de um novo paradigma, gerador de novos sentidos e novos

saberes. Para Capra (1996, p. 27) “a mudança de paradigmas requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores”.

A desconectividade humana e socioambiental que se configura na sociedade atual precisa ser reconhecida pelos próprios sujeitos envolvidos, pois somente assim as pessoas poderão criar novas formas de ver e se relacionar com e no mundo. Segundo Loureiro (2006), o ser humano percebe-se como parte integrante da natureza, mas há certo distanciamento nessa percepção, na medida em que ele não compreende que ao falar da natureza está falando de si mesmo. E é justamente dessa dissociação que surgem muitas práticas de destruição e distanciamento socioambiental.

Tendo em vista o exposto, vale destacar que este trabalho com mulheres rurais é uma temática pertinente no campo da Educação Ambiental, uma vez que “as atividades realizadas pelas agricultoras em seus cotidianos são essenciais para a subsistência biológica e socioeconômica das famílias, para o bem-estar, para a segurança alimentar e a preservação do meio ambiente.” (HERRERA, 2016, p. 211).

Pensar na relação de mulheres rurais com a paisagem socioambiental a partir da Educação Ambiental contribui para a reflexão dos contextos rurais atuais e suas ressignificações, já que, como afirma Loureiro (2006), é impossível descontextualizar a educação ambiental das práticas sociais.

É necessário pensarmos nas influências do meio nas relações do sujeito consigo, com o outro e com o mundo. Guattari (2001) defende que a articulação destas três esferas - do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana, que ele denomina de três ecologias - é imprescindível para provocar experiências que ampliem os sentidos. Sua proposta, denominada de ecosofia, refere-se à intenção de reinventar as formas de “ser em grupo”, consigo e com o ambiente. Assim, entende-se por paisagem socioambiental neste trabalho aquela que é constituída pelas relações com as três ecologias.

Dentro desta perspectiva, com esta pesquisa se tem a intenção de compreender: como se dão as relações entre a mulher rural com o ambiente? Como

elas significam a paisagem em que vivem? Como o trabalho medeia a relação com o ambiente? Como a pesquisa-intervenção pode afetar as relações das mulheres rurais consigo, com o outro e com o ambiente? O espaço rural vai se transformando em lugar com o tempo?

Espera-se que as mulheres rurais sejam sensibilizadas por meio das intervenções realizadas e, a partir disso, se reconheçam como sujeitos pertencentes ao meio, geradoras de paisagens de transformação social e ambiental. O sujeito precisa sentir-se parte do ambiente, percebendo que não só o constitui através de suas ações, mas também se constitui com as relações estabelecidas nele.

A partir das relações cotidianas com o ambiente de vida se vão tecendo redes de significados, as quais foram provocadas por meio de processos de Educação Ambiental direcionadas para as mulheres rurais. Potencializaram-se as relações subjetivas, sociais e ambientais no contexto rural por meio das metodologias participativas, buscando, assim, a compreensão de como estas metodologias podem trazer à tona sentimentos e laços afetivos com o meio onde as mulheres encontram-se inseridas. Portanto, trata-se de uma pesquisa de cunho intervencionista, apoiada em estudo bibliográfico, documental e de campo, que investigará sentidos emergentes e também a potencialidade de algumas técnicas de educação ambiental participativas. A reflexão se apoiará em experiências cotidianas de mulheres rurais, a fim de compreender como essas vivências podem resultar em ressignificação das relações humanas com o ambiente.

O estudo delimita-se a um grupo de mulheres rurais do município de Lagoão, localizado na mesorregião Noroeste Rio-Grandense, atendidas pela Emater/RS-Ascar, onde atuo como extensionista rural social, executando atividades de Extensão Rural na área de Bem Estar Social. Com base em um trabalho participativo e na realidade rural, com as atividades de extensão busca-se promover a inclusão e o desenvolvimento social, econômico, ambiental, político e cultural do meio rural. A coleta de dados a campo foi realizada no segundo semestre de 2019.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar efeitos nas relações das mulheres rurais com a paisagem socioambiental por meio de metodologias de caráter participativo, provocadoras de experiências ecosóficas.

1.2.2 Objetivos específicos

a) Caracterizar a relação das mulheres rurais com a paisagem socioambiental;

b) Realizar intervenções provocadoras de experiências ecosóficas com mulheres rurais, a fim de avaliar possíveis ampliações no envolvimento das mulheres rurais com o ambiente onde vivem, com os grupos que convivem e consigo mesmas;

c) Analisar a emergência de uma paisagem socioambiental ecosófica coletiva a partir da pesquisa-intervenção.

1.3 Justificativa

O cuidado com o meio ambiente sempre esteve presente em minha vida, filha de agricultores familiares, meus pais sempre me ensinaram a respeitar os recursos naturais assim como eles cresceram respeitando. Na minha caminhada de estudante, sempre vislumbrei o trabalho a ser realizado na área de educação ambiental.

Quando iniciei minha atuação no magistério, minhas aulas de ciências e biologia eram complementadas com projetos de educação ambiental, onde as atividades práticas permitiam um contato mais sensorial com os elementos naturais

e, com isso, me faziam sentir cada vez mais apaixonada por trabalhar temas que envolvessem o meio ambiente.

A Extensão Rural sempre esteve presente em minha atuação como docente, pois, junto aos trabalhos de educação ambiental desenvolvidos, a extensionista social da Emater do Município de Segredo sempre me dava suporte e executava ações frente às questões ambientais, tornando-se, assim, ponto de referência em educação ambiental.

Esse foi o primeiro passo para minhas escolhas profissionais: decidir fazer um processo seletivo da Emater em momento oportuno e atuar na área de Extensão Rural, a qual passou a ser, para mim, um objetivo de vida. Vislumbrava o trabalho da Emater em todas suas dimensões, e hoje, atuar na extensão, me deixa realizada.

Trabalhar com grupos organizados de mulheres, de produtores rurais e escolares passou a ser minha prioridade de vida. O contato direto com as famílias rurais, buscando promover a geração de renda, a qualidade de vida no campo e o fortalecimento das organizações sociais determinaram a minha vida profissional dentro da extensão rural, desde que ingressei na Emater, no ano de 2011.

Motivada pelo trabalho, resolvi cursar mais uma especialização, dessa vez na área de Educação Ambiental, pois já havia cursado especialização em Metodologia do Ensino de Biologia e Química, na época da docência. Na pesquisa realizada durante a especialização em Educação Ambiental, o foco eram famílias rurais de baixa renda, mas toda a pesquisa envolveu quase que exclusivamente, as mulheres destas famílias. Trabalhar com mulheres na extensão sempre é mais prazeroso, pois elas são responsáveis pelo cuidado com a casa, atuantes e participativas, e com isso, se conseguem resultados mais positivos frente o trabalho desenvolvido.

Sonhava cursar um mestrado. Então tomei a decisão de me inscrever no Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Busco assim, contribuir mais para minha atuação como extensionista rural social da Emater. Sabia que não seria fácil

por vários motivos: recursos financeiros, distância até a universidade e o maior desafio deles, que foi dedicar tempo para executar uma pesquisa e escrever a dissertação, tendo em vista que trabalho 40 horas semanais e ainda há os eventos nos finais de semana.

O mestrado também era um objetivo de vida e hoje sinto-me feliz por estar concluindo mais essa etapa, que foi um grande desafio, especialmente por trabalhar a educação ambiental numa perspectiva ecosófica, que eu desconhecia, mas que com o movimentar-se da pesquisa, foi se tornando uma paixão.

A experiência me fez aprender, em primeiro lugar, que devemos trabalhar educação ambiental com todas as faixas etárias, e não somente com escolares. Em segunda instância, me mostrou que não devemos trabalhá-la de forma puramente ecológica, pois envolvem elementos naturais, sociais e subjetivos. Trata-se de relações socioambientais que determinam a qualidade de vida das pessoas, que no caso desta pesquisa focou as mulheres no contexto rural.

Atualmente a mulher tem se destacado nas atividades comunitárias e de organização rural. Além de executar as atividades domésticas e de *care* (cuidado), as mulheres contribuem com o orçamento familiar desenvolvendo atividades produtivas juntamente aos demais membros da família. No âmbito social (familiar ou comunitário), as mulheres tendem a ter maior facilidade em lidar com as questões de organização e planejamento.

Acredita-se que o empoderamento da mulher rural está atrelado ao acesso às necessidades básicas, ao seu reconhecimento como mulher que participa dos processos produtivos e reprodutivos, que zela pela propriedade em que está inserida (seja pelos aspectos sociais, culturais e ambientais). A divisão sexual de trabalho encontrada no meio rural demonstra que, muitas vezes, as mulheres rurais ocupam uma posição subordinada e seu trabalho tem pouco reconhecimento. Entende-se que a mulher rural, tendo seu papel reconhecido no seio da família e participando das decisões que influenciam o desenvolvimento da propriedade, contribuirá significativamente para a melhoria da qualidade de vida de todos os integrantes deste contexto.

Culturalmente, se diz, que o feminino tem maior facilidade em tratar as relações sociais. A desconectividade humana atual, ao mesmo tempo em que separa o humano da natureza, ou até mesmo o humano do outro humano, torna ao mesmo tempo urgente que se busque a aproximação destes num âmbito de afetividade. Nossa cultura tem provocado um papel social do feminino muito mais relacionado ao cuidado e afeto do que tem acontecido com a natureza masculina.

Em se tratando de questões ambientais, historicamente a sociedade cria uma ligação entre a natureza e o feminino, deixando a mulher mais próxima das tarefas de “cuidado”, da preservação dos recursos que mantém a vida na Terra. No contexto histórico, a mulher sempre se conectou com a fertilidade da terra, ligando-se à produção de alimentos para o sustento da família. Nesse sentido, criou-se culturalmente um forte elo entre a mulher e a natureza, e isto se evidencia no meio rural, onde a mulher está mais próxima da natureza, comparando-se com as mulheres urbanas.

Com base nesses pressupostos, esta pesquisa justifica-se por propor a descobrir os elementos que afetam o envolvimento das mulheres rurais com o ambiente onde vivem, para que, desta forma, se possa ampliá-los e fortalecê-los. Esta pesquisa também pode contribuir para formação de mulheres protagonistas do meio em que estão inseridas, conscientes de seu papel de cidadãs, buscando uma valoração ética, social e ambiental na sociedade que a envolve. Assim, por meio dessa pesquisa se buscará potencializar nas mulheres rurais uma cultura de afeto e sustentabilidade, tendo em vista a realidade em que se encontram.

Esta pesquisa envolve aspectos relevantes não só do ponto de vista acadêmico, como também social, especialmente por oferecer experiências ao grupo que será envolvido. Destaca-se a importância de intervenções que reconheçam a pertinência da perspectiva da educação ambiental, que visam ao fortalecimento das mulheres rurais em seu papel de sujeitos atuantes e responsáveis com o cuidado da vida no planeta e com a mudança de paradigmas.

Os capítulos deste estudo abordam a relação entre educação ambiental e ecofeminismo, o papel específico da mulher rural na sociedade e sua relação com a paisagem, além das experiências ambientais que se quer provocar por meio da

pesquisa-intervenção. Em seguida analisam-se as intervenções, conforme as categorias definidas no método, em uma perspectiva individual e, depois, coletiva.

2 MULHERES E SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE

2.1 Mulheres, natureza e abordagens em educação ambiental

A partir da década de 70, com as conferências intergovernamentais, ampliou-se o campo de discussões acerca da educação ambiental, pois nessa época a sociedade vinha experimentando uma abrupta queda de qualidade de vida ocasionada pela rápida degradação ambiental. Da mesma forma, concomitantemente à educação ambiental, os movimentos feministas foram tomando espaço e ganhando força nas lutas ambientais. Conforme Schlee, Ávila e Henning (2018), as mulheres são fundamentais no manejo e no controle de degradação ambiental, havendo uma estreita relação entre mulheres e natureza. “Para pensar sobre as mulheres e sua relação com a natureza e a Educação Ambiental, é importante pensar na construção histórica, social e cultural em que posiciona sujeitos femininos e masculinos, [...]” (SCHLEE, ÁVILA e HENNING, 2018, p.3).

Historicamente, a mulher sempre foi vista de forma mais frágil e sob opressão do sistema patriarcal. As mulheres, assim como a natureza, são dominadas e exploradas dentro desse mesmo sistema. Para Capra (1996) “a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que tem sido identificadas com a natureza através dos séculos” (CAPRA, 1996, p. 27).

Nesse contexto, Siliprandi (2000) ressalta o surgimento, na década de 1960, do movimento chamado ecofeminismo, “uma escola de pensamento que tem norteado movimentos feministas e ambientalistas, buscando a interconexão entre as

relações de poder sobre a natureza e as mulheres”. Nessa perspectiva, tem-se o propósito de “desenvolver uma nova estrutura de relações entre homens e mulheres, bem como entre a humanidade com a natureza e suas formas de vida” (SILVA, 2017, p. 280).

Silva (2017) destaca que o ecofeminismo foi fundado, em 1978, na França, por um movimento chamado Ecologia e Feminismo, o qual, segundo o autor, “defende que a mulher deve ser precursora nas transformações de pensamento de gênero, utilizando a Ecologia, impulsionando uma revolução ecológica capaz de salvar o planeta e promover o empoderamento feminino” (SILVA, 2017, p.282).

Concomitantemente, o ecofeminismo e a educação ambiental começaram a ganhar força a partir da Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano realizada em Estocolmo, pela ONU (Organização das Nações Unidas), em junho de 1972. Segundo Schlee, Ávila e Henning (2018), a partir dessa conferência, “todos são convocados a atuar numa mudança de atitudes e comportamentos humanos em relação ao ambiente, tornando responsabilidade de toda a sociedade civil proteger o meio ambiente”. Da mesma forma, foi a partir das discussões referentes à crise ambiental que se instalava no Planeta, que os movimentos feministas foram tomando espaço nas lutas ambientais. Conforme Schlee, Ávila e Henning (2018), a partir de 1992, se observa uma maior participação das mulheres nas conferências mundiais, especialmente na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro, a Eco-92, com contribuições para a Plataforma de Ação do Desenvolvimento Sustentável - Agenda 21, onde estabelece em seu capítulo 24, que as mulheres são fundamentais no manejo e no controle de degradação ambiental, firmando-se uma estrita relação mulheres e natureza.

Também colaboraram para fortalecer as reflexões frente às crises ambientais, a IV Conferência das Nações Unidas sobre Mulher, Desenvolvimento e Paz (Pequim, 1995), e a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS)- Rio+20, a partir da Declaração do Território Global das Mulheres (VIEZZER, 2013). Viotti enfatiza na Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, Desenvolvimento e Paz (Pequim, 1995) o desenvolvimento social equitativo, onde as famílias em vulnerabilidade,

especialmente as mulheres que vivem na pobreza, buscam a utilização exequível dos recursos ambientais, sendo “um dos pilares necessários para o desenvolvimento sustentável” (VIOTTI, 2006, p. 153). O autor ainda declara:

Mediante a gestão e o uso dos recursos naturais, as mulheres dão sustentação à família e à comunidade. Como consumidoras, produtoras, educadoras e responsáveis pelo cuidado de suas famílias, as mulheres desempenham importante papel na promoção do desenvolvimento sustentável, pela sua preocupação com a qualidade e a sustentabilidade da vida para as gerações atuais e futuras. Os governos têm manifestado sua intenção de estabelecer um novo paradigma de desenvolvimento, capaz de integrar a preservação do meio ambiente com a justiça e a igualdade de gênero, dentro de uma mesma geração e entre distintas gerações, como está expresso no capítulo 24 da Agenda 21 (VIOTTI, 2006, p.236).

Histórica e culturalmente, as mulheres sempre tiveram uma relação de proximidade com as questões que envolvem a natureza. Na literatura ecofeminista, por exemplo, há algumas referências sobre a relação de contribuição das mulheres com as questões ambientais. “[...] Na mitologia grega uma das primeiras representações divinas criadas pelos seres humanos foi a figura da Deusa, Gaia, a mãe terra. Deusas da natureza como ninfas - das florestas, das águas, das flores, da terra [...]” (SCHLEE, ÁVILA E HENNING, 2018, p. 9).

Sob esse contexto, em uma construção mútua dos movimentos ambientalistas e feministas, torna-se posição de destaque a relação das mulheres com a natureza na seara da Educação Ambiental. Se por um dado momento histórico “temos o homem como centro da resolução dos problemas ambientais pautado pela racionalidade científica, agora nesta nova trama, em um momento de crise mundial convocam-se as mulheres para proteção e cuidado do planeta” (SCHLEE, ÁVILA E HENNING, 2018, p. 12).

Para manter a vida no planeta e assegurar um futuro para as próximas gerações, deve haver uma mudança de paradigmas. Capra (1996) coloca que há soluções para os principais problemas deste tempo, algumas delas até mesmo muito simples, mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no pensamento e nos valores. Capra dirige o seu foco ao que denomina de “ecologia profunda”, tratando-a como o novo paradigma, que tem o homem não como uma peça fundamental, mas como apenas mais uma peça na teia da vida. “A ecologia

profunda reconhece o valor intrínseco de seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.” (CAPRA, 1996, p.25).

O ser humano é parte de um sistema vivo, e não mais soberano nesse sistema. Os valores culturais hegemônicos são, em sua maioria valores antropocêntricos, ou seja, colocam o homem como o centro do universo. Sendo assim, é imprescindível que a sociedade modifique seus hábitos e sua relação com o meio buscando inspiração no novo paradigma da ecologia profunda, em seus valores ecocêntricos, ou seja, centralizados na Terra, nesse grande e complexo sistema vivo, que se configura como uma rede de interdependências.

[...] A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos). (CAPRA, 1996, p. 25).

Ao abordar a ecologia profunda, Capra faz referência ao ecofeminismo como um movimento que reforça a importância da mudança de paradigma para a melhoria da relação entre gêneros, assim como da relação com o meio. “[...] Essa antiga associação entre mulher e natureza liga a história das mulheres com a história do meio ambiente, e é a fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia. [...]” (CAPRA, 1996, p.27).

Sabe-se que a modificação de padrões culturais não acontece de forma rápida e exemplar. Há uma cultura instalada, um sistema de dominação patriarcal de mulheres por homens, que se dissemina em todas as formas de exploração. E é assim que a natureza também se vê dominada e explorada pelo homem. Essa relação entre mulher e natureza, que muitos autores fazem, assim como Capra, enfatiza os valores femininos simbolizados pela proteção e pelo ato de cuidar.

Sob essa perspectiva, trata-se do tema ser humano e meio ambiente com uma visão mais holística, observando o mundo integrado, onde todos os seres vivos são percebidos dentro de um contexto de unicidade. Angelin (2014) é enfático ao dizer que equivoca-se quem analisa de forma isolada os problemas ambientais, pois segundo ele, “os mesmos encontram-se num contexto sistêmico, interligado e interdependente a outros fatores como a economia e o desenvolvimento das relações humanas.” Portanto, deve haver uma quebra de paradigmas, do velho

sistema patriarcal e capitalista, fazendo com que os homens se vejam como parte integrante desse sistema formado por vidas que se complementam. A mulher vem conseguindo conquistar o seu espaço na sociedade, transformando conceitos e concepções e, dessa forma, fortalecem sua essência feminina. O ecofeminismo aborda a perspectiva de um movimento igualitário, ético, com valores em mudança e pode trazer luz a questões ligadas à problemática ambiental emergente. Sua contribuição para a formação de uma sociedade sustentável e conseqüentemente, para um futuro equilibrado e em consonância com o meio ambiente é das mais relevantes.

Para a quebra do paradigma que cria uma dualidade entre homens e mulheres, é necessária uma nova compreensão da realidade, como forma de promover o desenvolvimento humano e o cuidado com a natureza. Uma construção social precisa ser transformada e sabe-se que mudanças de pensamento e de atitudes são muitas vezes complexas e acontecem de forma gradual.

Silva (2017) considera que o avanço do ecofeminismo é gradual e significativo no que diz respeito às relações das mulheres com as questões ambientais. Conforme o autor, as ideias, propostas e ações ecofeministas precisam chegar com mais ênfase à população em geral, para que, dessa forma, se possam repensar as relações que se estabelecem na natureza, com a finalidade de compreender e superar esse sistema de domínio e destruição.

As mulheres são consideradas importantes aliadas para a busca do desenvolvimento sustentável. Neste sentido, é preciso provocar a discussão sobre os modos de se relacionar com o meio ambiente e a natureza, levando em conta que as condições materiais, sociais, econômicas e políticas que as mulheres enfrentam torna-se fundamental para uma educação ambiental que busca outra forma de existência no planeta.

As relações que homens e mulheres estabelecem com o meio ambiente são permeadas por atitudes também conservacionistas, de melhor utilização dos recursos naturais. No entanto, faz-se necessário expandir as discussões sobre o próprio entendimento de meio ambiente, considerando-o como um todo integrado, incluindo aspectos culturais, econômicos e outros em uma visão interdisciplinar.

O ecofeminismo contribui neste sentido, já que vem desenhando novos contornos para a luta das mulheres contra os preconceitos de classe, gênero e etnia, enriquecendo tanto a discussão da questão de gênero quanto a ambiental. Entende-se, assim, que se mostra potente a articulação do feminino em experiências de educação ambiental.

Sauvé (2016) explica que o conceito de Educação Ambiental sempre enfatizou apenas a proteção dos ambientes naturais e, hoje, enfatiza que se dá através da união entre as populações e o ambiente como parte integral dos ecossistemas. A visão fragmentada na Educação Ambiental pode ser notada nos currículos escolares, quando os temas são discutidos de forma isolada (fauna, flora, recursos naturais). A cultura que se criou na sociedade, de tratar cada tema separadamente, justifica a sociedade pensar cada ser isoladamente.

Ver o ambiente como parte integrante dos ecossistemas facilita a compreensão da necessária participação das mulheres como promotoras de um desenvolvimento sustentável, primando pela proteção e cuidado da casa maior: o Planeta Terra.

A educação ambiental faz-se cada vez mais necessária para uma visão ecossistêmica, já que este é um tema contemporâneo relevante que as sociedades precisam avaliar para além do aqui e agora, pensando nas consequências das ações antrópicas para o futuro. Quando se fala em educação vem sempre a ideia de que o único lugar para se educar é na escola. Sabe-se que a educação se faz também em casa e no convívio social, ou seja, a educação pode acontecer em espaços formais ou não formais.

Conforme Noronha (2007), “um programa de educação ambiental somente se concretiza dentro de um processo de mudanças” e, neste caso, é necessário em primeiro lugar desenvolver atitudes sensibilizadoras. A educação ambiental constitui uma alternativa para reverter os processos de destruição e descomprometimento do ser humano com o meio ambiente, pois gera conhecimentos, altera paradigmas, valores, atitudes e comportamentos, e incentiva a participação em ações que contribuem para a proteção, conservação e exercício da cidadania com responsabilidade social.

Diferentes abordagens de educação ambiental enfatizam aspectos diversos. Sauvé (2005) diferencia 15 correntes que se distinguem pela concep o de ambiente, inten o central, os enfoques privilegiados e algumas estratégias utilizadas. A seguir elas são apresentadas sinteticamente para situar a corrente ecofeminista e poder aproximar delas as concep es a serem estudadas entre as mulheres rurais.

A corrente naturalista tem caráter preservacionista, busca reconstruir uma liga o entre o homem e a natureza e compreender como a mesma funciona. Conforme Sauvé (2015), “o enfoque educativo pode ser cognitivo (aprender com as coisas sobre a natureza), experiencial (viver na natureza e aprender com ela), afetivo, espiritual ou artístico (associando a criatividade humana   da natureza).” Ela salienta que “[...] a corrente naturalista pode ser associada mais especificamente ao movimento de ‘educa o para o meio natural’, (nature education) e a certas proposi es de ‘educa o ao ar livre’ (outdoor education).” (SAUVÉ, 2005, p.19).

Já a corrente conservacionista, de acordo com Sauvé (2005), se ocupa da preocupa o com os recursos naturais, vê o meio ambiente como recurso que deve ser bem administrado. Esta corrente adota comportamentos individuais e projetos coletivos conservacionistas visando desenvolver atividades relativas   gestão ambiental.

Para a corrente resolutiva o meio ambiente   visto como um conjunto de problemas. Esta corrente trata de “informar ou de levar as pessoas a se informarem sobre as problemáticas ambientais, bem como a desenvolver habilidades voltadas para resolvê-las”. (SAUVÉ, 2005, p. 21).

A corrente sist mica, descrita por Sauvé (2005), busca compreender as realidades ambientais identificando os diferentes componentes de um sistema ambiental e estudando suas rela es, priorizando as rela es entre os elementos biofísicos e os sociais de uma situa o ambiental. Esta análise   uma etapa essencial para obter na sequência uma visão de conjunto que corresponde a uma

síntese da realidade apreendida, chegando dessa forma a uma totalidade do sistema ambiental.

O intuito da corrente científica é de desenvolver estudos científicos, com rigor, pautados em métodos que proporcionem a melhor compreensão da dinâmica ambiental e identificação dos problemas gerados. “As habilidades ligadas à observação e à experimentação são particularmente necessárias” (SAUVÉ, 2005, p. 23).

A corrente humanista enfatiza a dimensão humana do meio ambiente, construída na interseção entre natureza e cultura. O meio ambiente é aprendido tanto nas relações dos elementos físicos naturais quanto nas relações dos elementos humanos (econômicos, sociais, culturais).

Já a corrente moral/ética fundamenta sua atuação no desenvolvimento de um conjunto de valores ambientais e diz que “não somente é necessário saber analisar os valores dos protagonistas de uma situação como, antes de mais nada, esclarecer seus próprios valores em relação ao seu próprio atuar” (SAUVÉ, 2005, p. 26).

Quanto à corrente holística, Sauvé (2005) salienta que o enfoque analítico e racional das realidades ambientais encontra-se na origem de muitos problemas atuais, levando em conta n  apenas as realidades socioambientais, mas também as diversas dimensões das pessoas que entram em contato com essas realidades e as rela es entre os seres e entre os seres e o ambiente. Assim, a corrente holística ressalta o sentido global, refere-se à totalidade de cada ser, de cada realidade.

A biorregionalista centra a educa o ambiental no desenvolvimento de uma rela o com o meio local ou regional, num enfoque participativo e comunicativo. Refere-se a uma pedagogia que exalta o sentimento de identidade entre as comunidades humanas que ali vivem, à rela o com o conhecimento deste meio e ao desejo de adotar modos de vida que contribuirão para a valoriza o da comunidade natural da região.

A corrente praxica é definida por Sauvé (2005) como aquela que estabelece a aprendizagem na a o, pela a o e para a melhoria dela. O objetivo essencial dessa corrente   operar uma mudança nas pessoas e no ambiente, refletindo sobre o processo durante a a o e reajustando-a. Conforme a autora, “o processo da corrente praxica  , por excelência, o da pesquisa-a o”. Ela diz que seu “objetivo essencial   o de operar uma mudança num meio (nas pessoas e no meio ambiente) e cuja dinâmica   participativa, envolvendo os diferentes atores de uma situa o por transformar” (SAUVÉ, 2005, p.29).

A corrente crítica social   comumente associada   corrente praxica comentada anteriormente, ela vê o meio ambiente como objeto de transforma o e lugar de emancipa o. “Esta corrente insiste, essencialmente, na análise das dinâmicas sociais que se encontram na base das realidades e problemáticas ambientais: análise de inten oes, [...] e de a oes dos diferentes protagonistas de uma situa o” (SAUVÉ, 2005, p. 30). Por meio do diálogo dos saberes, visa abordar a situa o sob diversos ângulos e confrontar entre si as diversas visões e soluçoes de uma perspectiva crítica.

A abordagem feminista adota da corrente crítica social a análise e a denúncia das rela oes de poder dentro dos grupos sociais. Conforme Sauvé (2005), uma liga o estreita ficou estabelecida entre a domina o das mulheres e a da natureza, pois “restabelecer rela oes harm nicas com a natureza   indissociável de um projeto social que aponta para a harmoniza o das rela oes entre os humanos, mais especificamente entre os homens e as mulheres”. A autora ainda destaca que “no contexto de uma  tica da responsabilidade, a ênfase está na entrega: cuidar do outro humano e o outro como humano, com uma aten o permanente e afetuosa” (SAUVÉ, 2005, p.33). Nesta corrente, são valorizadas as questões afetivas, simbólicas, espirituais e artísticas relacionadas ao meio ambiente.

A corrente etnográfica se preocupa com os aspectos culturais em rela o ao ambiente. Na concep o desta, a educa o ambiental não deve impor uma visão de mundo às pessoas. Segundo Sauvé (2005)   preciso levar em conta a cultura de referência das popula oes ou das comunidades envolvidas. Suas atividades,

sobretudo desenvolvidas no meio natural, permitem ouvir o outro (indivíduos e grupos) sobre as suas relações históricas com o meio ambiente.

A abordagem da ecoeducação entende que os sujeitos envolvidos no processo educativo aprendem por meio da experiência e da sua relação com o meio ambiente, buscando o desenvolvimento pessoal para um atuar significativo e responsável. Suas aplicações metodológicas exaltam o sentido de pertencimento dos envolvidos com os aspectos físicos naturais, prevalecendo o enfoque sensorial, experimental, afetivo e criativo. Nesse contexto, Sauvé (2005) diz que “o meio ambiente   percebido aqui como uma esfera de intera o essencial para a ecoforma o ou para a ecoontog nese”. A autora destaca que “a ecoforma o se interessa pela forma o pessoal que cada um recebe de seu meio ambiente físico”. Ela ainda salienta que “o espaço 'entre' a pessoa e seu meio ambiente não está vazio,   aquele onde se tecem as rela oes, a rela o da pessoa com o mundo”. Na ecoontog nese destacam-se as diferenças nas rela oes com o meio ambiente e com a natureza entre os beb s, as crianças e os adolescentes, e parte para o princípio de adotar práticas educativas diferenciadas em rela o a esses sujeitos. Antes da resolu o de problemas, são os laços com o meio ambiente que devem ser considerados nas práticas de educa o ambiental.

A corrente da sustentabilidade tenta conciliar desenvolvimento e sustentabilidade, bem como reconhece a importância dos aspectos sociais, mas os trata de modo superficial, deixando prevalecer o desenvolvimento econômico. Sauvé (2005) destaca que nessa corrente, “trata-se de aprender a utilizar racionalmente os recursos de hoje para que haja suficientemente para todos e se possa assegurar as necessidades do amanhã”. A autora ainda deixa claro, que aqui, “a educa o ambiental torna-se uma ferramenta, entre outras, a serviço do desenvolvimento sustentável” (SAUVÉ, 2005, p.37).

Tendo acesso a todas essas diferentes correntes, vê-se   possibilidade de adotar mais de uma corrente como base de nossos estudos, uma vez que as características de algumas se sobrepõem.

Nesse contexto, fica clara a importância de se realizarem ações de sensibilização em educação ambiental com os sujeitos que se envolverão como participantes da intervenção em educação ambiental, como se propõe nesta pesquisa. Elas serão estimuladas a interagir com o meio ambiente de forma sensorial e afetiva. Buscar-se-á despertar nas mulheres rurais o envolvimento com o meio onde vive e também, entender o significado de sua relação com o meio.

Conforme Higuchi e Azevedo (2004), no caso da educação ambiental, é importante termos entendimento de como as pessoas pensam, aprendem e agem no meio em que vivem. Compreender “a percepção que as pessoas têm do mundo, das coisas e das outras pessoas”. (HIGUCHI e AZEVEDO, 2004, p. 64). O conhecimento do modo de vida das pessoas possibilita uma reflexão em relação às atitudes construtivas ou destrutivas encontradas em determinada sociedade. Dessa forma, pode-se “interpretar o que significa para aquelas pessoas fazer ou pensar do jeito que o fazem. Só essa compreensão poderá trazer o cuidado que é preciso ter para introduzir novas práticas”. (HIGUCHI e AZEVEDO, 2004, p.65).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Medeiros e Sato (2013) afirmam que “a educação ambiental para a sustentabilidade deve ter o foco no conhecimento dos processos de vida”. As intervenções de educação ambiental realizadas com grupos sociais não devem ser impositivas, mas sim, reflexiva, crítica, gerando processos criativos e contribuindo para a emancipação dos sujeitos. Referindo-se a educação ambiental emancipatória, hegemônica no campo da educação ambiental, Loureiro (2006) destaca:

[...] Educar para emancipar é reconhecer os sujeitos sociais e trabalhar com estes em suas especificidades. A práxis educativa transformadora, é, portanto, aquela que fornece ao processo educativo as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada. (LOUREIRO, 2006, p.131)

Com base nesse contexto, emerge a importância de não se focar somente ações pontuais, mas em intervenções que atinjam grupos sociais, comunidades, famílias, provocando uma reflexão, sensibilização e mudança quanto às questões ambientais. Segundo Loureiro (2004), “a educação, não é o único, mas certamente é

um dos meios de atuação pelos quais nos realizamos como seres em sociedade”. Esse processo acontece quando “favorecermos a produção de novos conhecimentos que nos permitam refletir criticamente sobre o que fazemos no cotidiano” (LOUREIRO, 2004, p. 16).

Conforme nos mostra Loureiro (2004-b, p.133), se pode usar com toda a propriedade o termo socioambiental, pois ele evidencia que a Educação Ambiental não se refere somente às relações vistas como naturais ou ecológicas, mas também às relações sociais. O termo socioambiental é usado para evidenciar todas as relações que se dão em sociedade em um determinado ambiente de nosso planeta. Na visão deste autor, o socioambiental abrangerá não apenas a visão estática de sociedade/ambiente, mas também aspectos como o cultural, o político, o econômico, o ideológico, os valores éticos e morais.

Estas diferentes formas de relação no contexto ambiental são possíveis porque o meio social é um espaço de desenvolvimento humano, onde acontecem as inter-relações entre saberes e práticas coletivas, as quais “criam identidades e valores comuns e ações solidárias face à reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes” (JACOBI, 2004, p.30).

A educação ambiental vivenciada por meio do diálogo crítico constitui o sujeito que, ao compreender o seu poder de interferência social, transforma a realidade em que vive. É nesta abertura ao diálogo e ao confronto de conhecimento que a educação ambiental se insere, possibilitando que surjam conceitos e práticas sustentáveis.

Para a educação ambiental emancipatória, as atividades de educação ambiental devem envolver os aspectos sociais, ambientais e econômicos, dando ao cidadão a possibilidade de intervir e participar das decisões que afetam o seu meio físico-natural e socioambiental. Entende-se que o desenvolvimento econômico em divergência com a preservação a um meio ambiente equilibrado é uma questão que desafia a humanidade hoje. As gerações futuras precisam uma nova conduta de respeito com o meio ambiente, devendo ser educados para este fim desde a mais

tenra idade. Essas gerações devem diminuir a poluição e o desperdício; precisam aprender a gerenciar os recursos renováveis, para não comprometer sua própria qualidade de vida. “Nessa concepção entende-se que a transformação de uma realidade se concretiza pela transformação de indivíduos que se conscientizam e, portanto, atuam na construção de novas práticas individuais e coletivas.” (GUIMARÃES, 2007, p. 90).

É possível articular e planejar ações entre pessoas de uma mesma comunidade, relacionando e interagindo com formas de conhecimentos populares. Através da educação ambiental e de iniciativas de mobilização é possível transformar seu meio físico-natural tornando-o mais equilibrado e deixando as inter-relações sociais mais justas e solidárias, em prol da melhoria da qualidade de vida e da dignidade humana.

“Uma educação ambiental crítica e emancipatória no meio rural pode contribuir para que os indivíduos que vivem neste meio se percebam como sujeitos ativos na apropriação e na elaboração do conhecimento [...]” (ZAKRZEWSKI, 2004, p. 85). Para Zakrzewski, os indivíduos são agentes de transformação, podendo eles mesmos provocarem mudanças na realidade em que vivem.

No que diz respeito ao meio rural, Carvalho (2001) destaca a importância de trabalhar com grupos de agricultores, por exemplo, passíveis de uma educação ambiental cuja interação com o meio ambiente é mais direta. Em relação à capacidade da educação promover valores ambientais, a autora escreve que o processo educativo não se dá apenas pela aquisição de informações, mas que ele acontece pela aprendizagem ativa, onde se dá a construção de novos sentidos para a vida. “Trata-se de um processo que envolve transformações no sujeito que aprende e incide sobre sua identidade e posturas diante do mundo [...]” (CARVALHO, 2001, p.49).

Conforme Carvalho (2001), a educação ambiental insere-se no campo da educação quando percebida enquanto uma prática de formação de sujeitos e de produção de valores. As atividades de educação ambiental realizadas com grupos

populares apresentam certa afinidade com o espírito da extensão rural agroecológica (área em que esta autora atua profissionalmente), a qual demonstra comprometimento com a emancipação dos indivíduos. Carvalho (2001) explica que,

Nesta perspectiva, o educador ambiental é, sobretudo, um mediador da compreensão das relações que os grupos com os quais ele trabalha estabelecem com o meio ambiente. Atua assim, como um intérprete dessas relações, um facilitador das ações grupais ou individuais que geram novas experiências e aprendizagem. (CARVALHO, 2001, p.49).

De forma análoga, segundo Jacobi (1997), a extensão rural vem ganhando novos rumos pelas suas peculiaridades em tratar a questão ambiental junto aos agricultores familiares, a partir de questões locais e de ações que representam a possibilidade de uma nova reconexão da sociedade humana com o ambiente. A extensão rural é o espaço de constituição de educadores sociais e ambientais que pensam e agem no mundo das práticas da educação ambiental. “O principal eixo de atuação da educação ambiental deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença através de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas” (JACOBI, 2003, p. 197).

O extensionista rural é protagonista nas ações de educação ambiental, pois, através da disseminação de informações e tecnologias, contribui para a sensibilização e a conscientização do público assistido. Atua como facilitador da compreensão das realidades locais, contribuindo para desenvolver atitudes que permitem adotar uma posição crítica frente ao desenvolvimento da sociedade. Enquanto formador de opinião, além do público assistido, o extensionista exerce influência na sociedade onde está inserido para a busca de um desenvolvimento sustentável.

Em relação à formação, Bondía (2015) sugere que seja pensada como uma ideia não prescrita, que não segue um modelo normativo, padronizado e itinerários preestabelecidos, mas como um devir plural e criativo. Sua noção de formação se conecta com sua noção de experiência. Nas palavras do autor:

[...] na formação, a questão não é aprender algo. A questão não é que, a princípio, não sabemos algo e, no final, já o sabemos. Não se trata de uma relação exterior com aquilo que se aprende, na qual o aprender deixa o

sujeito imodificado. Aí se trata mais de se constituir de uma determinada maneira. De uma experiência em que alguém, a princípio, era de uma maneira, ou não era nada, pura indeterminação, e, ao final, converteu-se em outra coisa. Trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito (BONDÍA, 2015, p.52).

Mezomo (2010) ressalta este efeito de transformação dos sujeitos a partir do resgate e valorização de suas identidades possível por meio da educação ambiental na extensão rural, quando esta se dá pela prática diária no conjunto das ações sociais e educativas em que a sustentabilidade e a cidadania são consideradas. Destaca-se, neste sentido, a importância do trabalho direto dos extensionistas com a população rural, onde cada vivência é valorizada, refletindo-se no desenvolvimento de suas atividades.

A possibilidade de se unir extensão rural e educação ambiental, bem como a relação afetiva estabelecida entre as próprias histórias de vida daqueles que vivem no meio rural, é uma das motivações pessoais que levam os extensionistas rurais a engajarem-se na prática da educação ambiental e repensarem suas metas de trabalho.

Atuar em educação ambiental torna-se empolgante quando se tem o envolvimento do público assistido. Mesmo que seja pequena, toda contribuição em prol do meio ambiente tem a chance de ser traduzida em ações concretas de uma maneira sistemática e continuada, pois a partir das intervenções realizadas percebe-se que se modifica, de forma integrada, a realidade de vida dos sujeitos.

Ações práticas e sensibilizadoras levam o ser humano à apropriação do meio ambiente, estabelecendo-se responsabilidades harmoniosas com ele. “Mais do que informações ou transmissão de conhecimentos, a educação ambiental é concebida como a possibilidade de construção de novos valores e atitudes, na forma de comprometimento coletivo” (MEZOMO, 2010, p. 30).

Esta pesquisa torna-se empolgante por estar direcionada ao público feminino, cuja sensibilidade geralmente encontra-se mais aguçada. Um trabalho de forma vivenciada permite catalisar processos de sensibilização, motivação, discussão, conhecimento e a realização de ações, com vistas à reflexão sobre a maneira de relacionar-se com o meio circundante, seja ele social ou ambiental. Para isso é

preciso atentar para as nuances comunicacionais das relações que serão estabelecidas por meio dos processos de educação ambiental que vão ser criados por meio da pesquisa-intervenção, como se propõe.

A comunicação é a base das relações humanas. É troca de sentidos, de conhecimentos. A comunicação face a face se faz necessária entre os indivíduos, fortalecendo as interações sociais dentro de determinada sociedade e determinando suas identidades culturais. Nesse contexto, é preciso garantir que a população tenha acesso a informações ambientais, interagindo com essas informações, dialogando e favorecendo sua participação como cidadãos, mas em processo de diálogo.

Este é um dos papéis do extensionista rural quando envolvido em um processo de comunicação ambiental dialógica. Como diz Leff (2009), “O diálogo de saberes se produz no encontro de identidades [...]” (LEFF, 2009, p. 20).

O saber social emerge de um diálogo de saberes, do encontro de seres diferenciados pela diversidade cultural, orientando o conhecimento para a formação de uma sustentabilidade partilhada. Ao mesmo tempo, implica a apropriação de conhecimentos e saberes dentro de distintas racionalidades culturais e identidades étnicas. (LEFF, 2009, p. 20)

Pode-se dizer que as identidades culturais em um processo de educação ambiental são afetadas pela comunicação. Não existe educação ambiental sem comunicação, a qual tem papel preponderante nos processos educativos relativos à mobilização de atores. A educomunicação socioambiental, integração de saberes de educação e comunicação, potencializa as práticas e reflexões de forma a contribuir para a superação de desafios nesta interface.

Para Soares (2002), a comunicação é um processo aberto a transformações que circulam e se cruzam numa sociedade, podendo ela formar ecossistemas comunicativos, ou seja, um espaço de intervenção social, onde acontecem processos educativos, que fortalecem as relações entre os envolvidos. Os âmbitos cultural e ecológico estão entrelaçados intrinsecamente.

Como afirma Guattari (1990), a natureza não pode ser dissociada da cultura, o ser humano precisa aprender a desenvolver um pensamento transversal para compreender de fato e implantar em sua essência cognitiva e psíquica, a fim de

entender as frágeis relações que regem o macrocosmo deste planeta e o microcosmo entre os seres vivos.

Na teia de relações socioculturais e ambientais descritas neste capítulo, ressaltou-se a conexão íntima existente entre a mulher rural e o meio natural. Esta conectividade se traduz em vivências que refletem sentimentos e percepções, os quais contribuem para o desenvolvimento da subjetividade humana. Para Paulilo (2010), se as mulheres cuidam da natureza de maneira diferente de como o fazem os homens, essa diferença é resultado da vivência de cada um, da sua experiência cotidiana, as quais constituem diferentes identidades e visões de mundo. A sensibilidade presente no feminino parece ser a promotora do cuidado com o meio natural e da interação mais íntima entre ambos, mulher e natureza. Assim, buscam-se transformações socioambientais que contribuam para o equilíbrio dinâmico nos relacionamentos entre o ser humano com os demais seres vivos e com os recursos naturais.

Sendo a comunicação um importante fator de mudança social como aborda Freire (1988), por meio do trabalho de extensão rural pode-se mediar um processo de mudança social, caracterizado pelos processos educativos de informação e formação de um novo sujeito das dinâmicas sociais rurais. Dessa forma, é necessário compreender os âmbitos culturais e sociais que regem a vida no meio rural para que se possam ampliar as experiências dos indivíduos.

Provocar interações diretas dos sujeitos do campo com a natureza a fim de gerar encontros de sensibilização ambiental com mulheres rurais, em um contato direto com o meio onde vivem, é uma forma de oportunizar o desenvolvimento socioambiental no espaço rural.

2.2 O rural como paisagem

Neste capítulo se abordam os encontros e desencontros em relação ao protagonismo da mulher do campo, a partir de análise de artigos que tratam do

trabalho rural, dos movimentos sociais e conquistas das mulheres rurais na busca de seus direitos e empoderamento, diante de um sistema patriarcal.

A situação de desigualdade de gênero no meio rural está relacionada com a naturalização do papel do homem e da mulher, que está vinculada à relação hierárquica dentro das famílias rurais, cuja base material se ancora na divisão sexual do trabalho. Essa diferenciação é condicionada socialmente através de vivências, símbolos e representações, e se reproduz no cotidiano da dinâmica familiar. (HERRERA, 2016, p. 208)

Nesse contexto, entende-se que a divisão sexual de trabalho encontrada no meio rural demonstra que as mulheres rurais ocupam uma posição subordinada e seu trabalho tem pouco reconhecimento. “[...] seu trabalho geralmente aparece como ‘ajuda’, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades que eles.” (BRUMER, 2004, p. 210).

Para Brumer (2004), o serviço doméstico das mulheres camponesas não é visto como trabalho e o crédito da produção agrícola é atribuído ao “chefe da família”. Dessa forma, grande parte das mulheres tendem a tornarem-se dependentes dos maridos para terem acesso à renda, a qual é destinada à compra de utensílios domésticos, de roupas para a família e de produtos destinados à casa – elementos geralmente tratados como de responsabilidade feminina.

Conforme Neves e Medeiros (2013), “as atividades das mulheres rurais não estão apenas circunscritas aos trabalhos domésticos e de *care* (cuidado), pois elas também realizam atividades nas lavouras e na produção de alimentos”, atividades que, na maioria das vezes, não são reconhecidas como parte produtiva da agricultura. Dentro desse contexto, pode-se afirmar que a realidade das mulheres no âmbito rural brasileiro é marcada por muito trabalho e pouco reconhecimento. Para as autoras, as agricultoras sofrem ainda hoje de invisibilidade social e de falta de reconhecimento como trabalhadoras e cidadãs, apesar de se dedicarem integralmente às atividades produtivas e reprodutivas, ou seja, aos trabalhos domésticos e de *care*, em seu cotidiano.

Brumer (2004) destaca que o fato de o trabalho produtivo realizado pelas mulheres ficar na invisibilidade, muitas vezes não recebendo nenhuma remuneração pelas atividades executadas, as atividades agrícolas exercidas por elas são vistas como uma extensão intrínseca às suas atribuições de mãe e esposa. Boris (2014),

por sua vez, contribui dizendo que as atividades realizadas na esfera privada, de cunho reprodutivo (trabalhos doméstico e de *care*), são, geralmente, reconhecidas pela sociedade como atividades naturais do ser mulher, isso porque observam-se estas atividades como sendo ligadas ao afeto e ao carinho que a mulher destina à sua família.

Reforçando esta ideia, Herrera (2016) diz que o fator que impossibilita a visibilidade do trabalho da mulher no meio rural é a visão produtivista e capitalista da agricultura. A autora explica que “o reconhecimento do papel desempenhado pelas mulheres nos trabalhos domésticos e de *care* já são, por si mesmo, um velho entrave” (HERRERA, 2016, p. 210), e isso se justifica pela dificuldade em evidenciar a importância econômica dos trabalhos domésticos e de *care*, ainda mais quando estes recaem sobre o espaço rural, pois ali, segundo Paulilo (2013), “[...] as [próprias] mulheres veem os campos em volta de sua moradia como uma extensão da casa e não separam o trabalho que fazem nos dois espaços, declarando todas as atividades [que realizam] como trabalho doméstico” (PAULILO, 2013, p. 245).

Paulilo (2013) faz referência à divisão de trabalho dizendo que, “é doméstico se é atribuição da mulher”, se ela acompanhar o marido na lavoura, é trabalho produtivo, mesmo que o produto colhido é utilizado para a alimentação da família, e não para venda. “Se cuida da horta e das galinhas sozinha, é trabalho doméstico. Se vende ovos de vez em quando, uma galinha ou outra, é tão pouco que não vale a pena teorizar sobre isso” (PAULILO, 2013, p. 245).

O sistema de dominação patriarcal valoriza o trabalho masculino e produtivo, beneficiando o sistema capitalista. Mas, apesar dessa situação de desigualdade das mulheres frente aos homens, é necessário valorizar o papel da mulher na manutenção e reprodução da agricultura familiar. Pois, “as atividades realizadas pelas agricultoras em seus cotidianos são essenciais para a subsistência biológica e socioeconômica das famílias, para o bem-estar, para a segurança alimentar e a preservação do meio ambiente.” (HERRERA, 2016, p. 211)

O papel da mulher rural como trabalhadora rural, deve se tornar visível à sociedade em sua integridade. Esta discussão se faz pertinente, pois conforme Herrera (2016), “o feminismo brasileiro foi muito marcado por um viés urbano,

inclusive no que diz respeito aos estudos dos trabalhos doméstico e de *care*". É relevante discutir "temas relacionados à ruralidade e às mulheres, tais como, a relevância do trabalho não produtivo para a agricultura, a soberania alimentar, a preocupação da distribuição da terra, dentre outras questões". (HERRERA, 2016, p. 213)

Adentra-se agora no conceito de *care* para relacioná-lo com o tema do espaço do feminino na vida rural. Segundo Herrera (2016), o *care* refere-se ao componente do trabalho reprodutivo que não equivale ao trabalho doméstico, mas que usualmente é realizado em conjunto com as atividades domésticas, envolvendo atividades cotidianas, quer sejam atividades de manutenção da casa, da existência pessoal e do carinho e afeto para com outra pessoa. Para Boris (2014) o trabalho de *care* refere-se a "[...]atividades que se voltam para as necessidades físicas, intelectuais e afetivas e para outras demandas emocionais de cônjuges, filhos e pessoas idosas, doentes ou com deficiências [...]" (BORIS, 2014, p. 103).

Assim, podemos sugerir que, o que sobrecarrega a mulher não são as tarefas produtivas ou domésticas e de *care* separadamente, mas sim as tarefas que ela realiza simultaneamente. O dia a dia da mulher rural é, na maioria das vezes, sobrecarregado de tarefas, pois desde que acorda de manhã, já é encarregada de preparar o café da manhã para os filhos, para o marido, cuidar e alimentar os animais domésticos para então dar continuidade ao que se chama de trabalho produtivo neste estudo, caso da "ajuda" ao marido na lavoura, por exemplo. E mais tarde, junto com o preparo do almoço, precisa ir limpando a casa e lavando as roupas de toda a família, contando às vezes, com o auxílio das filhas, enquanto o marido toma chimarrão e os filhos brincam ou descansam. À noite, enquanto descansam (horas de lazer) ainda fazem um crochê, um tricô ou alguma costura, claro que, além da tarefa de *care*, ou seja, cuidado e atenção para com os filhos e o marido.

Conforme Brumer (2004), no trabalho doméstico, as mulheres têm autonomia e poder, assim como elas também tomam decisões referentes a vendas eventuais e uso dos recursos adquiridos de bens por elas produzidos, tais como ovos, queijo, nata e outros. O autor reforça que a autonomia e poder da mulher nesse domínio, não deve ser superestimado, uma vez que as vendas feitas por elas geralmente são

eventuais e de pequeno valor, e as atividades domésticas são consideradas como secundárias pelos próprios membros da família, em relação às atividades produtivas.

Brumer (2004) destaca algumas qualidades importantes de serem descritas: a capacidade de executar tarefas repetitivas, tediosas e intensivas; a capacidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo; a possibilidade de associar ao trabalho suas responsabilidades na esfera da reprodução, trazendo os filhos junto com elas para a roça ou afastando-se de suas residências por pouco tempo; devido a seus encargos na esfera doméstica, sua disponibilidade para envolver-se preferencialmente em trabalhos temporários, seja concentrado em determinados períodos durante o ano, seja ocupando apenas alguns dias da semana ou algumas horas durante o dia; e a maior docilidade (o que implica maior aceitação das exigências do trabalho e menor número de reivindicações).

Essas características evidenciam a necessária presença da mulher na família e na sociedade. No entanto, o próprio contexto histórico em que se insere a humanidade mostra que culturalmente a mulher vem desempenhando o papel de principal responsável pela casa e pelos filhos, e por isso, “o lar foi se tornando seu espaço por excelência, a ponto de a sociedade passar a só admitir seu afastamento do papel de esposa e mãe em casos de necessidade financeira.” (PAULILO, 2013, p. 243).

Tedeschi (2016) descreve:

É inegável a carga histórica de preconceito e invisibilidade do trabalho feminino. Como também é inegável o papel fundamental que as mulheres têm em suas mãos nas comunidades camponesas. Mas é necessário que a sociedade em geral comece a reconhecer os valores das mulheres do campo, para possibilitar uma sociedade integrada e digna, em que nascer homem ou mulher não limite as capacidades nem as possibilidades das pessoas. (TEDESCHI, 2016, p. 153)

Brumer (2004) relata que, para haver um maior reconhecimento, as mulheres rurais passaram a ser representadas pelo Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), fundado em 1989, durante o Primeiro Encontro Estadual das Mulheres Trabalhadoras Rurais, realizado no município de Erechim/RS, baseado em uma forte representação regional que defendia a autonomia do movimento diante de outros movimentos sociais e organizações. A autora destaca que entre seus

objetivos estavam incluídos a saúde da mulher, a obtenção da licença maternidade e a regularização dos direitos de aposentadoria atribuídos pela constituição de 1988, os quais foram acessados após a aprovação dessa legislação. Além disso, “o movimento defendia o reconhecimento do trabalho da mulher rural e sua integração individual nos sindicatos e cooperativas” (BRUMER, 2004, p.221).

Paulilo (2004) destaca que nos movimentos feministas há pelo menos um ponto comum: todos eles discutem questões ligadas à visibilidade da mulher e à necessidade de se imporem como produtoras rurais, não mais colocando no lugar da profissão, em documentos oficiais, a expressão ‘do lar’, como sempre havia sido o costume. Porém, o autor ainda cita que a expressão ‘produtora rural’ é atribuída com grande naturalidade apenas às mulheres casadas ou viúvas. “O mais perto que as mulheres estão chegando com relação à questão do acesso à terra é buscar titulação conjunta da propriedade e ter o nome no Bloco do Produtor” (PAULILO, 2004, p. 241).

Para as mulheres rurais, a inclusão dos seus nomes nos blocos de produtor rural tem um valor imensurável. Brumer (2004) define esse valor como material e simbólico. “Material porquê concretiza a comprovação de sua situação de trabalhadora rural, viabilizando assim seu acesso aos benefícios da Previdência Social.” E o valor simbólico ao qual a autora se refere, é “porque torna visível e valoriza seu trabalho, representando, para elas, a conquista de uma dignidade que não tinham anteriormente.” (BRUMER, 2004, p.223).

Segundo Brumer (2004), após a promulgação da Constituição de 1988, uma nova caravana nacional de trabalhadoras rurais, em 1991, levou a Brasília representantes de 16 estados, com a finalidade de reivindicar a regulamentação dos direitos sociais conquistados. Vários encontros regionais antecederam a Constituição de 1988, e alguns sucedem até os dias atuais. A celebração do 8 de março de 1984, em Erechim, reuniu mais de mil mulheres trabalhadoras rurais (BRUMER, 2004). Nesse dia internacional da mulher, várias regiões promoveram encontro de mobilização, confraternização e reivindicação de direitos. Na região Centro-Serra, localizada na parte central do estado do Rio Grande do Sul, dia 08 de março de 2019, foi realizada a 27ª edição do Encontro Intermunicipal de Mulheres, a qual reuniu cerca de três mil mulheres. Todos os anos este evento é promovido pela

EMATER/RS-ASCAR, Prefeituras Municipais e Associações Municipais de Trabalhadoras Rurais, envolvendo 10 municípios desta região, a qual Lagoão/RS (município foco da pesquisa) está integrado.

Em relação ao protagonismo das mulheres rurais, Erice e Marques (2017) afirmam que a intersecção ‘Mulher’ e ‘Camponesa’ é, em si, provocadora de processos reflexivos emergentes das questões associadas ao campo e ao campesinato, assim como das questões específicas ligadas à mulher e ao feminismo. Estas autoras descrevem o surgimento da agricultura camponesa, a partir da luta contra o sistema patriarcal e o modelo agrícola capitalista.

Erice e Marques (2017) lembram que no Movimento das Mulheres Camponesas, o debate da saúde teve diferentes fases. Inicialmente, a atenção esteve voltada para a saúde da mulher com ênfase na saúde sexual e nos direitos reprodutivos, passando mais tarde, para um debate sobre a saúde familiar. Hoje ela é vista de uma forma “integral”, fazendo repensar seus modos de vida e a agricultura, com a produção de alimentos orgânicos livres de agrotóxicos. Nesse ponto, as autoras chamam atenção para que se perceba a saúde de forma estendida às práticas cotidianas, assim entendida também como cuidado, que por um lado reconhece a importância deste papel das mulheres, mas, por outro lado, lembra a sobrecarga e a elevação das suas responsabilidades, já que são “as mulheres [que] trazem o cuidado como princípio norteador da vida e das relações”. (MMC, 2013, p. 43).

A maior parte da população feminina não tem a preocupação com a “sobrecarga” de tarefas citadas acima, ainda mais quando se trata de afeto e cuidado. Tedeschi (2016) afirma que as mulheres líderes, vinculadas ao Movimento das Mulheres Camponesas, não discutem e nem refletem sobre situações que envolvem o mundo doméstico, pois elas sabem que podem muito bem conciliar tarefas e atribuições, e ainda dizem que os homens não sabem fazer isso. “É importante salientar que a postura deliberada no depoimento, ‘com as minhas obrigações de dona de casa’, denuncia que, sob aparência da privacidade, essas mulheres não querem abrir mão dos poderes do espaço doméstico” (TEDESCHI, 2016, p. 150).

O que se constata através dos depoimentos das mulheres nos estudos de Tedeschi (2016), é que as mesmas reafirmam seus papéis sociais abraçando substancialmente sua jornada de trabalho e suas responsabilidades para com o bem-estar da família. “A fala das mulheres reproduz a importância da sua força de trabalho: ‘o leite só paga a comida do animal’ - mas ‘paga’ muito mais. Elas sabem do valor e da expressão de sua renda para a manutenção da casa e da família.” (TEDESCHI, 2016, p.150).

Nesse contexto, entende-se que as mulheres agricultoras têm consciência de sua “carga” de trabalho, tanto doméstico como produtivo, e mesmo assim assumem todos os compromissos com responsabilidade e acima de tudo, afetividade. Muitas mulheres agricultoras abrem mão de seus sonhos, de seus interesses pessoais, “pela necessidade de reproduzir ou ajustar-se às identidades construídas pelas representações sociais” (TEDESCHI, 2016, p.151). Estas mesmas representações caracterizam o trabalho feminino e posicionam a hierarquização patriarcal em uma determinada sociedade, distinguindo papéis desiguais para homens e mulheres. Conforme o autor, as obrigações domésticas são o principal argumento pelo qual as mulheres são objeto de discriminação no âmbito familiar, de maneira que, quando assumem outros trabalhos e funções, são mais mal remuneradas do que os homens.

Tedeschi (2016) reafirma:

Não são as mulheres que se inferiorizam, são as relações de poder que lhes atribuem um lugar menor, pois elas falam do trabalho pesado, da divisão dos papéis na família, numa perspectiva de afirmação e não de submissão. Mesmo quando é negado às mulheres o direito de decidir, de participar dos processos de decisão na produção e no próprio espaço doméstico, as mulheres estão em todos os lugares; basta olhar a dinâmica cotidiana rural para que se constate que elas, em maior ou em menor medida, realizam todas as atividades produtivas e reprodutivas na família. (TEDESCHI, 2016, p.152)

Um grande desafio, é a participação das mulheres rurais nos processos de tomada de decisão, sejam decisões em grupo social ou dentro da própria família, rompendo assim tradicionais desequilíbrios existentes entre homens e mulheres e promovendo igualdade numa sociedade que se denomina democrática. A mulher rural, tendo seu papel reconhecido no seio da família e participando das decisões

que influenciam o desenvolvimento da propriedade, contribuirá significativamente para a melhoria da qualidade de vida de todos os integrantes deste contexto.

Dessa forma, o empoderamento da mulher rural é facilitado pelo simples acesso às necessidades básicas, nas especificidades, que movem o dia a dia no campo. Além disso, ela busca cada vez mais, o seu reconhecimento como mulher que participa dos processos produtivos e reprodutivos, que zela pela propriedade em que está inserida, seja pelos aspectos sociais, culturais e ambientais. Faz-se, no entanto, ainda necessário argumentar em favor da promoção de oportunidade social, pois o “desenvolvimento não pode realmente concentrar-se tanto apenas nos detentores de poder” (SEN, 1999, p. 317).

Há desencontros (desigualdade, submissão) e também encontros (reconhecimento, protagonismo) quando se trata do processo de empoderamento da mulher rural. Os avanços sociais conseguidos por estas mulheres no decorrer dos anos reforçam que as lutas protagonizadas por elas tiveram e têm papel imprescindível no processo de desenvolvimento democrático brasileiro, conforme destaca Ramos (2014). Segundo este autor, as conquistas das mulheres no cenário nacional fazem parte de mudanças que, aos poucos, foram acontecendo nas famílias, nas comunidades, nos municípios, nos estados. E embora estas manifestações tenham chegado mais tarde no campo, “são elas as responsáveis pela magnífica revelação das potencialidades das mulheres rurais”. (RAMOS, 2014, p. 46).

Mulheres fortes, que sabem o que querem e que são capazes de chefiar famílias e suprir as suas necessidades, pautando sua atuação na conservação do núcleo familiar, na igualdade de responsabilidades e direitos. O protagonismo das mulheres rurais se inscreve num cenário que busca, não somente através de leis, a igualdade entre homens e mulheres, mas que almeja uma mudança na cultura da igualdade de gênero dentro da população. (RAMOS, 2014, p.46).

Ainda no contexto do debate sobre o empoderamento é relevante fazer referência aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente ao ODS 5 que integra a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, o qual propõe “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (ONU, 2016).

O empoderamento das mulheres – um dos objetivos centrais da Plataforma de Ação de Pequim - foi elaborado durante a IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, realizada em Pequim, em setembro de 1995, a qual, para Viotti (2006), sem dúvida, foi a maior e a mais importante das conferências sobre mulheres: pelo número de participantes que reuniu, pelos avanços conceituais e programáticos que propiciou, e pela influência que continua a ter na promoção da situação da mulher. Esse objetivo “consiste em realçar a importância de que a mulher adquira o controle sobre o seu desenvolvimento, devendo o governo e a sociedade criar as condições para tanto e apoiá-la nesse processo” (VIOTTI, 2006, p.149).

Seja em ambiente urbano ou rural, o empoderamento feminino está relacionado às possibilidades de trabalho e aos modos de vida, de sentir, de pensar, de fazer e de viver. O meio agencia estes modos.

Aos contextos rurais endereça-se toda uma gama de discussões produzidas e também produtoras de modos de existência. Mais do que o palco onde a vida acontece, os contextos rurais constituem-se como agenciadores de modos de vida. (GOMES, NOGUEIRA e TONELI, 2016, p.116)

2.3 O rural como ambiente de trabalho

Cada experiência de vida conta das relações afetivas, sociais e ambientais que se passam. No âmbito rural, o qual Gomes, Nogueira e Toneli (2016) definem como “espaço de representação e de ação”, há especificidades. O espaço/tempo/lugar rural difere de outros.

Segundo Tuan (1983) “o espaço é abstrato e o lugar é concreto”, pois o lugar é definido pelas coisas materiais e vivências dentro de um determinado espaço, que é mais abstrato; o lugar é onde se encontram os objetos e onde estes criam vidas por intermédio de seus autores/atores.

Para Tuan (1983), “na imaginação é fácil tratar espaço, tempo e lugar separadamente. Na experiência vivida eles estão indissolavelmente ligados” (TUAN,

1983, p. 5). As pessoas são sempre influenciadas pela cultura, herdadas ou criadas muitas vezes por elas mesmas a partir de sua própria realidade, onde constroem seus valores através de suas experiências de vida. Quanto mais as pessoas permanecem em determinado lugar, mais se apegam a ele, desenvolvendo sentimentos afetivos, criando laços integrativos. O espaço, na medida em que adquire significado e definição, vai se transformando em lugar. Lugar pode significar mais do que espaço físico, pode dar noção de espacialidade, que significa mais liberdade para agir ou para movimentar-se. Tuan acrescenta que “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos” (TUAN, 1983, p.37).

Segundo Tuan (1983), “espaço e lugar são termos familiares e complementares: o que começa como espaço indiferenciado acaba assumindo a configuração de lugar, ao conhecermos e o dotarmos de valor” (p. 148). Espaço não é simplesmente uma ideia, mas um conjunto complexo de ideias onde diferentes sujeitos o caracterizam conforme sua necessidade ambiental, cultural e social. O sentido de espacialidade e de tamanho pode ser influenciado pelo meio ambiente, pela cultura e pela experiência que cada um tem. O espaço é uma categoria de suma importância para que o indivíduo seja partícipe de uma sociedade. É no dia a dia do espaço que as ações humanas acontecem, e essas ações vão muito além de utilizar o espaço como uma simples orientação, elas levam em conta as vivências sociais e culturais de cada indivíduo, pois, como afirma Tuan (1983) “tempo e espaço são estruturados em torno da intencionalidade e da atividade” (TUAN, 1983, p. 9).

Para Cabral (2007) “[...] o espaço em si pode ser primordialmente dado, mas sua organização e sentido são produtos da transformação e experiências sociais” (CABRAL, 2007, p. 145). Não há como dissociar espaço, lugar e tempo, pois estão concomitantemente alinhados em uma mesma dimensão. Dimensão esta, que está elencada às experiências vividas, onde o material e o social fazem sentido juntos. Cada história vivenciada dá significação a um determinado lugar, num determinado espaço em um determinado período de tempo.

No espaço rural sempre é identificado uma paisagem diferente, conforme a leitura que cada um faz a partir de uma determinada observação de um determinado

lugar. Cabral (2007) fala que “a paisagem percebida é também significada e construída” (p. 150), já que cada indivíduo, cada “povo” faz sua própria leitura em uma determinada paisagem, enfatizando sua significação conforme sua vivência.

“A paisagem pode ser considerada um texto que serve a uma multiplicidade de leituras” (TUAN, 1983, p. 150). A paisagem é tudo aquilo que vemos. Ela se constitui a partir da presença em diferentes escalas dos elementos naturais e culturais sobre os quais a sociedade interage e cuja percepção permite a leitura do espectador. E cada espectador tem a sua forma de ver o mundo, uma determinada paisagem vista aos olhos de um indivíduo, pode não ser a mesma vista por outro. E assim as paisagens vão se construindo, numa lógica humanística, sob perspectivas ambientais, sociais e culturais, onde traços afetivos se fortalecem e caracterizam “aquele espaço”, “aquele lugar” e “aquela percepção da paisagem”, ao longo do tempo.

Perante o entendimento de Sauer (1998), a paisagem vista sob o alcance de nossos olhos, ou seja, a imagem puramente natural, é a paisagem primeira a ser valorizada. Conforme este mesmo autor, para entender uma cultura, o modo de vida de um povo, é necessário primeiro conhecer a paisagem natural, pois a paisagem cultural é decorrente das transformações causadas pelo homem na natureza.

Conforme ressalta Salvador (2008), a paisagem é uma miscigenação dos elementos naturais e humanos, onde ambos constituem uma espécie de texto que pode ser interpretado de diferentes modos por quem o vê. Uma paisagem transmite funcionalidades, significados, ideias e valores, e assim, projeta uma imagem em movimento. Em movimento porque o ser humano muda os elementos naturais de lugar, transformando-os. Da mesma forma, ele mesmo muda de lugar, transformando a si mesmo, mudando a sua própria maneira de enxergar o ambiente e nele colocar-se. Como destaca Monbeig (2005), a paisagem é aquilo que se vive, é também história em movimento.

As funcionalidades se apresentam através das relações entre os elementos naturais e humanos que vão sendo constituídas, como afirmam Corrêa e Rosendahl (1998). Os significados vão se formando ao longo do tempo, pois, “[...] a paisagem é

portadora de significado, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica” (CORRÊA E ROSENDAHL, 1998, p.8).

O simbolismo da paisagem é formado a partir do momento que a vemos como uma dimensão social. Assim, fica impossível isentarmos o ser humano de uma paisagem geográfica, sabendo que ali, ele faz história. Para Cosgrove (1998), as paisagens são formadas por significados simbólicos “[...] porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE, 1998, p.108).

Com base nesse contexto, acredita-se que a funcionalidade dos elementos que permeiam uma paisagem, sejam eles naturais ou humanos, é o que, de fato, determina o simbolismo desses elementos. O que eles representam para as pessoas leva ao entendimento sobre as suas relações com a paisagem. Dessa forma, a representatividade de cada elemento, seja ela real ou atribuída, dotada de valor, qualifica a paisagem vivida.

A vivência de cada pessoa em determinada paisagem é impregnada de subjetividades, de sonhos e emoções individuais, pois, como acentua Oliveira (2000), “[...] a paisagem é um espaço de cada ser humano, um espaço individualizado” (OLIVEIRA, 2000, p.19). Nesse espaço individualizado, segundo a autora, podemos explorar melhor as interações entre o ser humano e o meio ambiente. O contexto da interação se dará pelas circunstâncias em que o sujeito ali fará sua atuação, como ele experiencia e dá significados à paisagem.

Para entender o mundo e para melhor comunicar-se com o ambiente que o rodeia, o sujeito necessita de todos os sentidos: “uns sentidos suprindo os outros, uns se destacando sobre os outros” (OLIVEIRA, 2000, p. 21). Pelos órgãos dos sentidos, sentem-se os estímulos externos do ambiente e, com eles, pode-se ou não produzir uma paisagem mais profunda sobre si mesmo ou sobre o meio em que vive. Assim, pode-se compreender, que quando os órgãos do sentido são explorados com atenção plena a paisagem se torna cada vez mais repleta de informações. Segundo Tuan (1980), “a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Os órgãos dos sentidos são pouco eficazes quando não são ativamente usados” (TUAN, 1980, p.14).

Para Guimarães (2002),

A experiência ambiental nos induz à reflexão da existência destes espaços e lugares, pois as paisagens circunscritas aos mesmos, envolvendo nossas vidas e ancorando recordações, encontram-se impregnadas de significados. Estes são renovados a cada experienciar, redefinidos sob planos de representações variadas, resultantes do próprio espírito humano: inquiridor, descobridor, criativo e imaginante (GUIMARÃES, 2002, p.125-126).

Os aspectos subjetivos do mundo vivido, conforme Guimarães, se cristalizam formando paisagens marcadas pela racionalidade e pela afetividade. Dessa forma, propõe o conceito de “paisagem vivida”, que “relaciona-se aos processos de cognição, percepção, afetividade, memória, alienação e construção de imagens” (GUIMARÃES, 2002, p.124).

Parafraseando Lima (2000), nas diversificadas paisagens encontramos marcas da história vivida pelas sociedades, onde a adaptação do homem é parte significativa na construção destas paisagens. Assim, segundo esta autora, cada ser humano constrói e seleciona, de forma íntima e individual, “as paisagens que envolvem sua própria história de vida, numa revelação de símbolos que encerram em si as atitudes, percepções, os sonhos e sentimentos únicos, singulares, relativos as suas vivências” (LIMA, 2000, p.8).

Na convivência do sujeito com a paisagem, conforme destaca Cabral (2000), esta revela-se numa experiência íntima, do contato direto do humano com os elementos naturais, e simbólica, ou seja, da significância que estes elementos (naturais e não-naturais) possuem em suas vivências, pois “[...] cada objeto é percebido e interpretado em função de seu contexto [...]” (CABRAL, 2000, p.37). Dessa forma, julga-se dizer que é através dessas representações que as paisagens ganham vida.

"Falar de paisagem é falar de nós mesmos", diz Carvalho (2011, p.38), pois a paisagem é determinada pelos valores atribuídos pelos sujeitos que nela fazem história. Para Souza (2016, p.627), a paisagem está relacionada à imagem que o homem tem do lugar, já que o mundo é percebido segundo suas experiências.

Cortez e Ortigoza (2006), ao fazer a leitura da paisagem, colocam que por meio dela pode-se enxergar a qualidade ambiental e de vida das pessoas que habitam o lugar. Com base nesse contexto, podemos adentrar no termo paisagem socioambiental, pois exprime interações dos componentes naturais com as ações antrópicas, como explica Mezzomo (2010, p.30). A paisagem é o cenário das experiências cotidianas, uma vez que as pessoas se encontram envolvidas pela paisagem e, ao mesmo tempo, constituem parte dela. Quanto mais se conhece uma paisagem, mais tende-se a desenvolver afetividade em relação a ela.

A diversidade de paisagens construídas faz com que, na complexa sociedade moderna, os gostos individuais por ambientes naturais variem enormemente. Algumas pessoas preferem viver em lugares inóspitos do que visitar esses lugares. E assim, não se pode definir o meio ambiente ideal das pessoas simplesmente olhando o local onde elas vivem.

As mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem. (TUAN, 1980, p.108).

Para Tuan (1980), o apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo, pois eles ganham a vida com ela e, por isso, conhecem bem a natureza. O autor conta que quando os corpos dos trabalhadores franceses doem de cansaço, eles dizem que seus ofícios formaram parte deles. “Para o trabalhador rural a natureza forma parte deles - e a beleza, como substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica”. (TUAN, 1980, p. 111)

Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. “A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças [...]. A apreciação estética está presente, mas raramente é expressada” (TUAN, 1980, p. 111). Tuan, (1980) ainda ressalta que:

Para viver o homem deve ver algum valor em seu mundo. O agricultor não é exceção. Sua vida está atrelada aos grandes ciclos da natureza; está enraizada no nascimento, crescimento e morte das coisas vivas; apesar de dura, ostenta uma seriedade que poucas outras ocupações podem igualar. De fato, pouco se sabe sobre as atitudes dos agricultores para com a

natureza. O que existe é uma vasta literatura, em grande parte sentimental, sobre a vida rural, escrita por pessoas com mãos sem calosidade. (TUAN, 1980, p. 113)

Para Brandão (1999), o ofício de trabalhar na lavoura é o mais essencial e sagrado de todos os trabalhos feitos com a sensibilidade e as mãos, pois estabelece uma interação entre os seres vivos (humano e vegetal) recriando a “vida” novamente. Para o autor, a terra como um todo, é percebida como um conjunto de sistemas vivos. Todo esse sistema não somente é apropriado pelo sujeito, mas reage a ele, retribuindo-lhe alimento, renda e satisfação.

A cumplicidade entre o homem e a natureza se expressa no seu dia a dia nas mais diferentes formas. Viver sobre a terra e tirar dela seu sustento, torna-a consagrada para quem vive ali, fazendo com que o sujeito se aproprie do lugar e gere vínculos afetivos com o mesmo, pois “[...] o entorno do ambiente é de fato vivido e representado sempre em função de suas diferentes alternativas de apropriação, transformação e utilidade, na socialização motivada do mundo natural. [...]” (BRANDÃO, 1999, p.66).

Para além da relação de afeto à terra vivido pelos que vivem no ambiente rural, percebe-se que quando uma sociedade alcança certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza. E nessa simplicidade é que um contato mais humano com o meio ambiente tem notoriedade, pois permite ao indivíduo maior intimidade com o lugar onde vive. “Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele” [...] (BOFF, 2004, p.96).

A intimidade e o cuidado com a natureza, refere-se ao contato humano, mais especificamente ao contato feminino. Segundo Garcia (2009), podemos perceber que há uma relação íntima e parecida entre as mulheres, a terra e a natureza. “A Terra sempre esteve simbolicamente conectada ao corpo feminino, produtor de vida” (GARCIA, 2009, p.12). Todas geram, cultivam e recriam a vida nas diferentes espécies. Por isso essa sensibilidade que as mulheres carregam em relação à natureza é tão visível e presente nas suas atitudes.

Na agricultura familiar, as tarefas realizadas no dia a dia da mulher rural incluem a produção de alimentos para consumo da família. As mulheres rurais são as responsáveis por mais da metade da produção de alimentos do mundo (ONU Brasil, 2018). Elas exercem também um importante papel na preservação da biodiversidade e garantem a soberania e a segurança alimentar ao se dedicar a produzir alimentos saudáveis. “A produção em hortas, pomares e cuidado com pequenos animais é reconhecidamente tarefa feminina, com participação quase inexpressiva dos homens” (HERRERA, 2016, p.8). Para a autora, as agricultoras têm papel fundamental no que concerne à manutenção e reprodução social da agricultura familiar, uma vez que as suas atividades cotidianas estão relacionadas integralmente às suas famílias e a seus estabelecimentos agrícolas.

No entanto, observam-se mudanças gradativas na relação das mulheres e homens com a terra.

Na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais. Fora da decrescente população rural, o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional. [...] O que falta às pessoas nas sociedades avançadas (e os grupos hippies parecem procurar) é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo da vida era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutavam (TUAN, 1980, p. 110).

Vive-se hoje numa sociedade complexa, onde as pessoas buscam soluções para os problemas complexos que elas mesmas causaram. São problemas sociais, ambientais e econômicos que transformam o dia a dia das pessoas numa corrida contra o tempo e, nesse percurso, as pessoas se dispersam e se distanciam cada vez mais das relações humanas e ambientais.

Os aspectos relacionados aos problemas citados se entrelaçam em vários pontos: o maior número de crimes ambientais tem forte ligação com o capitalismo, as pessoas queimam, desmatam e poluem o meio ambiente da forma mais severa para poder desfrutar economicamente dos recursos naturais, como se estes fossem disponíveis de forma infinita para beneficiar o ser humano. E então, os problemas sociais se fortalecem dentro desse capitalismo desenfreado, onde o ser humano, na sua forma mais egocêntrica, deseja sempre mais capital, mesmo que a terra seja prejudicada com isso. As relações sociais, neste contexto, também se enfraquecem,

pois de um lado temos aqueles que destroem, outros que são destruídos e, ainda, aqueles que defendem e lutam pelas causas ambientais.

Nessa sociedade complexa, se amplia a distância nas relações sociais, das relações consigo mesmo e com o universo. Torna-se necessário mudar a maneira de pensar, ser e atuar no mundo, estabelecendo interações significativas consigo, com a natureza e com a sociedade, construindo outros modos de viver.

Zhourí e Oliveira (2010) afirmam que é nessa ambiência reflexiva que os conflitos ambientais podem ser compreendidos, pois a questão ambiental não pode ser entendida como una, universal e objetiva. As autoras reforçam que, “na sociedade, os sujeitos sociais apresentam-se como portadores de relações e interações diferenciadas com o meio ambiente, considerado como uma construção ao mesmo tempo simbólica, social e material”. (ZHOURI e OLIVEIRA, 2010, p. 444). A concepção de si, do mundo, da paisagem e do outro afeta os modos de aproximação com o entorno.

Sob essa perspectiva, é necessário criar outras possibilidades de educação ambiental, para além das relações ecológicas e do sentido categórico de preservação. É necessário trabalhar esse tema diretamente com as pessoas, com as famílias ou grupos sociais, visando à construção de uma nova cidadania que retoma o ser humano no seu sentido integral, fortalecendo o sentimento de pertencimento planetário, através de uma perspectiva da dimensão humana, como parte do cósmico, conforme cita Rivaroli e Albernaz (2017).

A velocidade com que as mudanças vêm acontecendo reflete diretamente em insegurança e ansiedade. Isto justifica o grande número de pessoas com depressão na atualidade. Para Guattari (2015), o individualismo e a fraqueza das relações não deixam de ser problemáticas ecológicas e também são questões importantes para a educação ambiental que se compromete com as questões contemporâneas. A felicidade na contemporaneidade resume-se em “ter” e não em “ser”. Para o filósofo, “a subjetividade se encontra deste modo ameaçada de petrificação, perde a vontade pela diferença, pelo imprevisto, pelo acontecimento singular” (GUATTARI, 2015, p. 30).

Os meios de comunicação de massa a qual diariamente preenchem o tempo com inúmeras informações e com grande velocidade, acabam por cancelar as possibilidades de experiência. Bondía (2002) destaca que “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”, seja por excesso de informação, de opinião, de tempo ou por excesso de trabalho, fazendo com que as pessoas, cada vez mais, assumam um papel passivo diante da vida. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...] A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...]” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Para Tuan (1983), a experiência pode ter a conotação de passividade, pelo que uma pessoa suportou, tem sofrido ou aprendido com os acontecimentos. Mas experienciar é também aprender com base na própria vivência, atuar e criar a partir de dados, apesar de não se poder conhecer sua essência, o que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento.

A importância da experiência, na citação de Bondía (2002), remete e reforça além do modo de ser/viver experienciado, à necessidade do “momento de parada”:

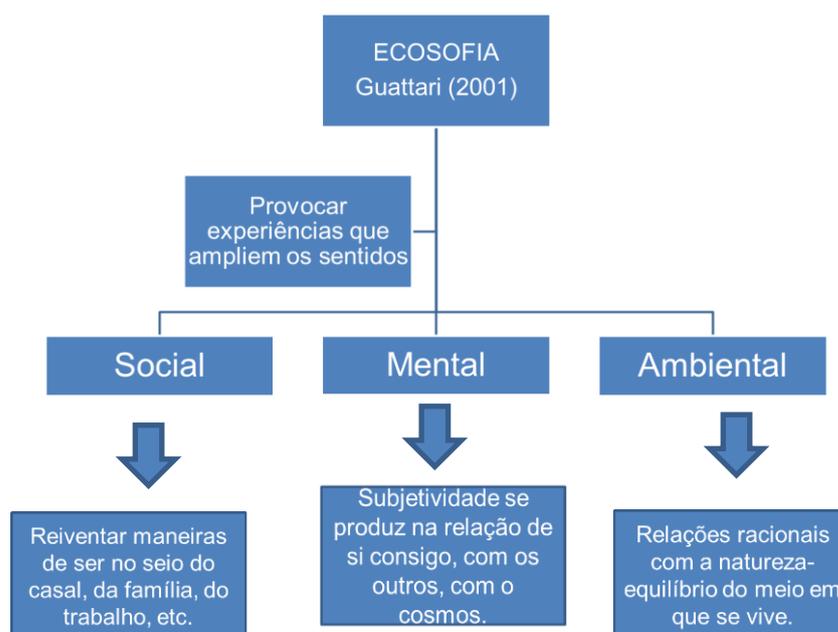
A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 5).

Para Bondía (2002), no mundo contemporâneo tudo se passa muito depressa, de forma instantânea, pontual e fragmentada, não deixando vestígios de excitação ou alguma conexão significativa entre os acontecimentos. O autor ressalta a necessidade de um tempo mais lento para que o sujeito da experiência se faça pela sua própria existência, pela sua capacidade de formação ou transformação. Deste modo, sente o emergir do saber da experiência, ou seja, do modo como o sujeito responde ao que lhe acontece no decorrer da vida e como dá sentido ao que lhe acontece. Afinal, “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (BONDÍA, 2002, p.27).

Mendonça (2007), ao abordar as possibilidades de experimentação em meio à natureza, afirma que permitem às pessoas ser como são, pois, “a consciência não é algo que se impõe ou se ensina, mas que se amplia durante toda a experiência da vida” (MENDONÇA, 2007, p.12). Esta autora enfatiza que as vivências com a natureza possibilitam às pessoas aflorar novos sentimentos em relação a si, aos outros e ao ambiente, oportunizando, dessa forma, um reconhecimento de suas responsabilidades perante os acontecimentos ao seu redor.

Guattari (1990) defende que só uma articulação ética, política e estética, o que ele chama de Ecosofia – nas esferas do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana, é que poderia ajudar a esclarecer as questões que ameaçam nossas sociedades e nossas vidas. Nessa perspectiva, o pensamento ecosófico de Guattari expressa as formas como as pessoas interagem entre si, com o meio físico e consigo mesmas. Assim, através da compreensão destas que ele denomina de três ecologias torna-se imprescindível provocar experiências que ampliem os sentidos (ESQUEMA 01).

Esquema 1- Como a ecosofia se expressa por meio da articulação entre as três ecologias



Fonte: Da autora.

A ecosofia social consistirá, portanto, “em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc.” (GUATTARI, 1990, p. 15). Trata-se aqui de uma desintegração entre os grupos, onde cada vez mais as pessoas encontram-se isoladas, conectadas aos meios de comunicação mais tecnológicos e distantes da afetividade. Essa situação está presente em quase todos os lugares, nas escolas, nas famílias, no trabalho e, por isso, o autor trata da ecosofia social com a intenção de desenvolver práticas específicas para modificar e reinventar essas relações de “ser em grupo”.

A ecologia mental refere-se a uma produção passível de mudança, em que a subjetividade se produz na relação de si consigo, com os outros e com o cosmos (RIVAROLI e ALBERNAZ, 2017, p. 183). Guattari (1990) reforça:

As relações da humanidade com o *socius*, com a psique e com a "natureza" tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto (GUATTARI, 1990, p. 23).

A ecosofia ambiental, “aponta a necessidade de se relacionar, de forma ao mesmo tempo racional e subjetiva, as relações da natureza com o meio social, implicando no social, no político e no econômico” (TORRES, 2009, p. 160). É preciso tomar consciência da problemática ambiental em que se está inserido, pois a crescente deterioração dos recursos naturais coloca em risco a qualidade de vida. Com isso, faz-se necessário uma reforma de pensamento, onde possa promover ações que contribuam para o equilíbrio do meio em que se vive.

Dessa forma, como lembra Cavalcante (2017), a ecosofia estimula uma ampla consciência ambiental, possibilitando extrair do campo da aprendizagem e do conhecimento o potencial de cada um tornar-se capaz de compreender o que o planeta precisa e rever suas ações. “Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, [...]. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores” (CAPRA, 1996, p.23).

A partir desse contexto, salienta-se a importância das experiências ecosóficas para minimizar os conflitos psicossocioambientais contemporâneos. O contato humano com o mundo natural precisa ser experienciado de modo envolvente e sensibilizador para transformar os sujeitos. As relações sociais e ambientais sempre existiram e sempre existirão, o que se modifica nessa teia de relacionamentos com o passar do tempo, são as formas de convivência.

Na vida do meio rural, as pessoas têm uma relação mais estreita com a natureza, porém, o contato afetivo que elas têm com os recursos naturais e com as outras pessoas, está se modificando. Presenciam-se cenários em que as famílias não mais visitam umas às outras, não participam da comunidade ou grupos sociais, e vivem relações cada vez mais frias em suas próprias casas. Se há essa desconectividade humana, social e ambiental, ela precisa ser reconhecida pelos próprios sujeitos envolvidos, para que seja possível criar novas formas de ver e se relacionar com/no o mundo.

Ao longo da história percebe-se que o ser humano deixou, paulatinamente, de se perceber como um ser complexo, deixando-se, muitas vezes, ser manipulado ao sabor das tendências, tornando-se apenas um ponto de referência estatístico imerso em uma cultura consumista, constituindo-se um subjetivo estereotipado.

Guattari (1990) propõe pensar o homem enquanto um ser psíquico, envolvido e envolvente, e não como um objeto no ou do meio. “É a relação da subjetividade com uma exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. [...]” (GUATTARI, 1990, p.8)

Para o autor, o homem trocou a contemplação da descoberta pelo amadurecimento imposto pelas necessidades do existir, abandonando o real significado do conhecimento para a existência. Portanto, aquilo que pode ser dado como um avanço tecnológico é, na verdade, um caminho inverso para a sua sustentabilidade, de forma que os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. Tal fato pode ser interpretado como uma involução, pois, como afirma Guattari, “[...] não somente as espécies

desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana [...]” (GUATTARI, 1990, p. 27).

Para Guattari (1990), é necessário criar novos territórios existenciais, a partir da articulação das três ecologias (da subjetividade, das relações sociais, do ambiente), capaz de bifurcar em reiteraões que possam permitir que se torne habitável um projeto humano, que ajude a nortear os caminhos trilhados pela humanidade para o melhor desenvolvimento individual e coletivo, incorporando as questões ecológicas, sociais e morais de forma que mundos não se resumam a informações abstratas.

É necessário que se estabeleça um modo para que se reaprenda a ser humano novamente, para que se possa perceber o meio como um aliado parceiro e não apenas como um meio irrestrito de subsistência, diz o autor. Pois só assim, mudanças concretas podem tomar forma e auxiliar no melhor desenvolvimento da humanidade. Que não somente se vise o lucro e a produção desenfreada, mas que se produza de forma sustentável, a fim de que o próprio ser humano tome consciência de seu papel fundamental no melhoramento do presente para que o futuro seja possível, afirma.

Para Guattari (1990), a ecosofia anseia uma reapropriação da mídia pela multidão de sujeitos e grupos-sujeito capazes de gerir a máquina midiática em busca de uma ressingularização dos valores. Não se trata, claro, de um novo modelo de sociedade pronto para consumo. Trata-se, acima disto, de ceder lugar às desterritorializações do social, pois a subjetividade instaura-se tanto no meio ambiente, nos agenciamentos do social e, ao mesmo tempo, nas mais desconhecidas paisagens do indivíduo, escreve Guattari. Importa, para ele, aprender o mundo a partir dos três vasos comunicantes que constituem os três pontos de vista ecológicos deste contexto: ecosofia ambiental, social e mental.

Ao pensar a educação ambiental com Guattari (2012) atenta-se para a complexidade contemporânea, em que o ambiente é entendido em sua interdependência com todos os fenômenos, sejam eles naturais, sociais ou mentais. As três ecologias estão sempre imbricadas. “Pensar com a ecosofia é acolher um

pensamento múltiplo sem dar um juízo de valor, é se colocar junto ao problema que se enfrenta” (RIVAROLI e ALBERNAZ, 2017, p.186).

Se colocar junto ao problema, vivenciar as relações socioambientais de forma mais profunda, instigam um novo processo de conhecimento. Ao conhecer, o sujeito se reconhece, e é nesse âmbito que se forma uma relação mais profunda deste sujeito consigo mesmo. Nesse contexto, as intervenções em educação ambiental, como se propõem nesta pesquisa-intervenção, constituem uma nova forma de olhar para si, olhar para o outro e olhar para o mundo, contribuindo para a formação de um novo paradigma, em confluência com novos sentidos e novos saberes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Classificação da pesquisa

Os procedimentos metodológicos de abordagem adotados neste estudo têm como base a metodologia qualitativa, pois tratam da “investigação de valores, atitudes, percepções e motivações do público pesquisado com o objetivo principal de compreendê-los com profundidade” (CHEMIN, 2015, p. 56). Conforme Goldemberg (1998), não é a expressividade numérica de uma pesquisa na área das ciências sociais que influenciará na análise dos dados coletados, mas sim a compreensão e a descrição densa dos fenômenos estudados que terão representatividade em uma pesquisa qualitativa.

Quanto ao objetivo geral, a pesquisa se caracteriza como descritiva e explicativa, sendo os tipos mais utilizados nas pesquisas sociais. A descritiva, como o nome sugere, “descreve as características de determinada população ou fenômeno” (CHEMIN, 2015, p. 58); enquanto a explicativa tem “como preocupação identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fatos e fenômenos” (CHEMIN, 2015, p. 59). Esta pesquisa, segundo os procedimentos técnicos classifica-se como bibliográfica, documental e pesquisa de campo.

Trata-se de pesquisa bibliográfica por estar embasada em materiais publicados, como livros, revistas e periódicos. Conforme Duarte e Barros (2008), os pesquisadores precisam revisar a literatura existente sobre o assunto para conhecer o que já existe: “[...] a revisão da literatura acompanha o trabalho acadêmico desde a sua concepção até sua conclusão [...]” (DUARTE e BARROS, 2008, p. 54).

A pesquisa bibliográfica inclui a análise integrativa de estudos que já haviam sido feitos e publicados no principal portal de periódicos nacional, o Portal de periódicos da CAPES, um portal de informação científica desenvolvido pelo Ministério da Educação. Utilizou-se como ferramenta de busca os operadores booleanos (*and*, *or* e *not*) que permite uma combinação entre os termos de busca.

Para os termos “Mulheres Rurais *and* Natureza” obteve-se um resultado de 55 artigos. Através de uma leitura realizada nos títulos e resumos destes artigos, selecionaram-se 10 deles por condizerem, em alguma parte de seu conteúdo com o tema proposto na pesquisa. Após a leitura mais profunda de todos os artigos selecionados, constatou-se a importância de se referenciar todos os estudos nos capítulos que fundamentaram teoricamente esta pesquisa (APÊNDICE A).

Usando para análise os termos: “Ecofeminismo *and* rural”, obteve-se um resultado de 66 artigos encontrados. Destes, oito artigos foram selecionados por apresentarem particularidades semelhantes à pesquisa em questão. Os demais 58 artigos foram descartados por não se relacionarem diretamente. A partir de uma leitura mais detalhada destes artigos, dois deles foram excluídos por referirem-se a uma introdução de dossiê, outros dois artigos não foi possível acessar na íntegra, o que totalizou quatro artigos que contribuíram para a fundamentação desta pesquisa (APÊNDICE A).

A partir da busca com os termos “Mulheres *and* Educação Ambiental” encontraram-se 216 artigos, dos quais, inicialmente, identificou-se que somente seis estavam relacionados com o tema da pesquisa. Com a leitura atenta dos artigos selecionados, verificou-se que um deles não se adequava, restando cinco artigos que foram incorporados à fundamentação teórica deste estudo (APÊNDICE A).

Dada a relevância que o conceito de paisagem foi assumindo ao longo do estudo, ao finalizar a pesquisa de campo foi realizada nova busca no Portal de periódicos da CAPES, numa tentativa de buscar maior aprofundamento no conceito de "paisagem socioambiental". Foram encontrados 268 artigos, porém, apenas 1 destes tinha relação com o tema desta pesquisa. Com isso, pesquisou-se também na plataforma Google, onde foram encontrados mais artigos e livros, os quais,

auxiliaram no entendimento do conceito de paisagem socioambiental a partir de uma perspectiva de paisagem vivida.

Esta pesquisa também utilizou-se de documentos públicos ou privados, caracterizando-se também como pesquisa documental. A pesquisa documental é semelhante à pesquisa bibliográfica, porém difere porque “se vale principalmente de fontes que ainda não receberam organização, tratamento analítico e publicação específica, [...]” (CHEMIN, 2015, p. 61). Como contribuição para a elaboração desta pesquisa foram consultados os seguintes documentos que constam no acervo do Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar de Lagoão: Estudo de Situação e Sisplan - Sistema de Planejamento, os quais contêm dados relevantes do município (históricos, geográficos, demográficos e institucionais), revistas, relatórios e anais de trabalhos em educação ambiental, além de dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A pesquisa de campo incluiu entrevistas individuais ao início e ao final do processo de coleta de dados; intervenções colaborativas de educação/sensibilização ambiental junto a um grupo de mulheres rurais; observação direta e rodas de conversa em grupo/grupo focal. Antes de caracterizarmos o uso destas técnicas busca-se caracterizar a amostra e o contexto do estudo.

No que se refere aos aspectos éticos, os participantes receberam e assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE D) onde foram incluídas as mulheres que tiveram seu nome ou sua imagem vinculados a esta pesquisa.

Efetou-se um adendo, junto à Plataforma Brasil, a pesquisa Práticas Ambientais e Redes Sociais da coordenadora, que junto ao CNPq mantém o grupo Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (Ceami), o qual está vinculado ao Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari – Univates.

3.2 Amostra e contexto da pesquisa

Como forma de aprofundamento do estudo proposto foi tomado como amostra desta pesquisa um grupo de mulheres do município de Lagoão/RS, que residem no meio rural. Localizado na mesorregião Noroeste Rio-Grandense, o Município de Lagoão possui um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado, uma área de 383,601 km² e, segundo os dados do Censo Demográfico de 2018, tem 6.442 habitantes (IBGE). A agricultura familiar predomina no meio rural, em pequenas unidades de produção agrícola.

As mulheres rurais em questão participam ativamente de uma organização formal, com atividades periódicas planejadas anualmente. Estas atividades são organizadas pela extensionista rural social do escritório municipal da Emater/RS-Ascar de Lagoão, no caso, pesquisadora deste estudo, e pelas presidentes dos grupos organizados de mulheres que integram a Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais. As atividades visam promover a inclusão social, econômica e ambiental das mulheres por meio de ações coletivas municipais e regionais que buscam seu empoderamento, geração de renda na propriedade, promoção da saúde e qualidade de vida para as famílias. Para isso, acontecem inúmeras atividades, entre elas encontros de lideranças, encontro intermunicipal de mulheres, participação em feiras municipais com venda de alimentos da agricultura familiar e artesanatos, oficinas e fóruns de segurança e soberania alimentar, encontros de formação, festivais gastronômicos, palestras sobre prevenção de doenças e qualidade de vida, cursos e capacitações para agroindustrialização caseira de alimentos e gestão da propriedade rural.

Atualmente conta-se com 13 grupos organizados, ou seja, 13 comunidades que integram cerca de 300 mulheres participantes. No entanto, esta pesquisa qualitativa será desenvolvida com um dos grupos, composto por mulheres que aceitaram participar da pesquisa. As 300 mulheres rurais que integram os grupos residem em pequenas propriedades rurais. Atuam no que se denomina agricultura familiar, cultivando alimentos basicamente para o consumo da família com venda de excedentes. Os principais alimentos e que são comuns entre as propriedades são: mandioca, batata, milho, moranga, abóbora, hortaliças, feijão. Elas se envolvem também na criação de animais como aves, suínos e gado de leite. Algumas mulheres se destacam pela agroindustrialização caseira de alimentos, com os

produtos sendo comercializados de maneira informal, ou seja, para vizinhos, parentes ou até mesmo para famílias da sede do município. Outras mulheres cultivam alimentos para comercialização no Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE e, com isso, também geram renda para a família. O principal produto gerador de renda destas famílias é o tabaco, sendo que cerca de 10% tem a soja como renda complementar (ESTUDO DE SITUAÇÃO DA EMATER/RS-ASCAR, 2018).

Cerca de 20% das mulheres (valor atribuído pelos dados do Sisplan - Sistema de Planejamento da Emater, elaborado e alimentado pelos extensionistas da Emater deste município) encontram-se em vulnerabilidade social, enquadrando-se no grupo de famílias que cultivam apenas para seu consumo, o que se caracteriza por ser uma produção de alimentos em baixa escala, servindo apenas para a alimentação da família. Estas mulheres, em sua maioria, são beneficiárias do Programa Bolsa Família do Governo Federal, por meio do qual recebem um valor financeiro mensal para custear as despesas da casa, como alimentação e material escolar para os filhos (SISPLAN - EMATER/RS-ASCAR).

Os grupos integram uma associação formal, a qual é denominada Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais de Lagoão, por meio da qual, bimestralmente, as líderes dos grupos, intituladas de presidentes, participam de reuniões na sede do município, coordenada pela presidente desta associação e pela extensionista rural social do Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar, autora desta pesquisa. Durante estas reuniões são elaborados os planejamentos anuais das atividades que são desenvolvidas com os grupos em suas comunidades de forma individual, ou as ações já citadas, que envolvem conjuntamente todas as comunidades e que acontecem na sede do município. Além das atividades citadas, há os eventos microrregionais, que envolvem a participação de mulheres rurais de 10 municípios da região Centro-Serra de nosso Estado.

Estas mulheres organizadas em grupos possuem amplo reconhecimento pela população do município, seja ela rural ou urbana, devido à capacidade de liderança e organização. Isso é demonstrado pelo sucesso dos eventos e ações realizadas, que atingem boa parcela das agricultoras que antes tinham uma participação social reduzida nas comunidades, a qual restringia-se a eventos da igreja local ou às festas

comunitárias. Com a organização das mulheres, gradualmente houve mudanças nas comunidades rurais e propriedades rurais, seja na infraestrutura física ou em relação às questões humanas, colaborando positivamente para o crescimento e melhoramento das mesmas.

Com base nesse contexto, foram escolhidas mulheres rurais para amostra desta pesquisa, para uma formação em educação ambiental, baseada em intervenções participativas de cunho reflexivo sobre as relações destas mulheres com o ambiente em que vivem e trabalham. Elas são da comunidade de Ronda Alta, onde hoje participam 52 mulheres desta localidade, de faixa etária variando entre 14 e 60 anos de idade. Aquelas que demonstraram interesse em participar da pesquisa formaram o grupo focal da pesquisa (ESQUEMA 2). O grupo de Ronda Alta é o que possui maior número de adolescentes participantes.

Esquema 2- Amostra e contexto da pesquisa



Fonte: Da autora.

Ronda Alta é uma comunidade que se localiza à 3 km da sede do município e possui o maior índice de famílias carentes do município. Foi realizada uma reunião de aproximação com o grupo de mulheres desta localidade, quando todas foram convidadas. Na oportunidade, foi explanado sobre a pesquisa para identificar quem demonstrava interesse em participar dos encontros seguintes, comprometendo-se com a assiduidade dos mesmos. Nove, das dez mulheres que se propuseram

participar da pesquisa, estiveram presentes em todos os encontros intervencionistas. Uma delas acabou desistindo pela distância, que dificultava seu deslocamento.

Inicialmente foram agendados encontros quinzenais, porém, após a realização do primeiro encontro, com a empolgação de todas as pessoas envolvidas na pesquisa, eles aconteceram de forma mais assídua, uma ou duas vezes na semana, durante os meses de agosto e setembro, dependendo da disponibilidade prévia de todas. Cada encontro era realizado na propriedade de uma das mulheres, sendo sempre agendado no encontro anterior, a data e a propriedade.

3.3 Entrevistas

O primeiro instrumento de coleta de dados utilizado junto ao grupo focal pesquisa foram as entrevistas semi-estruturadas. Estas foram compostas de questões norteadoras que facilitaram a conversa entre o pesquisador e o pesquisado, pois ambos precisavam encontrar-se em sintonia. “Como qualquer relação pessoal, a arte de uma entrevista bem-sucedida depende fortemente da criação de uma atmosfera amistosa e de confiança. [...]” (GOLDEMBERG, 1998, p.90). As entrevistas aconteceram por meio de visitas individuais às mulheres que manifestarem interesse em participar da sensibilização em educação ambiental. Estas entrevistas aconteceram em suas propriedades.

Os temas das questões da entrevista individual inicial foram retomados ao final do processo, após as intervenções, a fim de avaliar mudanças em relação aos elementos pesquisados. O guia das entrevistas iniciais e finais contém os elementos que compõem a análise dos dados. Os mesmos elementos guiaram os encontros com o grupo focal e as observações que ocorreram ao longo das intervenções (APÊNDICE B).

A essência do grupo focal consiste justamente na interação entre os participantes e o pesquisador, que objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos (por isso é chamado grupo focal). Para Costa (2005), o grupo focal é uma metodologia qualitativa que pode gerar uma gama

de informações extremamente ricas e significativas. “[...] o Grupo Focal, quando bem orientado, permite a reflexão sobre o essencial, o sentido dos valores, dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas” (COSTA, 2005, p. 180).

As entrevistas iniciais foram executadas durante os dias 12, 13 e 14 do mês de agosto de 2019, antes do início dos encontros. Estas, serviram para uma aproximação e para a compreensão das relações subjetivas, sociais e ambientais das mulheres. Já as entrevistas finais, realizadas três meses depois, nos dias 07, 08, 11 e 13 do mês de novembro, tiveram o propósito de analisar os elementos e as transformações que emergiram após a realização dos encontros intervencionistas.

3.4 Intervenções

Acredita-se que é na integração, no contato social e ambiental que a experiência acontece. E dessa experiência emergem sentidos sobre os elementos em análise, sendo assim, os encontros de sensibilização foram planejados para proporcionar momentos de aprendizagem social, reflexão e relaxamento. As mulheres que aceitaram participar da pesquisa tiveram a oportunidade de encontrarem-se para conversas significativas sobre as relações consigo, com os outros e com o ambiente.

Ao longo destes momentos de intervenção a pesquisadora usou da técnica da observação direta, por ser uma estratégia que facilita a coleta de dados no campo: “[...] a observação direta é sem dúvida a técnica privilegiada para investigar os saberes e as práticas na vida social e reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana [...]” (ROCHA e ECKERT, 2008, p. 2).

Para Rocha e Eckert, a observação a campo é uma aprendizagem para conhecer melhor o outro, ao mesmo tempo em que, observando o outro, conhecemos melhor a nós mesmos. Para uma melhor assimilação dos conteúdos abordados, faz-se necessário uma interação direta do pesquisador com os sujeitos envolvidos na pesquisa, participando no fluxo dos acontecimentos no espaço onde

as pessoas vivem. Nesta pesquisa, a observação direta deu-se também pela escuta atenta durante a realização das intervenções de sensibilização com o grupo focal.

Fica evidente, portanto, que os dados da pesquisa foram produzidos a partir de intervenções participativas. Conforme Verdejo (2006), o desenvolvimento da pesquisa se dá a partir das condições e possibilidades dos participantes, baseando-se nos seus próprios conceitos e critérios de explicação: “[...] Não se pretende unicamente colher dados dos participantes, mas, sim, que estes iniciem um processo de auto-reflexão sobre os seus próprios problemas e as possibilidades para solucioná-los” (VERDEJO, 2006, p. 6).

A intervenção foi organizada em forma de oito encontros de sensibilização, sendo um de aproximação e um de finalização, e os outros seis divididos nas três grandes categorias de análise: dois para questões subjetivas, dois para relações sociais e dois para relações com o ambiente, conforme a proposta ecosófica já abordada de Guattari. Para o planejamento destes encontros, construiu-se um roteiro de perguntas, vivências e atividades reflexivas, baseando-se em Cornell (2005, 2008), Mendonça (2007) e Verdejo (2006).

Para estimular o contato direto com a natureza nos influenciámos no Aprendizado Sequencial, método de Joseph Cornell (2005, 2008), que oportuniza às pessoas refletirem e construírem suas próprias experiências e narrativas sobre suas experiências ambientais, a partir de atividades que seguem quatro etapas: a) Despertar o entusiasmo: é a fase em que é possível criar uma dinâmica entre os participantes para que os mesmos se envolvam nas atividades; b) Concentrar a atenção: um momento para aprofundar a percepção, concentrar a atenção e acalmar a mente. Caracteriza-se pela introspecção, foco maior do método; c) Experiência direta: quando o participante passa a fazer suas descobertas se entregando ao contato mais intenso com os elementos naturais, incitando a intuição e a percepção; d) Compartilhar inspiração: quando cada um relata como viveu a experiência.

As atividades por encontro foram alteradas ao longo do processo de pesquisa de campo. A proposta inicial encontra-se no Apêndice C - Planejamento Inicial dos Encontros. Na sequência apresenta-se as atividades executadas por encontro. O planejamento dos encontros alteraram-se após a qualificação do projeto, mudando-

se o foco que era de técnicas mais vivenciais e lúdicas para dar força às conversas sociais, mesmo que tenham sido mantidos os aspectos vivenciais, apenas perderam alguma ênfase e algumas das atividades foram substituídas por outras mais reflexivas. Nos quadros 01 a 08 constam as atividades que foram efetivadas.

Quadro 1 – Encontro 1: Aproximação

<p>Pergunta poderosa: Se eu fosse algo da natureza, o que eu seria? Por quê? Tempo: 15 minutos</p>
<p>Atividade sensorial: Realizar uma caminhada próximo da propriedade explorando os 5 sentidos. Observar a paisagem - visão Cheirar Comer algo Escutar Tocar algo Tempo: 20 minutos</p> <p>O que mais te tocou nesta excursão pela paisagem? Tempo: 15 minutos</p>
<p>Atividade reflexiva: Roda de conversa com investigação apreciativa sobre como cada uma foi se desenvolvendo: O que mais foi divertido na infância? E na adolescência? E na maturidade? O que você aprecia no seu trabalho? O que você gostaria que não mudasse em sua vida? Se você pudesse mudar qualquer coisa em você, o que seria? O que você faz que lhe dá mais satisfação? Tempo: 1 hora</p>
<p>Pergunta poderosa: Como você está saindo hoje? Tempo: 10 minutos</p>

Fonte: Da autora.

Quadro 2 – Encontro 2: Relações Subjetivas

<p>Pergunta poderosa: O que você valoriza em si mesmo? Por quê? Tempo: 10 minutos</p>
<p>Atividade sensorial: Mapa dos sons: Cada participante deverá encontrar um lugar confortável para se sentar, não muito afastados uns dos outros. Então, deverão fechar os olhos e relaxar, escutando os sons da natureza. Perguntar: Quais foram os sons ouvidos? O que esses sons lhes transmitiram? Qual a sensação de sentir-se relaxado? O que seu entorno lhe transmitiu? Tempo: 20 minutos</p>
<p>Atividade reflexiva: Solicitar (antecipadamente) que cada mulher leve consigo as cinco fotos as quais consideram mais importantes na sua vida, que tenham em casa. Cada participante irá colocando as fotos no painel, e explicando em ordem crescente o significado da mesma para sua vida. Qual é sua história de vida? Que parte de sua história gostaria de compartilhar com o grupo? Das fotos apresentadas, qual a mais representativa? Justifique. Quais são seus sonhos e prioridades?</p>

O que mais gosta de fazer nas horas de lazer? Me conte algo que te deixa realizada. Tem alguma coisa que você desejava muito e já conquistou?
(Continua)
(Conclusão)
Tempo: 1 hora
Pergunta poderosa: Como você está saindo hoje? Tempo: 10 minutos

Fonte: Da autora.

Quadro 3 – Encontro 3: Relações Subjetivas

Pergunta poderosa: Como está o meu tempo interno? Tempo: 10 minutos
Atividade sensorial: Posicionar-se de uma forma livre e confortável. Em duplas, uma fará massagem na outra, suavemente. Após 10 minutos, invertem-se os papéis. Tempo: 20 minutos
Atividade reflexiva: Cada participante deverá desenhar um círculo grande em uma folha de papel, desenhar linhas dividindo o círculo em 4 partes iguais e identificar uma seção “mental”, uma “física”, uma “emocional” e uma “espiritual”. Pedir aos participantes que escrevam em cada seção o que eles fazem para cuidar de si mesmos em cada dimensão de suas vidas. Quando os participantes tiverem terminado, peça-lhes para pensar se eles gostariam de estar tendo mais autocuidado em alguma dessas dimensões. Depois, convidar a criarem um objetivo para que tenham mais autocuidado com cada quadrante e escrevam esse objetivo ao lado do quadrante. Convidar os participantes a compartilharem suas reações ao processo de avaliarem seu autocuidado desta maneira, seus <i>insights</i> , ou seus objetivos. Perguntar: “Qual é o maior desafio para você cuidar de si mesmo?” “O que você aprendeu nessa dinâmica que você pode usar na sua vida?” O que te faz estar em paz consigo mesmo? Tempo: 1 hora
Pergunta poderosa: Como você está saindo hoje? Tempo: 10 minutos

Fonte: Da autora.

Quadro 4 – Encontro 4: Relações Sociais

Pergunta poderosa: O que você valoriza em sua comunidade? Por quê? Tempo: 15 minutos
Atividade sensorial: Em duplas, uma mulher ficará de olhos vendados e outra será a guia. A guia conduzirá a companheira de olhos vendados por determinado caminho, ao ar livre. Tempo: 30 minutos
Atividade reflexiva: Diagrama de Veen: identifica as relações que as pessoas têm entre si e com os outros. Desenhar um círculo no centro do papel para representar uma pessoa. Em seguida, individualmente, cada pessoa irá identificar os diferentes grupos sociais da comunidade e/ou município que tenham alguma relação consigo mesma. Localizar estes grupos sociais no entorno do posicionamento da pessoa. Os grupos que têm menos relações com a pessoa são desenhados mais longe do círculo, e os que têm mais relações são desenhados mais perto. Refletir sobre os elementos que nos aproximam ou nos distanciam em nossas relações com os grupos sociais. De que forma você ajuda/contribui com sua comunidade? Qual grupo existente na comunidade você mais se identifica? Por quê?

Tempo: 1 hora
Pergunta poderosa: Como você está saindo hoje? Tempo: 10 minutos

Fonte: Da autora.

Quadro 5 – Encontro 5: Relações Sociais

Pergunta poderosa: Pense em alguém em sua vida com quem você aprendeu alguma coisa. O que você aprendeu com essa pessoa? Tempo: 15 minutos
Atividade sensorial: Andar em grupo: O grupo é convidado a andar livremente no espaço delimitado pela coordenação. Formar duplas e continuar andando, dois a dois, ombro a ombro. Andar em diversas direções: para frente, para trás, para os lados, girando, coordenando seu passo com o do colega, sem falar, seguindo apenas a linguagem do corpo. Formar grupo de quatro pessoas, sempre lado a lado, harmonizando o andar no novo grupo. Agora, grupos de oito pessoas, lado a lado. Tempo: 15 minutos
Atividade reflexiva: Relacionamentos: Solicitar que cada pessoa escreva em uma folha de papel, respondendo as seguintes perguntas: “O que você faz nos seus relacionamentos com as pessoas em sua vida que as deixam felizes, calmas e alegres?” “O que as outras pessoas fazem para você que lhe deixa feliz, calmo e alegre?” Pedir que se juntem em pares para fazer uma lista dos ingredientes importantes em relacionamentos saudáveis, para então, compartilhar com todo o grupo. Questionar se essa lista é igual para todos os relacionamentos. Seria diferente entre um homem e uma mulher? Entre mãe e filho? Entre colegas de trabalho? Pedir que descrevam um relacionamento em suas vidas que eles consideram saudável. Pedir que identifiquem um ingrediente bom que eles trazem para os relacionamentos importantes em suas vidas. Tempo: 1 hora
Pergunta poderosa: Como você se sentiu hoje em relação ao encontro? Tempo: 10 minutos

Fonte: Da autora

Quadro 6 – Encontro 6: Relações Ambientais

Pergunta poderosa: O que é sagrado para mim? Tempo: 10 minutos
Atividade sensorial: Caminhada por uma trilha na natureza, em silêncio, observando e sentindo o ambiente, por meio dos olhos, do toque, do olfato e da audição. Sempre em contato com a própria respiração, sensações e sentimentos foram despertados nesta experiência. As pessoas vão experimentando o ambiente da trilha, com suas árvores, arbustos, solo de terra e pedras, sons de pássaros e outros pequenos animais da Mata Atlântica, podem explorar as folhas e outros elementos com as mãos, cruzar um rio e, descalças poderão sentir o contato com a água e as pedras. Nesse percurso, poderão recolher objetos que estiverem soltos no chão da floresta e despertarem seu interesse. Tempo: 40 minutos
Atividade reflexiva: compartilhamento sobre sensações, pensamentos, emoções ao longo da caminhada silenciosa explorando os cinco sentidos. Relembrar o que vivenciou, o que sentiu. Sentir seu pertencimento à roda e o seu lugar nesse grupo. Conversa no grupo sobre a vivência. Poderia falar-me sobre o que acha/o que mais gosta do lugar onde mora? O que significa meio ambiente/natureza para você? Como você cuida o ambiente onde vive? Como podemos descrever suas relações com a natureza na infância/adolescência?

<p>Como se dão as interações com a natureza na vida adulta? O que mais mudou na natureza/ambiente de antigamente para os dias atuais? Tempo: 30 minutos</p>
<p>Pergunta poderosa: Pelo que você é grato hoje? Por quê? Tempo: 10 minutos</p>

Fonte: Da autora.

Quadro 7 – Encontro 7: Relações Ambientais

<p>Pergunta poderosa: Em que ambiente me sinto mais feliz? Tempo: 10 minutos</p>
<p>Atividade sensorial: Em círculo. Vendar os olhos de uma pessoa e pedir que por meio do contato com as mãos, adivinhe a pessoa que está no centro do grupo. Cada participante deverá adivinhar pelo menos uma pessoa. Tempo: 15 minutos</p>
<p>Atividade reflexiva: FOFA: Utilizando um painel e cartelas, realizar uma chuva de ideias sobre as relações dos participantes com o trabalho rural e colocá-los na primeira coluna. Começar a discutir as fortalezas, debilidades, oportunidades e ameaças de cada item. Fortalezas são fatores no interior do grupo que contribuem para o seu melhor desempenho. Debilidades são fatores no interior do grupo que influem negativamente sobre o desempenho. Oportunidades são fatores externos que influem ou poderiam influir positivamente no desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não exerce controle. Ameaças são fatores externos que influem negativamente sobre o desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não tem controle. Como é sua relação com o ambiente rural? O que é mais importante para você na sua propriedade? Tarefas que realiza: Como é a divisão de tarefas em sua propriedade? (Individual e coletivamente). Qual é o trabalho que lhe dá mais prazer? Por quê? Descreva como é sua autonomia na propriedade. De tudo o que você realiza na propriedade, onde você se envolve a maior parte do tempo? De tudo que discutimos na FOFA, qual é o melhor e o pior trabalho para você? Tempo: 1 hora</p>
<p>Pergunta poderosa: Como você está saindo hoje? Tempo: 10 minutos</p>

Fonte: Da autora.

Quadro 8 – Encontro 8: Encerramento/Celebração

<p>Pergunta poderosa: Algo que me faz rir por dentro? Tempo: 10 minutos</p>
<p>Atividade sensorial: Pedir para as participantes que pensem nos quatro elementos da natureza: Terra, Água, Ar e Fogo. Cada pessoa escolhe com qual destes elementos mais se parece e anota. Cada pessoa deverá listar abaixo do elemento escolhido, três características que esse elemento tem. Em seguida descrever o que esse elemento faz. Listar também três ações que se aplicam a este elemento. Convidar as pessoas a compartilharem as respostas. Perguntar: “Como você pode usar essas qualidades para vencer desafios no meio onde você vive?” “É possível que essas</p>

<p>qualidades lhe tragam problemas?” “Como você pode usar essas qualidades para ajudar as pessoas do seu convívio?” Tempo: 20 minutos</p>
<p>Atividade reflexiva: Espalhar várias fotos pelo chão, dentro do círculo do grupo e solicitar que cada pessoa tome posse de uma foto e relate o que aquela imagem ou aquele momento significou para ela. Repetir a dinâmica até que todas as fotos sejam comentadas. (Essas fotos referem-se a diversos momentos dos encontros já realizados, serão impressas e levadas pelo facilitador). Tempo: 40 minutos</p>
<p>Atividade integrativa: Com aviso prévio, cada participante deverá trazer uma flor plantada em um vaso com uma mensagem de carinho para uma amiga do grupo. Será feita a brincadeira do amigo-secreto com flores. A pessoa que entregar sua flor deverá junto, ler e entregar a mensagem à pessoa sorteada. Tempo: 15 minutos</p>
<p>Pergunta poderosa: Como você está saindo hoje? O que você está levando destes encontros? Tempo: 15 minutos</p>

Fonte: Da autora.

3.5 Tratamento de dados

Os dados coletados ao longo da pesquisa de campo passaram pela análise textual que, segundo Moraes (2005), pode ser entendida como “um processo integrado de análise e de síntese, que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais [...]” (MORAES, 2005, p. 89). Para o autor, esta análise tem por finalidade descrever e interpretar os textos sobre o tema a ser pesquisado, no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos discursos dos mesmos.

Para Moraes (2005), os textos são veículos de comunicação de elementos linguísticos, marcados pela subjetividade e interpretação de todos os sujeitos envolvidos em sua produção. A qualidade do texto revela a qualidade da análise. Esse conjunto de textos, quando submetidos à análise, chamamos de *corpus*. Nesta pesquisa, o *corpus* foi formado pelos dados registrados sobre as observações e por meio das entrevistas e das transcrições dos encontros onde ocorreram as atividades de sensibilização e as conversas com as mulheres rurais em suas propriedades.

Para Moraes (2005), a análise textual discursiva é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de

significado, conforme os enunciados que o compõem. Essas unidades de análise servem para enfatizar os elementos dos textos pesquisados que merecem destaque e que são pertinentes ao tema proposto, organizando-se por semelhança que os aproxima. É com base nessas unidades que “se constrói a estrutura de compreensão e de explicação dos fenômenos investigados” (MORAES, 2005, p. 91). As unidades foram agrupadas a partir das macrocategorias propostas a priori: subjetividade, relações sociais, relações com o ambiente.

É necessário saber que análise significa estudar um todo, dividindo em partes, interpretando cada uma delas, para a compreensão do todo. Quando se faz análise de texto, penetramos na ideia e no pensamento do autor que originou o texto. Para que o estudo do texto seja completo, temos que decompô-lo em partes e, ao fazê-lo, estamos efetuando sua análise. As categorias são feitas destas partes semelhantes a elas.

Moraes (2005) enfatiza que na análise textual pode ser construído um sistema de categorias em vários níveis, dependendo das dimensões de um fenômeno que o pesquisador decide destacar. Para esta pesquisa, os níveis de análise foram individual e coletivo. Este mesmo autor escreve que dois processos podem ser destacados na construção de categorias: a *priori* e *emergentes*. A exemplo desta pesquisa, as categorias denominam-se a *priori*, por se tratar de termos definidos a partir de pressupostos teóricos encaminhados antes da análise propriamente dita. Neste caso, as categorias estão assim denominadas: a) Relações com a natureza; b) Relações Sociais; c) Relações Subjetivas.

As análises foram realizadas individualmente contemplando as questões subjetivas, sociais e ambientais formadoras das paisagens socioambientais de cada mulher participante dos encontros da pesquisa-intervenção. Após esta análise individual, procedeu-se uma análise coletiva, levando-se em conta, ainda, as três ecologias formadoras das paisagens socioambientais ecosóficadas.

4 PAISAGENS SOCIOAMBIENTAIS E AS EMERGÊNCIAS ECOSÓFICAS

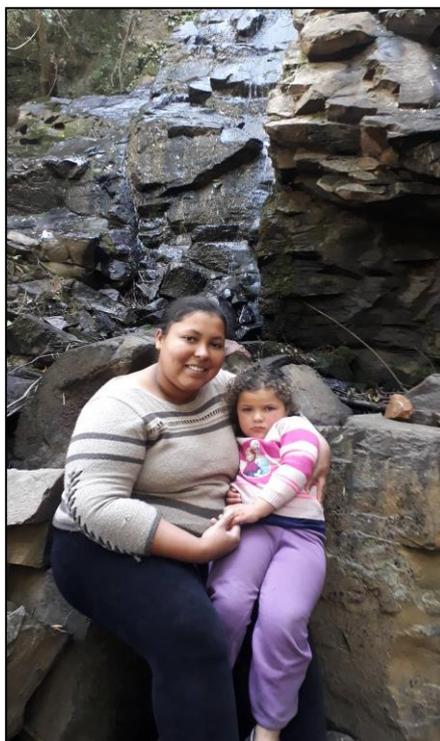
Neste capítulo aprofundaremos como as relações socioambientais emergiram individualmente, após a realização das entrevistas e intervenções participativas, e como estas foram interferindo a vida das mulheres rurais que participaram das mesmas (subcapítulo 4.1 Paisagens Socioambientais Individuais). Em seguida, apresentamos aspectos comuns que surgiram a partir da experiência das mulheres no campo nas suas relações subjetivas, sociais e ambientais (subcapítulo 4.2 Paisagem socioambiental coletiva e os novos territórios existenciais). Por fim, buscaremos uma melhor compreensão de como a pesquisa intervenção afetou as relações socioambientais das mulheres rurais e como estas formaram ou transformaram suas paisagens socioambientais (subcapítulo 4.3 Paisagens socioambientais ecosóficas: em busca de algumas conclusões).

4.1 Paisagens socioambientais individuais

Adentraremos aqui, nas relações subjetivas, sociais e ambientais individuais de cada mulher participante desta pesquisa. Abordaremos, separadamente, como estas relações foram sendo tecidas ao longo do tempo, desde sua infância até a vida adulta, e como hoje, após a realização das intervenções, estas vêm se desdobrando, transformando-se em paisagens socioambientais. As mulheres estão identificadas com as iniciais de seus nomes.

a) Mulher 1: RS

Imagem 1 – RS



Fonte: Da autora.

Se pudesse ser algo da natureza, RS seria um rio, porque acha bonito, porque no rio tem peixe e dá para tomar banho. É uma pessoa alegre, de riso fácil, mas ao mesmo tempo, também transborda um rio de emoções na sua vida, principalmente quando tem a lembrança de seu pai e quando fala da saúde de seus familiares. Valoriza muito seu sorriso, porque em meio a tantas coisas que acontecem, diz que sempre segue em frente. É grata pela vida, por ter saúde, pela família e por poder participar deste grupo.

❖ Subjetivo

RS tem 22 anos de idade e é mãe de uma menina de 3 anos. Nasceu, cresceu, casou e continua morando na mesma propriedade, junto de sua mãe, a qual diz ser a companhia que mais lhe traz paz. Possui lembranças muito afetivas de

seu pai, falecido, que a emocionam quando recorda. Lembra-se do dia de seu casamento, no momento em que entrava com seu pai na igreja e ele começou a tremer, como já era doente, ela sentiu medo e perguntou a ele se estava bem, pois dava para ver que estava mais nervoso que ela. De origem negra, RS conta, rindo, que seu pai dizia, quando era criança: “não vai no sol minha filha, senão você vai ficar preta”.

Lembra com alegria as brincadeiras que mais gostava na infância: brincar de casinha, fazer comidinha de barro e colocar para secar ao sol. E hoje, o que mais a deixa feliz é cozinhar, “lidar” na casa, se reunir com a família em aniversários ou festas na comunidade, mexer no celular, ver sua filha fazendo folia e assistir desenhos junto dela. Preza muito pela união de sua família. É algo que não quer que mude na sua vida. Preza pela união e a saúde de todos, em especial de sua filha, a qual teve um problema grave no olho durante o período de realização dos encontros. Seu marido passou por uma crise de depressão, que agravou-se com o roubo de sua moto. RS diz que os encontros a ajudaram a enfrentar os desafios e a fortaleceram como mãe e esposa.

Ter a casa própria, já considera uma conquista, porém, seu maior sonho é poder construir uma casa melhor e continuar estudando, cursar uma graduação e poder dar uma vida melhor para sua filha.

❖ Social

RS se relaciona bem com todos seus familiares e vizinhos. Participa do grupo de jovens e das missas da comunidade e do grupo de trabalhadoras rurais. Sente-se feliz e realizada com a formação do grupo de jovens da comunidade. Junto com seu marido, lidera o grupo, que, no primeiro ano de participação das Olimpíadas Rurais municipais, conquistou um troféu. Gosta de se envolver com todos do grupo, apesar de perceber que nem todos pensam da mesma forma, o que ela acha divertido.

Quando se referiu as suas amizades, citou o nome da "comadre", que visita e interagem desde o pré-escolar. Para deixar as pessoas felizes, calmas e alegres,

procura manter conversas engraçadas. Gosta de ver os outros rirem. Em família, assiste jogo de futebol com o marido, brinca com sua filha e limpa a casa de sua mãe para deixá-la contente. Sente-se feliz quando ganha algum presente do marido e ouve sua filha que lhe ama. Enfatiza que o ingrediente mais importante do casamento é o diálogo, pois para dar certo, um casal precisa conversar, acredita. Da mãe gosta dos conselhos e do companheirismo.

Quando foi para pensar em alguém em sua vida com que aprendeu alguma coisa, diz que “geralmente aprende bastante coisa com a mãe. É ela que ensina as coisas dentro de casa, mas o pai também ensinou bastante, principalmente de como enfrentar a vida. A mãe mostra tudo com carinho, com amor, e o pai mostra a realidade da vida”. Ela queria ter convivido um pouco mais com seu pai e sente um vazio por seu pai não ter convivido com sua filha.

❖ Ambiental

Para RS, meio ambiente são as árvores, as águas, o lugar onde mora. Ela gosta muito de morar no lugar onde vive, acha muito lindo o rio, gosta das árvores e tudo que tem na propriedade, que considera calma. Cuida do ambiente onde vive preservando as nascentes, realizando limpeza no pátio e eliminando o lixo produzido pela família.

RS conta que na infância brincava no mato e nas árvores. Lembra que havia mais espécies de árvores frutíferas nativas (pitanga, goiaba do campo, araticum, guamirim). Deliciava-se com os saborosos frutos, que hoje, dificilmente consegue encontrar. Lembra rindo do dia em que tomava banho no rio com uma de suas irmãs, que a assustava dizendo que uma pedra “era uma cobra, mas era tudo mentira”. Hoje raramente toma banho de rio. Com a trilha realizada durante as intervenções, até a cachoeira de sua propriedade, diz que passou a valorizar esta paisagem, a qual curtia mais na sua infância. Sua filha, até antes dos encontros, não conhecia a cachoeira e agora pede para ir lá.

RS gosta de ser agricultora. “Não é uma maravilha, mas tu tens o teu tempo, vai e volta da roça o horário que quer”, comenta. Tem autonomia para realizar as atividades da propriedade, que sempre faz com o marido. Ajudam-se na limpeza da casa, mas o serviço “pesado” da lavoura é com o marido. Mesmo gostando de ser agricultora, gostaria de ter a oportunidade de ter outra profissão.

b) Mulher 2: MG

Imagem 2 – MG



Fonte: Da autora.

Se fosse algo da natureza, MG seria um beija-flor, porque a coisa que mais gosta é flor. Seu prazer é embelezar seu jardim, deixar seu lugar mais bonito. Gosta de criar e de colocar em prática as ideias que observa. As histórias tristes da infância, as dificuldades financeiras e os problemas de saúde na família, ela enfrenta colorindo seu ambiente, é o que alegra sua vida. Valoriza em si sua capacidade de trabalho. Gosta de trabalhar na roça. Se diz grata pelos amigos, pela saúde da família e por cada dia que Deus lhe dá.

❖ Subjetivo

MG tem 30 anos e uma filha de 7 anos. Possui o Ensino Fundamental completo e desde os 14 anos trabalhava de diarista na lavoura de vizinhos. Emociona-se ao contar sua história de vida. Eram quatro pessoas na família, quando seu pai ficou cego, ele e a sua mãe separaram-se. Ela ficou morando ainda um ano com a mãe. Conta que o primeiro padrasto era muito ruim, colocava ela dormir no chão de “piso bruto”. O segundo bebia e agredia a mãe e ela, que era alimentada apenas com farinha de milho. Quase não tinha roupa para vestir. Eram os vizinhos que lhe davam banho e comida. Seu tio disse a sua mãe para doá-la, “como se fosse um objeto”, diz emocionada. Lembra que sua mãe estava com a irmã mais nova no colo e ela do lado, quando disse: “Hoje tu não vais, hoje tu vais ficar”. Então, com cinco anos, passou a morar com outra mulher, com quem ficou até os 18 anos, quando casou. Morou um ano e meio com a sogra, nove meses no galpão da mãe adotiva e, há 10 anos, reside com o marido na propriedade atual.

Até há pouco tempo, MG não conversava mais com a mãe. Para ela é difícil “apagar essa história”: ser “dada, deixada por ela”. Hoje, se sente em paz consigo porque se aproximou dela e escutou as razões do abandono e porque nunca a procurou quando ela era criança.

Ela conta que, após a realização dos encontros, adquiriu segurança para conversar com as pessoas. Agora sai mais nas horas de lazer, passeia nos vizinhos. Antes quase não saía de casa. Passou a ler mais, coisa que adora. Entende e respeita mais a opinião e a vida das pessoas, pois diz ter compreendido que cada pessoa tem a sua história. Valoriza mais a vida e as pessoas que convive.

De seu tempo de infância, lembra-se de brincar de moto com o irmão numa ladeira perto de casa e de uma “carretinha” de madeira. Quando o pai trabalhava de carpinteiro, brincavam com a caixa de ferramentas. Considera que esta foi a melhor fase da sua infância. Hoje, sente-se vivendo um sonho por ter sua casa, sua família e ser diferente de sua mãe “se dar o respeito”. O que mais a diverte é brincar em

família. Conta que ter subido nas árvores e tirado fotos durante os encontros a fez voltar ao tempo de criança. São coisas que jamais pensou que faria isso.

No último encontro, se comparou com uma árvore bem grossa e bem enraizada que estava perto. Escolheu-a porque o seu tronco está todo destruído pelo tempo. Ela estava passando por uma situação difícil, então também se sentia um pouco destruída. “Mas com tudo isso, vai enraizando, crescendo, engrossando e se ajeita de novo, as turbulências passam”.

Tudo o que ela desejava, diz ter conquistado: a formação de uma família e a sua casa. Adora os afazeres domésticos e trabalhar no pátio com as flores. Sente-se orgulhosa por isso e por ter uma família amorosa. Sente satisfação em saber que a filha precisa dela e ela pode ajudar. Gostaria de ser um pouco menos tímida e poder conviver mais com seus irmãos. Também pensa em ter mais filhos: uma menina e um menino. Mas diz sentir-se realizada “quando olha para o presente, e não olha para o passado”.

Hoje se tranquiliza vendo as metas se concretizando: reforma da casa, safra boa (tabaco), milho indo bem. O que mais ela aprecia em seu trabalho “é a capacidade que tem de se sentir útil naquilo que faz.” Realiza tudo com gosto e com isso sente seu trabalho retribuído: traz para a mesa o que planta.

Sobre o que faz para cuidar de si mesmo, ela faz referência a quatro dimensões. Em seu lado mental, quando está nervosa se sente bem conversando com o marido e com a filha, gosta de ficar sozinha, isolada, para refletir sobre suas atitudes e se sente mais leve com isso. Quando não consegue tomar decisão sozinha, liga para uma prima para conversar. Fisicamente, quando está cansada gosta de tomar um banho, ler livros e desenhar. Quanto à dimensão emocional, diz estar conversando mais, expondo mais as suas ideias quando se reúne com o grupo e sente-se melhor participando dele. Espiritualmente se fortalece rezando e participando de missas. Entende que seu lado emocional precisa de mais cuidado, saindo mais de casa para conversar com as pessoas. A partir das conversas realizadas sobre autocuidado, MG conta que aprendeu a necessidade de fazer um

planejamento das coisas da vida que gosta, porque "quando vê o tempo passa, a vida é curta, uma passagem, e precisa tirar tempo para si".

❖ Social

MG conta que a relação com seus familiares legítimos é mais distante, apesar de ter mais contato com sua mãe biológica. Com os familiares do marido, tem boa convivência. Entende-se bem com os vizinhos. Só não os visita mais porque gosta de estar em casa. Está se abrindo para a convivência social. Participava pouco da comunidade e não frequentava o grupo de trabalhadoras rurais. Hoje tem vontade de participar e diz que se sente bem convivendo com as outras pessoas e ajudando na comunidade.

Quando perguntada sobre com qual grupo se identifica mais, cita a igreja, mas conta que está aprendendo com o grupo de trabalhadoras rurais, agora que começou a participar. Gostou muito do encontro que tratou sobre a proximidade com os grupos da comunidade. Aprendeu a dar mais valor para as pessoas que convive e aos pequenos detalhes, sente-se valorizando mais a vida.

Sobre suas amigas, cita a comadre e a irmã de criação, com quem tem afinidade e "segurança de mãe". Quando solicitada a pensar em alguém em sua vida com quem aprendeu alguma coisa, faz referência a sua mãe, que não valorizava os filhos e a casa. Diz que aprendeu com o abandono e com a vida. O que sua mãe desvalorizou ela aprendeu a valorizar.

Para ela o relacionamento mais importante é em família. Com a filha gosta de brincar e ajudar nos afazeres da escola. Ela gosta quando ouve da mãe, antes de ir para a escola, "Deus te abençoe". Sua filha a deixa feliz quando aceita seus conselhos, lhe dá carinho e atenção. Sobre o marido, ajuda-o a planejar as tarefas e ele ajuda nas tarefas de casa. Conta que não reclama por ele sair bastante. Embora não receba muito carinho do marido, respeita-o e confia nele. Considera que a confiança é um dos ingredientes mais importantes de um relacionamento. Gosta

quando o marido escuta suas opiniões e expõe a dele. Com as vizinhas, gosta de puxar brincadeiras e escuta conselhos.

❖ Ambiental

Considera o lugar onde mora muito bonito e o melhor lugar para se viver, como sempre idealizou, com bastante verde. Gosta de estar no pátio lidando com as flores. Jamais trocaria de lugar. Para ela, “meio ambiente é tudo, são as árvores, os passarinhos, o meio em que vivemos, é o rio, é vida”. MG conta que sempre gostou da natureza e procura melhorar o ambiente onde vive, buscando ideias para deixar mais bonito o seu lugar. Planta árvores, organiza o espaço. Gosta de fazer casinhas de pássaros, porque assim eles chegam perto da casa. Adora a primavera por causa das flores e do canto dos pássaros.

Na infância, quando as crianças da vizinhança iam brincar com ela, gostavam de ir para o açude tomar banho. Eles colocavam uns litros debaixo dos braços, assim ela aprendeu a nadar.

Identifica-se com o ambiente porque faz o que gosta e se governa no seu horário, não precisa cumprir horário, tem liberdade e autonomia para a realização das tarefas. O trabalho que lhe dá mais prazer é “roçar”, porque deixa mais limpo e mais bonito o ambiente. Também sente prazer em plantar e colher os alimentos, que são saudáveis. Ela diz que ama ser agricultora, que mesmo que lhe oferecessem um bom emprego, não sairia dali.

Quando solicitada a se comparar com um dos quatro elementos da natureza, se comparou com a água, porque é transparente, fonte de vida para as pessoas e tranquila. “É importante ser transparente, porque precisamos ser assim com as pessoas, não ser falso”. Quanto a tranquilidade, “a gente sendo tranquila tem controle sobre a vida da gente”. Considera que “quanto mais transparente, mais humilde a gente for, mais consegue ajudar as pessoas e se auto ajudar”.

c) Mulher 3: MA

Imagem 3 – MA



Fonte: Da autora.

Se pudesse ser algo da natureza, MA seria uma roseira com espinho, porque a roseira tem tempo em que está bonita e cheirosa, mas também tem espinhos, assim como nós, tem tempo que estamos bem, mas nem sempre somos tão agradáveis com as pessoas, pois tem os espinhos da vida. O que ela mais valoriza em si é seu jeito de ser, de tratar as pessoas. É grata pela saúde, pela família e pela amizade que se fortaleceu no grupo.

❖ Subjetivo

MA tem 31 anos e dois filhos: uma menina de 3 anos e um menino de 14 anos. Até os sete anos, residiu na comunidade de Posse do Trigo, depois, sua

família adquiriu uma área de terra em Ronda Alta. Com 17 anos casou e, desde então, mora na atual propriedade.

Seu casamento foi marcante em sua vida. Seus pais não participaram por não concordarem, o que ainda afeta sua relação com os familiares. Não tem mágoa, se acerta bem com todos, mas há um distanciamento afetivo na família. Sobre o marido, diz que foi sua melhor escolha: se entendem muito bem, se respeitam e trabalham unidos, deste modo conseguem melhorar a propriedade.

Cita que cresceu como pessoa ao coordenar o grupo de trabalhadoras rurais e o Festival do Milho que promoveram. MA sempre foi uma boa líder de grupo, contribuindo para a união e desenvolvimento da comunidade local, o que a deixa muito orgulhosa, pois sente-se reconhecida.

Da infância, conta que brincar nas vertentes de água que se formavam nos barrancos das estradas quando chovia a faziam feliz. Hoje, na vida adulta, o que a deixa mais feliz são seus filhos e sua família. Entre seus sonhos e prioridades, está a formação de seus filhos, quer vê-los estudando e trabalhando. Nas horas de lazer, gosta de tomar chimarrão e conversar com as vizinhas.

Muito ligada ao trabalho, MA se realiza quando consegue ter uma boa produção agrícola, “e pagar contas”, produzir os alimentos para a família, ajudar na comunidade. Gosta de servir bem as pessoas nos eventos e ver que elas se sentem bem. Sente muita satisfação quando se reúne com o grupo de trabalhadoras rurais, quando pode ajudar alguém que precisa. Também gosta de ter tempo para cuidar da casa. Depois que adoeceu, aprendeu a gostar ainda mais de trabalhar e não reclama das coisas que tem para fazer. O que mais a tranquiliza é a união e a saúde da família. Gostaria que as pessoas não morressem, principalmente as de sua convivência.

Se pudesse mudar alguma coisa nela mesma, mudaria o jeito irritado como às vezes lida com seus filhos, mas sabe que, às vezes, é preciso. Quando solicitada para responder sobre o que faz para cuidar em sua vida das dimensões mental,

físico, emocional e espiritual, relata que para melhorar o lado mental, conversa com o filho e com o marido. Também gosta de se reunir com a família, com o grupo. Quando não está bem dentro de casa, sai olhar a horta e o pomar, o que a distrai. Quando sente cansaço ou dor, toma um banho, um remédio ou um chá para dormir. Emocionalmente, se cuida buscando não conversar com pessoas negativas, evita brigas ou discussões. Quanto ao lado espiritual, gosta de ir à igreja, onde agradece a Deus por poder caminhar, conversar, por ter uma família e muitas amizades. Conta que nesse momento da vida, o seu lado físico precisa de mais cuidado, pois sente-se cansada por trabalhar muito.

A partir dos encontros, MA diz que está cuidando mais de sua saúde, porque “não tirava tempo nem pra fazer exame”. Foi impactada pelas histórias de vida das outras participantes. Começou a tirar mais tempo para si, para cuidar da casa, para conversar com as vizinhas. Antes priorizava o trabalho. “Bastante coisa que não conversava, foi conversado nos encontros”, diz. Com isso, agora tem mais facilidade para se abrir com as pessoas. “A cada encontro conseguimos conversar coisas. No dia a dia não tiramos tempo para isso. Às vezes, não tem a pessoa certa para conversar e, no grupo, uma se abre com a outra, consegue ter confiança. Tem perguntas nos encontros que a gente nunca parou para se perguntar, nem sabe responder”, fala alegre.

❖ Social

MA tem boas relações com seus familiares (apenas ela e uma irmã não se visitam), vizinhos, comunidade e grupo de trabalhadoras rurais. Tem um sentimento de gratidão e amizade com todo o grupo de trabalhadoras e participa ativamente das atividades da comunidade. Se identifica com elas. Diz que “caminhou” bastante para o desenvolvimento do grupo e para equipar a cozinha da comunidade, enfatiza que “se não fosse o grupo, não teria uma cozinha equipada como se tem hoje”.

Visita e conversa mais frequentemente com uma amiga. Quando solicitada para citar alguém em sua vida com quem aprendeu, fala de sua mãe: “porque ela

ensinou tudo desde criança, a me vestir, a tomar banho, a ir para a escola, fazer o serviço da casa”.

Sente-se feliz nos seus relacionamentos (grupo, vizinhos, família) e busca animar as pessoas com uma perspectiva positiva da vida. Incentiva os filhos nos estudos e a lutar para conseguir o que querem. Sente-se alegre quando está reunida com o grupo, pois aprende e se distrai. Os vizinhos a ajudam e com eles mantém uma amizade sincera. Conta que a família se apoia mutuamente. Quando sai para trabalhar em prol do grupo de trabalhadoras sempre tem o apoio do marido e dos filhos, o que a satisfaz. Considera o respeito, o ingrediente fundamental em um relacionamento, pois “quando um respeita o outro, já vem as outras coisas junto, já vai se acertar em tudo”.

Sobre os relacionamentos de sua vida, cita como mais importante a família. Costumam conversar bastante e analisam quando um assunto merece ser falado para as outras pessoas ou ficar restrito. Participar do grupo de trabalhadoras rurais fez seu círculo de amizades aumentar. Era uma pessoa mais fechada e com a formação do grupo começou a sair e falar mais, o que gerou uma transformação em sua vida pessoal.

Sempre que pode participa das atividades na comunidade, mas como saiu da liderança do grupo de trabalhadoras local, está participando menos. Como dirige a Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais de Lagoão, dedica-se mais a este coletivo. Marcou-lhe a atividade em que todas, abraçadas, tinham que caminhar juntas. “Até na família da gente, nem sempre a gente consegue dar os passos sozinha, ou a gente precisa de um filho, ou precisa do marido, ou precisa da mãe, a gente sempre precisa de alguém”.

❖ Ambiental

MA gosta muito de morar na propriedade, porque tem bastante árvores, sombra, é um lugar tranquilo e tem boa relação com os vizinhos. Para ela, meio ambiente é tudo o que envolve a natureza, são as águas, árvores, flores, cada coisa

que tem vida. Sobre o cuidado com o ambiente onde vive, diz que preserva as nascentes de água com reflorestamento, cuida o entorno da casa, organizando o espaço da propriedade.

Na sua infância, tinha bastante “mato” para brincar, gostava de ir aos vizinhos pedir frutas, pois naquele tempo, seus pais não tinham árvores frutíferas, não tinham o hábito de plantar. Quando casou, plantou para seus filhos. Gostava muito de comer pitanga e araticum, mas hoje, não tira tempo de ir com seus filhos fazer isso. Disse que quando começou a participar dos encontros refletiu e percebeu que seu filho quando criança não brincou muito, pois desde que pode ajudar nas atividades de casa, teve que trabalhar.

Gosta de morar no interior, gosta do lugar onde vive e de trabalhar na lavoura. Queria conseguir plantar mais milho, que é a base da subsistência de uma propriedade, mas falta espaço nas lavouras. Considera-se uma boa agricultora: “não só por trabalhar, mas também tem que tratar bem quem trabalha junto com a gente”. Está sempre buscando melhorar, adquirir alguma coisa. Considera que o mais importante da propriedade é plantar o máximo de alimentos possíveis para a alimentação da família. Gosta de cuidar do pomar e da horta, sente prazer em colher os alimentos de sua produção. Tem preferência pelos serviços da lavoura em relação aos serviços domésticos. “Gosto de estar com a casa sempre limpinha, mas não gosto muito de fazer, prefiro a lavoura a casa”.

Quando solicitada para citar um, dos quatro elementos da natureza, com o qual mais se identifica, falou da Terra, porque dela, todos necessitam, é produtiva e fértil. A terra compara com a família, pois necessita de ambas. Como a terra é produtiva, também podemos ser produtivos e conseguir as coisas, explica. “Às vezes a terra é forte e fértil, mas ninguém é forte e fértil o tempo todo. O que mais pode ajudar as pessoas é a produtividade, não sempre pensar em lucro, mas no sentido de ter conversas produtivas na família”, diz.

O que poderia prejudicá-la seria ser uma pessoa fraca, no lugar de fértil. “Às vezes aparecem os problemas que derrubam a gente, e a gente tem que ser fértil,

não pode ser fraca, assim como a terra, se for uma terra fraca não vai ajudar, e se a gente for uma pessoa fraca, não vai ajudar também”.

Como cada lugar que visitava achava bonito, se entusiasmou para cuidar mais os arredores de sua propriedade, plantando mais árvores, gramas, flores e pretende fazer o cercamento do pátio. Gostou muito das atividades em meio à natureza, de subir em árvores, visitar a cachoeira e, principalmente, de tirar fotos. Não tinha nenhuma foto dela sozinha, ainda mais em meio à natureza.

d) Mulher 4: RG

Imagem 4 – RG



Fonte: Da autora.

RG gosta muito de flores, queria ser um jasmim, que exala de longe seu perfume. Gosta de contagiar as pessoas que convive com suas histórias e suas risadas. Valoriza muito seu bom humor, gosta da união de sua família e de ver todos felizes. É grata pela saúde, pela amizade com este grupo e pela sua família.

❖ Subjetivo

RG tem 33 anos e uma filha de sete anos. Ela tem Ensino Médio Incompleto. Nasceu e cresceu em uma das localidades mais distantes da sede, Posse do Trigo. Saiu de lá com 21 anos, quando casou, e então, passou a residir em Ronda Alta. Há quatro anos a família construiu uma casa nova, pelo Programa Minha Casa Minha Vida.

Um dos fatos mais importantes de sua vida foi a festa de 15 anos de sua irmã, porque nenhuma das outras irmãs haviam ganhado festa (por se tratar de uma família carente). Queriam fazer uma festa para a irmã mais nova, a qual não desejava, mas acabou aceitando.

Quando criança, adorava colocar fogo nas “macegas”. Ela e o irmão apanhavam de seu pai e, mesmo assim, colocavam fogo. Também gostava de brincar com uma carretinha de madeira, “com quatro rodinhas”. Na sua vida adulta, o que mais a deixa feliz é ver sua filha crescendo, com saúde, poder assistir filmes e desenhos com ela e brincar no balanço. Entre suas conquistas, está a casa própria “de alvenaria” e o pagamento da dívida da terra, “no banco”.

Em suas horas de lazer, gosta de trabalhar no pátio, com as flores, e estar com a filha. Seus trabalhos manuais em crochê, que também faz nos momentos de folga, a deixam muito orgulhosa, pois os acha muito bonitos. Entre seus sonhos e prioridades, gostaria de ter mais filhos, adquirir um carro, emagrecer e concluir o Ensino Médio.

Quando questionada sobre o que gostaria que não mudasse em sua vida, afirma que quer sua família sempre unida, convivendo sem brigas. Pela família ela deixa de lado os afazeres domésticos. Gosta da convivência entre os três (ela, o marido e a filha) e, também, com os demais familiares. O que mais aprecia em seu trabalho é poder plantar e colher para a alimentação da família. Sente paz ao ver seu pátio cada vez mais organizado e a “safra” em boa produção.

Para cuidar de seu lado mental, pensa positivo e quando está muito estressada “conta até 10”. Sobre o cuidado físico, toma um banho para relaxar, aproveita quando a filha quer andar de bicicleta e sai para caminhar na estrada. Emocionalmente nutre-se com conversas com a família e com outras pessoas. Sobre o aspecto espiritual, relata não vai muito à igreja, mas reza em casa, agradece a Deus por tudo e ensina a filha a rezar sempre. Considera que o aspecto físico é o que precisa de mais cuidado, com exercícios, diminuindo a quantidade de alimentos e fazendo um cardápio mais saudável.

RG foi bastante impactada pela trilha realizada até a cachoeira, Fazia muito tempo que não visitava um rio ou uma cachoeira. Sentiu-se realizada por conversar mais com as pessoas, ter feito novas amizades durante os encontros e espera que o grupo continue se encontrando.

❖ Social

RG tem bom convívio com seus familiares e vizinhos, procura se entender com todos e, sempre que possível, visitá-los. Na comunidade, se identifica mais com a escola, onde sempre que possível participa junto com a filha. É a mesma escola que ela estudou e da qual gostava. Participar do grupo das trabalhadoras rurais lhe traz satisfação, pois gosta de conversar com as mulheres. Participava pouco da igreja pela distância, mas a partir das conversas dos encontros, está frequentando mais assiduamente.

Sobre suas amizades, cita que a primeira é sempre da família e depois os vizinhos, principalmente as duas cunhadas. Quando foi para pensar em alguém com quem aprendeu alguma coisa, diz que, “com os pais sempre se aprende, os dois sempre a incentivaram e ajudaram, mas a professora Alicinha foi com quem começou aprender, a escrever e a estudar”.

Nos relacionamentos, deixa a filha feliz quando brincam juntas, jogam bola. Mas o que mais deixa sua filha feliz é quando diz que a ama. Seu marido demonstra alegria quando estão em casa, brincando, tomando chimarrão e conversando sobre

tudo. Quando estão doentes, ela cuida deles. Ela fica muito contente quando sua filha a abraça e diz que a ama, e quando seu marido a ajuda no serviço da casa.

Considera o respeito como o principal ingrediente de um bom relacionamento: “se um respeitar o outro, o casal dá certo”. Dentre todos os tipos de relacionamentos discutidos, considera sua família como o mais importante. Gosta quando estão todos os irmãos juntos. “Se falta alguém, ligam, um ri do outro”. Conta que “nunca brigaram ou viraram a cara um para o outro”.

❖ Ambiental

RG gosta muito do lugar onde mora, mas no início teve que se adaptar. Para ela, meio ambiente significa o ar, a água, as plantas, elementos que considera que devem ser preservados. Lembra que na sua infância, ela e seus irmãos alertavam seu pai para não cortar as árvores perto do rio. “Ele cortou e secou o arroio”. Gostava de ir para o rio pescar e tomar banho. Hoje, na sua vida adulta, raras são as vezes que vai com a família para o rio tomar banho. Ainda tem a consciência de não desmatar, que precisam derrubar algumas árvores para arrumar a fonte natural de água. Depois irão reflorestar.

Ela sempre gostou do ambiente rural e não pensa em sair desse meio. Quando pensou, foi passear na “cidade grande” e não gostou. “Até o ar para respirar era diferente”. O que acha mais importante em sua propriedade é o seu pátio e suas flores, que cuida com carinho. Gosta de ornamentar o jardim. Na lavoura, gosta de trabalhar no fumo, “salitrar e adubar”, porque caminha bastante, e isso faz bem. Tem autonomia para realizar todas as tarefas e, em algumas, o marido ajuda. Em relação às atividades domésticas, quando precisa, o marido faz alguma atividade da casa (se ela não está), mas se ela está presente, é só com ela. Acha seu trabalho muito importante, pois sem ele não conseguiria adquirir bens, alimentos, eletrodomésticos, pagar a dívida da terra. Não se sente inferior por ser agricultora, tem orgulho e gosta de mostrar isso.

Quando solicitada a se comparar com um dos quatro elementos da natureza, diz que se acha parecida com a Terra, porque é firme, produtiva e sensível. Ser firme e nunca deixar se abater. O aspecto produtivo ela relaciona com as amizades. "Ser sensível ajuda na convivência com as pessoas, mas quando é demais pode acabar prejudicando".

RG diz que natureza sempre representou vida. Ela relata que nos últimos meses, plantou mais árvores frutíferas e está tendo mais cuidado com o lixo na propriedade, não deixando-o jogado ou amontoado. Diz sentir cada vez mais prazer pelo trabalho que faz, porque assim conseguem adquirir as coisas. Uma alegria é a construção de um açude na propriedade, por meio de recursos de programas sociais. Agora vão iniciar a criação de peixes, o que ela gosta e acha bonito.

e) Mulher 5: MD

Imagem 5 – MD



Fonte: Da autora.

Se MD pudesse ser algo da natureza, escolheria ser um beija-flor, para beijar muito todas as pessoas que gosta. Ela conta que uma vez um beija-flor entrou dentro de sua casa, e ela e seu marido conseguiram pegá-lo e colocaram pertinho de suas duas filhas que eram bem pequenininhas. Ela se considera uma boa mãe e ser mãe, para ela, "foi uma graça de Deus".

❖ Subjetivo

MD tem 34 anos. É mãe de gêmeas de 5 anos. Nasceu e passou sua infância na comunidade de Ronda Alta. Com 18 anos, casou e continuou morando ali. Aos 30 anos mudou-se com o marido para Caxias do Sul, para trabalhar. Ao conceber as gêmeas, tiveram que voltar para Lagoão, pois não tinham com quem deixá-las.

Emocionada, conta que quando foi para o hospital ter as filhas lhe disseram que não havia chances de voltar com elas para casa. Foi para o hospital dia 28 de novembro e retornou dia 16 de março, com as filhas saudáveis. Havia risco de serem prematuras, com possibilidade de ficarem cegas ou mudas. Ela disse para a médica que tinha fé em Deus e tudo daria certo.

Na infância, ficava feliz quando estava com toda a criançada para brincar. Construíam casinhas e faziam balinhas de pitanga. Hoje sua felicidade é ver as filhas crescendo com saúde. Se diverte no Facebook e gosta de sair, conversar com as pessoas, receber visitas. Sonha em legalizar a área de terras onde residem, ter uma casa boa e grande, fazer um quarto bonito para as filhas, e ver elas estudando bastante para terem uma profissão e não precisar "ficar na roça" como os pais.

Uma das coisas que lhe transmite paz é a companhia da mãe. Gosta da união da família, contando histórias, dando risadas. Quando questionada sobre algo que desejava muito e já conquistou, responde que foi a terra onde vivem, que agora é própria. Fica tranquila em saber que as plantações estão se desenvolvendo bem, tanto a safra de fumo, como os alimentos para o consumo da família. Se pudesse mudar alguma coisa nela mesma, arrumaria seus dentes, colocaria aparelho para deixar bem "parelhinhos".

MD raramente, tira tempo para seu autocuidado. No aspecto mental procura pensar coisas positivas. Para o físico, toma banho com água “bem morninha”, o que a deixa relaxada. Diz que precisaria cuidar mais de seu lado físico, porque nunca tira tempo para caminhar e relaxar. Para melhorar seu lado emocional, procura estar com a família e com o grupo de trabalhadoras rurais. Espiritualmente, se mantém com as rezas noturnas e gosta de assistir as missas na televisão e ir na igreja quando pode.

Durante os encontros sentiu-se tocada com a dinâmica das fotos, onde cada uma contou sua história de vida, todas emocionaram-se e puderam conhecerem-se melhor.

❖ Social

MD tem boas relações com seus familiares e com alguns vizinhos. Seu envolvimento na comunidade é maior com o grupo de trabalhadoras rurais. Atualmente é a presidente do grupo. A escola também é importante na sua vida social, lá acompanha as filhas que estão no pré-escolar.

Relaciona-se bem com a irmã e com sua “comadre”. Quando perguntada sobre alguém com quem aprendeu algo relevante cita a mãe, que a ensinou a ser forte, ter coragem para tudo, para as coisas boas e ruins.

Nos seus relacionamentos o que mais lhe dá satisfação é brincar com as crianças. Com as mulheres do grupo gosta de conversar, fazer brincadeiras. Também fica satisfeita em visitar a mãe quando ela está triste. O marido, ela diz agradar com uma “caipirinha bem geladinha”.

Um momento cotidiano que a deixa feliz é quando as crianças chegam da escola, lhe abraçam, a beijam e contam como estava a aula. Também gosta de ouvir as histórias das mulheres do grupo, de ganhar presentes da mãe e da companhia do

marido. Considera que o ingrediente mais importante em um relacionamento é o respeito, porque para viver juntos tem que saber respeitar o outro.

❖ Ambiental

MD gosta de morar em sua propriedade porque sabe que é o seu lugar, sua terra. Tudo o que tem lá foram eles que plantaram. Quando foram morar lá, não havia nada além de “mato” e, aos poucos, estão melhorando o entorno da propriedade, plantando flores, grama e árvores frutíferas. As atividades são desempenhadas de forma conjunta: “o serviço é tudo junto, desde que levantamos, tomamos mate, vamos para a roça juntos, voltamos juntos”. Enquanto ela arruma as crianças para ir à escola, o marido faz o almoço e faz o pão. As filhas ficam em casa quando os pais estão na lavoura e, à tarde, estudam.

Meio ambiente para MD é “mato” e deve ser preservado, por isso, diz que sempre que possível evitam cortes de árvores, quando precisam cortar para lenha, escolhem o que já está seco. Na infância gostava de brincar subindo em árvores e tomando banho no rio. Lembra rindo de uma vez, quando estava com os primos em uma laranjeira e, quando olharam para cima, havia uma raposa em um dos galhos. A mãe chegou da lavoura e a matou. Hoje gosta de sentar à sombra de uma árvore para descansar e tomar chimarrão. Observa que a natureza mudou muito, há menos árvores e água. Nos encontros, gostou de ir na cachoeira da propriedade da irmã (que era de seu pai). Fazia muito tempo que não visitava e isso a fez lembrar da infância, o que a deixou feliz.

Gosta de viver no ambiente rural, mas se tivesse uma oportunidade de emprego, iria morar na cidade, para não precisar trabalhar na roça. Acha seu trabalho muito sofrido, “mas não é vergonhoso, porque se trabalha para conquistar as coisas”. Quando se comparou com um elemento da natureza, escolheu a água por ser fresca, transparente e tranquila. Fresca compara ao fato de ser alegre e fazer as pessoas se alegrarem. Transparente porque acha que pode ajudar tentando ser transparente com as pessoas, e quanto à tranquilidade, diz que precisa ser tranquila para ajudar as pessoas, pois ser impaciente pode dificultar essa intenção.

f) Mulher 6: ST

Imagem 6 – ST



Fonte: Da autora.

Se pudesse ser algo da natureza, ST seria um beija-flor, porque todos gostam e acham bonito. Ela quer que as pessoas gostem dela e se sintam bem na sua presença. É grata pela vida, por ter saúde, pelos amigos e pela família. O que mais valoriza em si mesma é ser boa mãe, boa esposa e boa dona de casa. Às vezes se pega rindo sozinha, quando lembra das “prozas” de seu filho, que fala coisas engraçadas.

❖ Subjetivo

Ela tem 35 anos e dois filhos: uma menina de 14 anos e um menino de 6. Nasceu e passou a infância na localidade de Arroio do Sapo. Aos 8 anos foi com a família em Barros Cassal e, aos 14 voltou para Lagoão. Vive na localidade de Ronda alta, onde casou aos 17 anos. Desde os 9 anos trabalha na lavoura. Estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental.

Um fato marcante em sua vida foi seu casamento, com toda a família reunida. Na sua infância gostava de jogar bola com os primos, brincar de pega-pega, de escorregar numa ladeira e de boneca. Hoje fica feliz com a família reunida e com seus filhos sendo educados. É isso que não quer que mude na sua vida, não quer “perder” mais nenhum familiar. Quando está de bem com seus familiares está em paz. Duas coisas que gostaria de mudar na sua vida: ser menos estressada e emagrecer. Sente prazer em receber visitas e tomar chimarrão, arrumar a casa e passear na casa da mãe, de brincar e se divertir com os filhos e o marido. Sonha em construir uma casa melhor, ver os filhos seguindo os estudos, com saúde. Não gostaria que eles precisassem trabalhar na lavoura.

São raras as vezes que ela tira tempo para cuidar da sua vida pessoal, do seu bem-estar, mas para cuidar do seu lado mental gosta que lhe façam massagem na cabeça. Para descansar fisicamente, gosta de tomar banho e dormir. O lado emocional cuida conversando com os amigos, com a família e com “nosso grupo”. Sente-se bem no grupo. Para o espiritual, vai na igreja, reza em casa e ensina os filhos a rezar. Acredita muito em Deus. Sente que precisa cuidar melhor dos aspectos físico e emocional, porque caminha pouco e precisa se abrir mais com as pessoas.

ST diz que, depois dos encontros, visita mais sua mãe nas horas de lazer e conversar mais com as pessoas. Gostou muito dos encontros pelas conversas que a emocionaram. “Foi bom pra gente”. Conta que depois de um encontro, ao chegar em casa, o marido perguntou porque estava tão feliz e conversando tanto. Ela respondeu que o encontro havia sido muito bom. Então ele a incentivou a continuar participando, já que estava fazendo bem.

❖ Social

ST tem um bom relacionamento com a família, que é grande. Também possui boa relação com os vizinhos. Conversa mais frequentemente com sua mãe e com sua cunhada. Na comunidade, se identifica mais com o grupo de trabalhadoras

rurais e com as pessoas que frequentam a igreja, que participa sempre que possível. Gosta de trabalhar em eventos na comunidade e ajuda a vender rifas para contribuir com a escola dos filhos. Das pessoas com quem mais aprendeu, cita a mãe.

Sente que deixa os filhos felizes quando brinca com eles. Sua mãe também fica contente quando todos seus filhos estão reunidos. E o marido fica alegre quando assa uma carne no final de semana. Por sua vez, seus filhos a deixam feliz quando estão com saúde, não respondam mal e lhe dão carinho. Sua mãe quando está com saúde e diz que a ama, e seu marido quando a convida para passear, já que ele não gosta de sair muito. Para ela o ingrediente mais importante no relacionamento do casal é o respeito e com os filhos é o "amor".

Após os encontros, suas relações com seus familiares mudaram. Conseguiu dizer para o marido que o ama. Conta que ele é sempre muito carinhoso, sempre diz "eu te amo" e ela nunca dizia nada. Agora já conseguiu falar. ST está participando mais das atividades do grupo das trabalhadoras rurais, participou junto com o marido de um encontro de casais com o tema "Casais inteligentes amadurecem juntos". Também está participando dos encontros do projeto de segurança e soberania alimentar, o qual é desenvolvido dentro da extensão rural da Emater.

❖ Ambiental

ST acha bom o lugar onde vive e gosta de morar ali, pois "é um lugar na beira da estrada geral, tem bastante movimento e é perto da cidade". Se considera uma boa agricultora, pois está sempre trabalhando. Fala que "no inverno aparecem os problemas (doenças) e no tempo da lida parece que melhora". As atividades da lavoura são atribuídas ao casal, mas o serviço mais pesado é do marido. As tarefas domésticas ficam a cargo dela, mas de vez em quando o marido ajuda, apesar de não gostar muito. O que lhe dá mais prazer "é ver as plantações se desenvolvendo bem, as lavouras bem limpinhas e a casa bem organizadinha". Gosta de "colher fumo com todo mundo, nem sente cansada conversando com todos que estão trabalhando". Diz que trabalha porque precisa, pois na lavoura tudo é com grande sacrifício.

Para ST, meio ambiente significa “casa limpa, terreiro limpo, lixo queimado, água limpa”. Gosta de limpar o seu espaço e de plantar. Quando sai, traz mudas de flores e de árvores diferentes para plantar. Na infância brincava nas árvores com seus primos. Quando sua mãe dava banho no rio ela sentia medo. Hoje, conta que uma vez por ano vai para a beira do rio almoçar com a família.

Quando solicitada para se comparar a um dos quatro elementos da natureza, citou a terra, por suas características: firme, produtora e sensível. Produtora porque a terra está sempre produzindo. A terra é firme e ela se considera uma pessoa firme também. Às vezes, ela é sensível como a terra, porque nem sempre a produção se desenvolve bem. Destas características, acha que o que mais pode ajudar as pessoas de seu convívio é sua firmeza.

ST ressignificou a paisagem do local das árvores frutíferas, passou a achar mais bonito depois que o grupo visitou e tirou fotos. Passou a visitar mais este lugar da propriedade, que antes dos encontros parecia que nem existia. Começou a “lidar” mais na horta, o que não gostava de fazer e passou a gostar.

g) Mulher 7: JO

Imagem 7 – JO



Fonte: Da autora.

Se pudesse ser algo da natureza, JO queria ser uma roseira, uma rosa bebê, com espinhos para ninguém ficar tirando suas flores, pois a flor exala perfume, é cheirosa e sedosa. Assim, é ela com as pessoas que convive, sempre carinhosa, dando atenção a todos. É grata pela amizade e pela simplicidade de todas do grupo. Sua vida é dividida entre sua família e sua comunidade. É uma pessoa muito prestativa em sua comunidade, faz tudo pelo bem-estar das outras pessoas. Numa trilha realizada com o grupo, se comparou aos peixes do rio, porque gosta de andar em grupo, com bastante gente.

❖ Subjetivo

JO possui 37 anos e dois filhos meninos, um com 19 anos e outro com 5. Cresceu na área urbana do município e depois que casou foi morar na área rural. Faz 11 anos que residem na atual propriedade, um lugar desejado, que ela considera sua casa, seu lugar, "um espaço próprio", conquistado durante o casamento.

Seu avô e seu pai eram ferreiros, sua mãe dona de casa. Um fato marcante de sua vida foi a festa de aniversário de 7 anos, quando perdeu um dente e seu padrinho a colocou no pescoço e arroteava até que bateu a cabeça numa parede. Sua mãe lhe disse que jamais esqueceria de seus 7 anos. Outro evento significativo foi o nascimento do filho. Foram ao hospital "para buscar uma menina e trouxemos um menino".

De sua época de infância, lembra dos natais, "porque o Papai Noel ia na cooperativa entregar os presentes". Gostava de brincar e correr, "roubava a carretinha dos guris e descia um cerro na estrada". Na sua vida adulta a felicidade vem da relação com os filhos e da participação na comunidade, quando conversa com as mulheres e se diverte com as histórias. Gosta muito de passear nas casas dos familiares para conversar e tomar chimarrão.

O que mais lhe dá satisfação é organizar festas na sua comunidade. E está relacionada à comunidade também o que ela cita como sua maior conquista: a formação da igreja, da diretoria e da pastoral. O trabalho e o relacionamento comunitário são fontes de prazer. Seu maior sonho é ver os filhos com saúde, casados e felizes. Conta que se organiza “pra ter tempo pra tudo” (família e comunidade). Com isso, sente-se em paz consigo e se dá um tempo para fazer pinturas em tecido.

Ela não mudaria nada na sua vida, gosta de ser como é. Quer que sempre tenham as “junções” de final de ano com os familiares, em Natal e Ano Novo. Quando avalia seu autocuidado, diz que raramente tira tempo para si, para embelezar-se, apesar de considerar importante.

JO relata que, após a participação nos encontros, passou a se organizar mais, tirar mais tempo para si. O que mais a impactou foram as histórias de vida de cada uma. “Às vezes olhamos para as pessoas e achamos que está tudo bem, e na verdade, cada uma tem sua dificuldade”. Buscou melhorar a alimentação da família, diminuindo o uso de temperos industrializados e, com isso, melhorou também a saúde de todos. Agora prefere os alimentos e temperos mais naturais. Percebeu que mudando a alimentação, diminuiu a ansiedade. Com os encontros, observou que consegue chegar nas atividades da comunidade com mais segurança, se abre mais, está cheia de ideias e brincadeiras novas.

❖ Social

JO possui uma ótima relação com seus familiares e vizinhos, se visitam bastante, se entendem bem. Além disso, no grupo de trabalhadoras rurais e na comunidade diz que se sente pertencente. Com o grupo de trabalhadoras rurais diz que aprende bastante coisa, troca de experiência, por isso gosta. Atualmente é coordenadora e catequista da comunidade. Faz o papel de líder porque gosta, faz com amor, o que lhe dá paz de espírito. Se considera uma boa líder porque tenta sempre fazer o melhor para as pessoas da comunidade. Orgulha-se por contribuir. A igreja que organizaram ocupa uma escola desativada, com isso estão

transformando o local, “puxando” as pessoas para uma comunidade de fé, conseguindo unir as famílias. Estão equipando o local e pretendem ter uma pastoral da criança, além de fundar um clube de mães.

Ela tem boas relações com as vizinhas e com os parentes. Sua relação de mais afeto é a irmã. Em casa conversa bastante com o marido e os filhos. Sobre pessoas com quem aprendeu coisas relevantes, cita uma freira, que lhe ensinou a ajudar as outras pessoas, como por exemplo, fazer uma injeção, medir pressão ou fazer um curativo.

Ela relata que deixa seus filhos felizes quando se reúnem para tomar um chimarrão e fazer uma comida diferente no final de semana. Sente que eles gostam de suas conversas e amizade, e que a comunidade fica satisfeita quando ela consegue algo novo. Por sua vez, a família a deixa feliz quando fazem brincadeiras e auxiliam nos serviços da casa, o que a anima e tranquiliza. Na comunidade, quando todos participam e ajudam, ela se diz contente.

JO diz que o ingrediente mais importante em um relacionamento é a compreensão, porque se um tem algum problema, um precisa compreender o outro. Seus relacionamentos mais importantes são com os filhos, com o marido e com a irmã, com quem fala todos os dias. Após a morte de sua mãe, uma se fortaleceu com a outra.

❖ Ambiental

JO diz que gosta muito do lugar onde mora, porque se sente livre. Quando vai para a cidade fica com vontade de voltar pra casa. Para ela meio ambiente significa tudo o que a natureza propõe para nós, as plantas, a preservação das árvores, a água. Cuida dele não cortando as árvores nativas, não deixando lixo jogado e preservando as nascentes. Na sua infância não tinha muito contato com a natureza porque morava na cidade, mas hoje, na vida adulta, gosta de mexer na terra, de plantar. Vai de 3 a 4 vezes por dia na horta. A horta e o pomar são considerados os elementos mais importantes da propriedade. Gosta de cultivar alimentos. Tem prazer

em poder pegar uma bacia grande, ir à horta, trazer de tudo para dentro de casa, fazer o almoço com os alimentos que cultiva.

Gosta tanto do lugar que quer viver sempre ali. Os alimentos são mais saudáveis, diz. Para ela, ser agricultora é gratificante. Sobre a divisão de tarefas em sua propriedade, explica que serviço pesado é com o marido. Na horta, o filho mais velho ajuda quando não trabalha na lavoura. O marido faz o trabalho da casa quando ela não está e, assim, se dividem nas tarefas”.

JO percebe que mudou muita coisa na natureza de antigamente até os dias atuais. Lembra-se de quando ia pescar com o pai na época de criança e haviam espécies de peixes que hoje não existem mais. Quando se compara com um dos quatro elementos da natureza, escolhe a terra, por ser forte, produtiva e sensível. Tenta se agarrar nas pessoas mais próximas, que a deixam forte. Geralmente sente-se forte, mas se alguma coisa lhe atinge, fica mais sensível. Gosta de produzir amizades, carinho e atenção. Dentre essas características, diz que ser muito sensível pode prejudicar. Considera que a forma que pode ajudar mais as pessoas é sendo produtiva, produzindo mais conhecimento, amizades, estimulando as pessoas da comunidade.

Após os encontros JO passou a cuidar mais do lugar onde mora, que está mais florido, mais bonito. Conta que com a visita deste grupo em sua propriedade se entusiasmou mais. Fala que seu trabalho lhe dá mais prazer por saber que a safra está indo bem, as árvores frutíferas produzindo.

h) Mulher 8: DZ

Imagem 8 – DZ



Fonte: Da autora.

Se pudesse ser algo da natureza, DZ escolheria ser uma azaléia, bem roxa, porque é a cor que mais gosta. Uma dessas ela tem plantada no pátio da casa, para embelezar o ambiente onde vive, pois é o lugar onde mais gosta de estar. Ela valoriza muito seu jeito de ser e diz que procura sempre tratar bem as pessoas. É grata por ter saúde, participar do grupo, desse “rodízio” de encontros nas propriedades. Agradece cada dia que passa.

❖ Subjetivo

DZ tem 46 anos e dois filhos, uma menina de 10 anos e um menino de 8. Sempre residiu na comunidade de Ronda Alta com seus pais e seus 11 irmãos. Com 32 anos casou e mora até hoje na mesma propriedade. Possui Ensino Fundamental incompleto, pois teve que parar de estudar para trabalhar na lavoura.

Um acontecimento marcante em sua vida foi o nascimento de sua filha, pois desejava muito uma menina. Algo que a emociona é uma foto da mãe dançando numa festa de aniversário: foi a última vez que sua mãe ficou em pé. Das memórias de sua infância, lembra quando sua mãe fazia massa de pão e dava uns pedaços para brincarem, torciam bem, enrolavam numa madeirinha e colocavam assar para comer. Gostava de andar a cavalo e de brincar com uma bonequinha de pano que sua mãe lhe deu. Adulta, o que mais lhe deixa feliz é poder comprar o que quer, o necessário, e dar as coisas para seus filhos. Uma grande conquista sua foi ter sua própria casa e sua família.

O que lhe deixa muito orgulhosa é ter seus filhos com saúde. Cuidar dos filhos lhe dá tanto prazer como teve cuidando da mãe. Sonha em ter os filhos crescidos, estudados e bem amparados, de preferência por perto. Uma coisa que gostaria de mudar é seu corpo, quer emagrecer.

Nas horas de lazer, gosta de costurar (à mão), visitar seus irmãos (que com a morte de seus pais, ficaram desunidos). Ela raramente tira tempo para cuidar de si mesma, mas para cuidar do aspecto mental, fecha os olhos e fica em silêncio. Para sentir-se em paz consigo mesmo, DZ gosta de ficar sozinha. Quando não está bem não gosta nem de ouvir as crianças. Cuida de seu lado físico tomando um banho e fazendo massagem. O emocional equilibra conversando com a família. E seu lado espiritual trabalha indo às missas, rezando e cultivando a fé. Atualmente é seu lado físico que está precisando de mais cuidado, porque sente "bastante cansada".

DZ conta que foi uma conquista para ela, nesses últimos meses, visitar uma irmã que há muito tempo não visitava e desejava muito isso. O que a impactou bastante foi conhecer a cachoeira na propriedade da sua vizinha. Sempre morou perto e não conhecia.

Ela gostou de tirar fotos em meio a natureza durante as intervenções, pois só tinha foto sozinha de quando era solteira. Conta que tem uma foto com uma Bíblia, que queria muito. Então comprou uma bem grande. Diz sentir-se mais em paz

consigo mesmo porque a diabete melhorou bastante. Adorou as mensagens realizadas em um dos encontros. Nunca havia tirado tempo em casa para isso.

❖ Social

DZ tem boas relações com seus familiares e vizinhos, visitam-se quando tem tempo. Na comunidade, se identifica mais com o grupo de trabalhadoras rurais, com quem conversa e se diverte, e com o grupo da escola dos filhos. Conta que sempre que pode ajuda nas festas da igreja ou do grupo das trabalhadoras rurais. Gosta de ajudar, mas não gosta de festas, porque “se criou sem participar”.

Alguém com quem aprendeu na sua vida foi a mãe, porque sempre era ela que a compreendia melhor, enquanto o pai era mais “áspero”. A vó de seu marido lhe marcou muito, pois a divertia.

Busca deixar os filhos felizes brincando com eles, ajudando nas lições escolares e rezando na cama, antes de dormir. O marido fica feliz quando chega da roça e tomam chimarrão juntos, quando ela faz um doce que ele gosta ou assistir novela e jogos na televisão. O que a deixa feliz é quando as crianças a obedecem, lhe fazem carinho e dizem que a amam. O marido contenta quando lhe entende e apoia ou saem para passear. O grupo formado com as intervenções sempre a deixava melhor, mais calma e mais feliz. Gostava de participar dos encontros, de estar entre amigas.

DZ acha que o ingrediente mais importante em um relacionamento é o respeito, pois, “como vai viver junto se um não respeitar o outro?”. Conta que tinha um bom relacionamento com seus pais e com os irmãos quando estava em casa, e o tem até hoje, apesar de encontrarem-se menos após a morte da mãe.

Gostou muito dos encontros realizados a partir das intervenções, de sair, conversar com as outras mulheres, o que a fez sentir-se uma pessoa melhor em casa, deixando de pensar em “bobagens”. Gostou de conhecer as propriedades que ainda não conhecia e espera que as amigadas continuem. Ressaltou a dinâmica em

que caminharam juntas, sentindo o passo uma da outra, e também quando ficaram de olhos vendados e precisaram adivinhar a colega com as mãos (tato).

❖ Ambiental

DZ gosta muito do lugar onde mora: um lugar quieto, com açudes ao redor, com espaço para plantar as verduras. O que mais gosta em sua propriedade é da sua casa. Antigamente quando tinha sua mãe viva, nunca pensava em sair dali, mas hoje, se precisasse, sairia, mas continuaria morando no interior.

Meio ambiente, para ela, são as plantas por fora de casa, as árvores, o pomar. Cuida do meio onde vive não deixando lixo espalhado, cuidando das plantas e do pomar, reflorestando a fonte natural de água para o consumo. Sua relação com a natureza na infância foi muito mais próxima que é hoje. Tomava banho de “sanga” com as primas, brincava, saiam a procurar frutinhas no meio do mato. Hoje, raramente toma banho de rio, pois fica longe.

DZ gosta de ser agricultora, de morar no interior, de plantar, de se entreter tratando as galinhas e os porcos. Considera importante ter a produção própria de alimentos. Sente prazer em plantar e colher os alimentos para a família. Reconhece o seu esforço para isso, desde que começa fazer as mudinhas, depois com o plantio, está sempre se envolvendo, até a colheita. Valoriza muito seu trabalho e tudo o que tem e o fato de não precisar comprar tudo.

Sobre a divisão de tarefas na propriedade, DZ cuida da horta e, na lavoura, só não faz serviço pesado, como lavrar, nos demais se envolve. O marido limpa o pátio e os galpões, a filha lava a louça e ajuda a limpar a casa. O filho cuida dos cabritos e brinca de bicicleta. O marido já ajudou mais nas tarefas de casa, porém, hoje, “ajuda menos porque tem a menina, mas quando casaram foi combinado de se ajudarem”.

Quando solicitada para se comparar com um dos quatro elementos da natureza, pensa logo na terra, pelas suas características de ser produtiva, forte e fofa. Produtiva porque, assim como a terra produz, nós produzimos relacionamentos

com amigos e com a família. Precisamos ser fortes em vários momentos. E fofo “porque a gente não pode se deixar ficar dura, não pode ter o coração duro com ninguém”. Entende que a forma como poderia ajudar mais as pessoas de seu convívio seria tentando deixá-los fortes e produtivos, para terem bons relacionamentos.

Após as intervenções, começou a deixar mais organizado o ambiente onde vive, as visitas nas propriedades a entusiasmaram neste sentido. Um de seus prazeres no trabalho rural é ter mais plantações e vê-las se desenvolvendo bem. Marcou-lhe especialmente um dos encontros, em que parou para escutar os sons da natureza. Foi a primeira vez que fez isso na vida.

i) Mulher 9: LB

Imagem 9 – LB



Fonte: Da autora.

Se LB pudesse ser algo da natureza, escolheria ser um pássaro, para voar bastante, conhecer lugares diferentes. É grata pela vida, pela saúde e pelas

amizades que tem. Valoriza muito seu prestígio, porque acha que as pessoas gostam bastante dela.

❖ Subjetivo

LB tem 49 anos e um filho com 10. Possui o Ensino Fundamental completo, que concluiu cursando a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Quando adolescente não pode terminar seus estudos porque tinha que trabalhar na lavoura. LB sempre morou em Ronda Alta, casou aos 37 anos e mora na atual propriedade desde então. Conta que namorou 18 dias e noivou, logo em seguida não quis mais seu noivo (o marido atual). Depois de um tempo voltou a namorar e então, casou. Realizou seu maior sonho aos 39 anos, o de ser mãe.

Uma lembrança feliz de sua infância era brincar de casinha no mato. Fazia as prateleiras e pegava plástico para usar como guardanapo. Até hoje gosta de colocar guardanapo em suas prateleiras. Em sua vida adulta, o que a deixa mais feliz é seu filho. Marcou-lhe um passeio que fez com ele para a Bahia. Tinha medo que o filho, por ser criança desistisse de andar de avião. Para ela foi o melhor passeio de suas vidas. Ver seu filho crescer, com saúde, estudar e ter seus objetivos alcançados está entre seus sonhos pessoais. O outro é ter sua terra própria, pois onde residem é de seu cunhado.

Para LB se sentir bem basta receber uma visita. Sente satisfação em agradar as pessoas com sua comida. Nas horas de lazer, gosta de caminhar ao redor da casa, na horta e no açude, para ver e tratar os peixes. Fica realizada quando a família está unida em momentos de bom humor, o que nunca gostaria que mudasse em sua vida. Se fosse para mudar algo, gostaria que fosse sua coluna, que é um “pouco torta”. Um fato que se sente muito orgulhosa por ter realizado, foi trazer seu irmão, doente, para sua casa, para cuidar dele (é o mais velho de todos os irmãos).

Para cuidar de seu lado mental, procura deixar tudo organizado. O físico cuida tomando um banho e dormindo, para descansar. Para o seu lado emocional procura "fazer tudo certo" e conversar bastante. E a espiritualidade cuida cultivando

a fé, rezando. Hoje, seu lado que mais está necessitando de cuidado é o físico, pois não tira tempo para sentar, sente-se cansada do trabalho.

LB ficou mais impactada com a dinâmica das fotos que realizamos durante as intervenções, onde cada uma contou sua história de vida e, assim, conheceram-se melhor. Também gostou muito da atividade do Diagrama de Veen, onde pode relacionar a sua proximidade com os grupos sociais existentes na comunidade. Após os encontros realizados a partir da pesquisa, disse que tirou um tempo para cuidar mais de sua saúde, foi fazer os exames que há mais de ano estava adiando.

❖ Social

LB possui ótimas relações com todos seus familiares, se visitam bastante. Já com seus vizinhos, apesar de possuir boas relações, não têm o hábito de se visitarem. Na comunidade, se identifica mais com o grupo de trabalhadoras rurais, do qual mais participa, mais gosta e mais aprende. Sempre que solicitada, auxilia nas atividades. Também contribui na escola do filho. Suas amizades principais são familiares, a cunhada e sua mãe.

O que mais vai levar dos encontros são as recordações, as experiências, bastante conhecimento e o fortalecimento das amizades, pois conhecia as pessoas, mas muitas nunca havia “parado” para conversar.

❖ Ambiental

LB gosta muito do lugar onde mora, acha tranquilo, porém se preocupa com a possibilidade de roubos, pois é um lugar bastante “retirado”. Para ela, meio ambiente são as florestas, as árvores e os passarinhos. As formas de cuidado que ela tem com o ambiente é protegendo, tanto as árvores quanto as nascentes. Na infância gostava de brincar no açude, se divertir. Atualmente vai com a família, uma vez por ano, tomar banho no Rio Pardo. LB percebe que muita coisa mudou na natureza de antigamente para os dias atuais: “mudou tudo, é tudo diferente, as águas, as

árvores”. Lembra de um arroio, na casa onde morou quando criança, que hoje não existe mais.

LB gosta muito do ambiente rural onde reside, de trabalhar ali. Sente-se realizada e se tivesse uma oportunidade de sair, não iria. Leva seu trabalho como uma gratificação. De todas as tarefas, o que lhe dá mais prazer é “quebrar fumo na lavoura”, porque se sente mais livre. Prefere o trabalho braçal da lavoura do que o serviço em casa. Conta que todas as tarefas - de trabalho e da casa - são realizadas coletivamente, tanto na lavoura como nos serviços domésticos. A horta é o lugar que ela tem maior autonomia. Dentro de casa os dois se ajudam, na comida ou na limpeza. O marido “só não lava roupa”. Ele levanta primeiro e a espera com o chimarrão pronto. Ele trata os animais e ela tira o leite. Serviços pesados são com o marido, o restante é dividido. Pensam sempre juntos.

Quando se compara a um dos quatro elementos da natureza, é a única do grupo a citar o fogo. Ele é quente, queima e incendeia. Escolheu essas características que demonstram uma pessoa forte, que sempre vai em frente, nunca desiste, se tiver algum problema o fogo chega e arrasa, assim como a pessoa consegue ser um suporte. Ela se imaginou forte como o fogo, com capacidade de contagiar as pessoas, ser suporte de energia.

Em relação ao seu trabalho, fala que hoje o prazer pelo que faz vem do fato de trabalhar para si e para sua família, e poder usufruir da renda adquirida. Diferente de quando trabalhava na casa dos pais e a renda de seu trabalho ficava para eles.

Durante as intervenções, uma das experiências que adorou foi subir em árvores novamente, o que não fazia desde a infância. Tirar fotos na natureza, tanto nas árvores como na cachoeira, a deixaram feliz, pois terá uma recordação deste grupo. Ficou feliz também por ter fotos dela sozinha, ainda não tinha nenhuma.

4.2 Paisagem socioambiental coletiva e os novos territórios existenciais

Este subcapítulo destina-se a realização de um cruzamento transversal das ecologias subjetivas, sociais e ambientais que identificamos nos relatos e práticas realizadas por meio das intervenções junto ao grupo de mulheres rurais. Analisaremos como as relações ecológicas se relacionam com os pressupostos trazidos pelos autores do referencial teórico e quais aspectos emergiram como comuns nas experiências das nove mulheres, compondo o que denominamos como uma paisagem ecosófica coletiva.

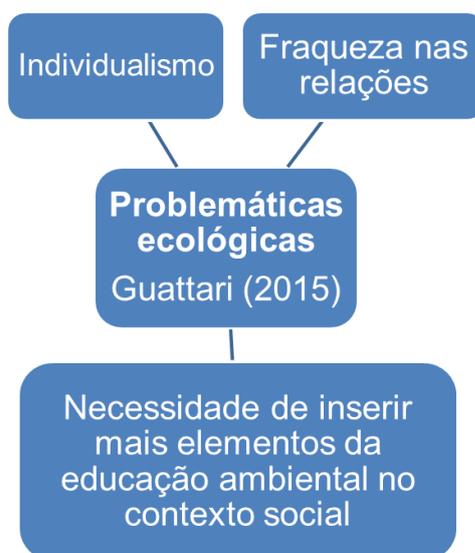
4.2.1 Ecologia subjetiva

Embora a problemática ecológica tenha se tornado um tema de toda a sociedade, a mesma coloca em choque questões relativas à subjetividade humana, as quais permeiam as relações ecológicas, mesmo que ainda sejam vistas com certa timidez pela sociedade.

Vivenciamos aceleradas mudanças na contemporaneidade, as quais comprometem a qualidade de vida das pessoas, e isso pode ser observado durante os encontros realizados com as mulheres rurais em suas propriedades. Quando Guattari (2015) cita que o individualismo e a fraqueza das relações não deixam de serem problemáticas ecológicas, ele reforça que há uma necessidade de inserir mais elementos da educação ambiental no contexto social, como mostra no esquema 3. Através das intervenções realizadas, pudemos sentir que as mulheres, na maioria das vezes, não se dão por conta da subjetividade que se encontra ameaçada pela velocidade e fluidez das relações em seu meio, mesmo quando caracteriza-se como rural e de um pequeno município do Rio Grande do Sul. Isso fica explícito quando algumas mulheres deixaram claro que não tiravam tempo para cuidar de si ou visitar alguém para conversar, sendo impactadas pelas rodas de conversas e atividades vivenciais desenvolvidas a partir das intervenções. MG diz estar menos tímida, se abrindo mais com as pessoas e procurando sair mais de sua casa para passear. MA começou tirar mais tempo para si e cuidar mais de sua

saúde, pois como ela mesma disse “não tirava tempo nem para fazer exame”. DZ contou alegremente que visitou uma irmã que morava longe e há muito tempo não via. ST procura visitar mais sua mãe e conversar mais com as pessoas.

Esquema 3- Problemáticas ecológicas e a inserção da educação ambiental no contexto social



Fonte: Da autora

É esse contato mais íntimo consigo, com o outro e com o meio que desencadeia o que Bondía (2002) descreve como experiência, tudo aquilo que nos acontece, que nos toca e que, na maioria das vezes, passam no cotidiano como possibilidade de acontecimentos pouco percebidos. Os encontros tocaram de alguma forma as mulheres, tornando-as mais reflexivas sobre suas atitudes do dia a dia, emergindo, assim, como experiência sensível. Um dos acontecimentos das intervenções que emergiu como uma experiência comum, que tocou a todas de forma especial, foi a construção da história de vida com a apresentação das cinco fotografias mais relevantes para cada uma. Conheceram-se mais a si mesmas e também uma a outra, percebendo que cada pessoa tem seus bons e difíceis momentos durante a vida. Nisso provocou-se a experiência empática, consigo e com o outro.

Para realização dessa atividade, que aconteceu no segundo encontro, havia sido solicitado previamente que as mulheres escolhessem fotografias importantes em sua vida, trazendo-as para contar um pouco de sua história. Em um painel, as mulheres colocavam as fotos em ordem decrescente de importância e relatavam fatos marcantes de sua história de vida, como está representado na imagem 10. Em seguida, escolhiam uma, entre as cinco fotos, que considerasse mais representativa, para detalhar um pouco mais sobre sua vida.

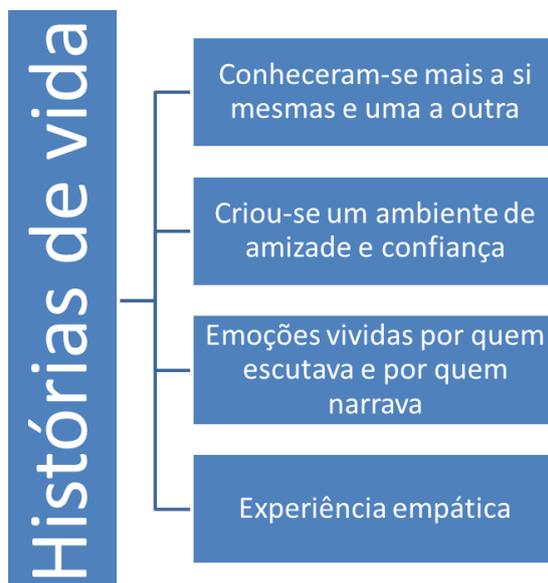
Imagem 10 – Apresentação das fotografias mais relevantes de cada mulher



Fonte: Da autora.

Essa atividade ao mesmo tempo em que as emocionou pelo contexto de cada história, as fez desfrutar de um espaço protegido que se criou ali, naquele momento, de amizade e confiança. A cada história contada a emoção era vivida por quem escutava e por quem narrava, remetendo a uma história de vida coletiva, que incluiu a pesquisadora. Retomar as suas trajetórias de vida por meio das imagens que manifestaram também relações socioambientais, as fez aprender com a própria vivência, o que, como afirma Tuan (1983), é experienciar (ESQUEMA 4).

Esquema 4- Efeitos emergentes a partir da dinâmica das histórias de vida



Fonte: Da autora.

As atividades vivenciais e reflexivas provocadas pelas intervenções e provocadoras de aspectos subjetivos, sociais e ambientais, aparentemente causaram efeitos de diferentes modos em cada uma, mas a todas de uma forma que gerou um senso coletivo: DZ gostou de tirar fotos em meio a natureza, pois não tinha nenhuma foto dela sozinha, principalmente na cachoeira perto de sua propriedade, que ainda não conhecia. Foi oportunizado às mulheres, durante a trilha até a cachoeira (que aconteceu no sexto e no quarto encontro), a realização de algumas vivências em meio a natureza, em que puderam se fotografar de diversas formas: individualmente ou em grupos, fazendo diferentes poses, em cima de algumas árvores ou abraçadas a elas (IMAGEM 11). Estas possibilidades exploradas livre e ludicamente as sensibilizaram. Nenhuma delas havia tido este tipo de experiência em sua vida adulta. Muitas delas não tinham fotografias de si mesma, sozinhas. Puderam, assim, perceberem-se diante de suas próprias imagens, observando-se. Visualizaram-se nos ambientes que vivem, no meio rural, onde cotidianamente constroem suas teias de vida, mas não se veem. Poder se ver, atravessou sua subjetividade e faz algo aflorar.

Imagem 11 – Registro das mulheres em meio à natureza



Fonte: Da autora.

Outra vivência que tocou várias delas, constituindo-se em uma experiência, entendida como aquilo que marca o corpo, foram as massagens. DZ foi especialmente afetada pelas massagens, que aconteceram durante o terceiro encontro, pois nunca havia tido este tipo de vivência, quando as mulheres se sentaram ao ar livre para alongarem-se e fazer massagens umas nas outras, como forma de relaxamento físico, mental e emocional.

Com as atividades vivenciais e reflexivas desarmaram-se emoções, o que afetou as relações sociais. MG relatou que adquiriu mais confiança em si mesmo, encorajou-se, e entrou em contato com sua mãe biológica, com quem desde a infância não interagiu. Nesta retomada de uma conversa há muito retida como uma emoção dura, conseguiu uma explicação para o que há muito a fazia sofrer: por que foi abandonada quando criança. Isso causou uma reflexão interna que a fez entender quem ela é e qual seu papel no mundo.

Essas transformações que emergiram a partir e durante as intervenções, vão ao encontro do que afirma Mendonça (2007): as vivências com a natureza possibilitam às pessoas aflorar novos sentimentos em relação a si, aos outros e ao ambiente. Isso ficou bastante perceptível tanto nas falas das mulheres durante a

realização dos encontros e quanto na entrevista final. JO, por exemplo, relatou que passou a ser mais organizada, tira mais tempo para si, e, hoje, assume as atividades da comunidade com mais segurança e tem mais facilidade em liderar um grupo. ST chegou em casa do segundo encontro tão feliz e conversando além do habitual, que o seu marido a questionou a causa da alteração de comportamento. Para RS, que estava afetada por problemas de saúde na família, disse que se fortaleceu como mãe e esposa a partir das intervenções.

Ser mãe, priorizar os filhos, a família emergiu como um plano comum a todas as mulheres participantes dos encontros. Estes elementos, assim como são parte de seus sonhos, de suas felicidades e de seus objetivos de vida, ao tomar a preferência em suas vidas, tornarem-se suas prioridades, principalmente seus filhos, fizeram elas deixarem-se de lado em muitos aspectos. Com as vivências e as conversas reflexivas, perceberam que podem se incluir mais entre o que cuidam, para além da família, da propriedade, da casa, da comunidade.

O trabalho de *care*, como bem citado por Boris (2014), é visto pela sociedade como uma atividade natural do ser mulher, e para elas, não é diferente. O cuidado está impresso em suas tarefas diárias, e as mulheres veem isso de forma prazerosa e não em forma de trabalho. Quando, a partir dos encontros, perceberam a necessidade de cuidarem de si, empreendendo ações efetivas para isso, algo aconteceu em suas vidas. Retomaram a si mesmas. A ecologia subjetiva reequilibrou-se um pouco mais.

4.2.2 Ecologia social

Nenhuma pessoa consegue viver de forma isolada. Todos necessitam aprender a se relacionar com o outro, e isso é uma necessidade básica do ser humano. MA percebeu a relevância deste aspecto relacional quando citou uma das dinâmicas, realizada durante o quinto encontro com o grupo, que a impactou: quando todas tiveram que caminhar juntas, abraçadas, seguindo os mesmos passos, como mostra a imagem 12. “Até na família da gente, nem sempre a gente consegue

dar os passos sozinha, ou a gente precisa de um filho, ou precisa do marido, ou precisa da mãe, a gente sempre precisa de alguém”.

Imagem 12 – Dinâmica onde as mulheres precisaram andar juntas



Fonte: Da autora.

Cada um nasce e cresce em um ambiente social, sendo que o primeiro deles é a família. Entre os melhores relacionamentos citados pelas mulheres rurais participantes desta pesquisa, este grupo social continua sendo o mais relevante, até mesmo pelas condições de vida que usufruem: ambientes rurais, comunitários, de pouca troca social além da comunidade base. Suas sociabilidades mais fundamentais são com seus familiares, principalmente marido e filhos, antes de qualquer outro grupo social.

A estrutura e as técnicas que compuseram os encontros demonstraram efetivamente que as intervenções permeadas pela proposta da educação ambiental ecosófica foram promotoras de fortes vínculos sociais e afetivos. Muitas delas relataram que estavam conversando mais, conseguiram se abrir uma com a outra, aprenderam a escutar mais, se colocando no lugar do outro. LB conta que o fortalecimento das amizades que vivenciou será algo que vai levar para toda sua vida, pois apesar de já conhecer as outras mulheres, nunca havia “parado” para conversar com todas elas.

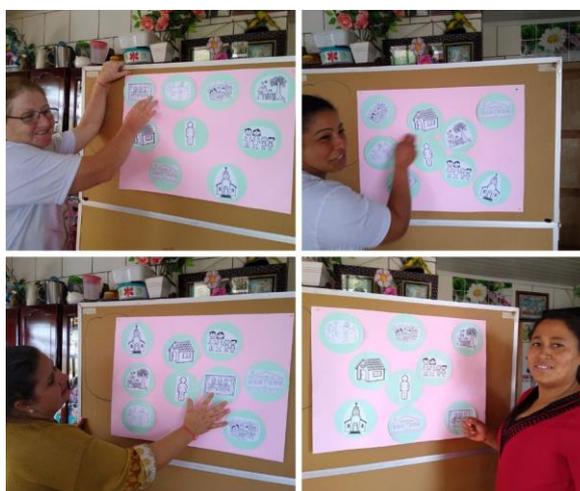
Bondía (2002) aborda estes necessários “momentos de parada” no contexto social atual, onde os acontecimentos passam, muitas vezes, despercebidos: “parar para pensar”, “parar para escutar”, “falar sobre o que nos acontece”, “cultivar a arte do encontro”. As intervenções ecosóficas foram, certamente, um momento de parada para estas mulheres, para conversar sobre assuntos que, conforme disseram elas, jamais haviam conversado antes. DZ relatou que enquanto participava não pensava em “bobagens”, o que sugere que ampliar as oportunidades de encontros significativos na vida social, criando círculo de amizades, transmuta emoções, afetando os grupos de participação e a subjetividade de quem participa. ST relatou que a partir desse “momento de parada” e desses “momentos de conversas”, conseguiu se “abrir” mais com seu marido e falar “eu te amo” para ele, o quê, por se dizer uma pessoa muito “fechada”, sentia dificuldade em fazê-lo mesmo que escutasse dele. Esta novidade na vida afetiva pode ser considerada com um salto afetivo importante. Não era uma proposta de terapia, mas a proposta ecosófica mostrou sua forma na criação de novos territórios existenciais, conforme propõe Guattari.

Quando DZ disse que gostou muito de conhecer a propriedade rural de cada mulher e participar das atividades vivenciais, porque aprendeu e refletiu sobre temas “importantes na vida da gente”, ou quando JO diz ter aumentado seu envolvimento na comunidade, o qual já era bem frequente, e com isso ganhava paz de espírito, reforçam o que Soares (2002) escreve sobre como os processos educativos fortalecem as relações entre os envolvidos.

A maioria das mulheres que compôs o grupo de intervenção já participava do grupo de trabalhadoras rurais da comunidade, mas MG começou participar incentivada pelos encontros. Ela relatou que gostou muito da dinâmica do Diagrama de Veen, realizada durante o quarto encontro com a finalidade de compreender a proximidade de cada mulher com diferentes grupos sociais. Nesta dinâmica, as mulheres utilizaram um cartaz, onde colaram a figura de uma pessoa no centro, representando a si mesma, e, ao redor, colavam figuras representativas de grupos sociais, mais perto ou mais distantes de si mesmas, conforme percebiam-se em relação a eles (IMAGEM 13). As conversas sobre o que emergiu com a atividade

fizeram com que MG considerasse dedicar mais tempo ao grupo de trabalhadoras e na comunidade, pois percebeu que quase não saía de casa. Percebeu que tinha tempo e que a interação com outras mulheres era prazerosa. Uma novidade emergiu para ela, afetando seu território existencial. Portanto, com os encontros provocou-se, também, a formação do que Soares (2002) denomina como um ecossistema comunicativo, quando a comunicação intensifica as reflexões dentro de um grupo, de forma a contribuir para a superação de desafios e a ampliação de aprendizagens, gerando a colaboração e a percepção da interdependência das partes do grupo.

Imagem 13 – Dinâmica do Diagrama de Veen



Fonte: Da autora.

Mudanças de paradigmas transformaram a vida social de cada mulher. RG, por exemplo, começou a participar mais da igreja/comunidade em consequência das intervenções realizadas. LB começou a participar mais do grupo de trabalhadoras rurais, porque é onde entende que aprende mais. JO, que é extremamente atuante na comunidade, relatou que saía dos encontros com ideias novas para aplicar com as pessoas da comunidade, pois gosta de ver as pessoas se sentirem bem com as ações que organiza, isto a deixa realizada. Freire (1988) é enfático ao escrever que a comunicação é um importante fator de mudança social e que por meio dos processos educativos pode-se formar novos sujeitos nos contextos sociais rurais, o que se evidenciou durante e após o desenvolvimento das intervenções desta pesquisa.

4.2.3 Ecologia ambiental

A ecologia ambiental pode ser caracterizada como uma nova relação do ser humano com a natureza e com tudo que constitui o meio em que vive. Mas para isso, como afirma Capra (1996), requer uma mudança em nossas percepções, em nossos pensamentos e em nossos valores. Essas mudanças podem começar pela forma como vemos e compreendemos o meio onde vivemos.

Todas as mulheres participantes desta pesquisa disseram gostar do lugar onde moram, principalmente pelo fato do ambiente rural ser mais tranquilo em relação ao urbano. JO relatou que quando sai para a cidade sente logo vontade de voltar para casa. Para MG o espaço onde construiu sua morada, é o melhor lugar para se viver, tem um sentimento de amor por ele e jamais o trocaria. Esse sentimento de pertencimento ao meio, esse apego ao lugar onde vivem, nos remete ao pensamento de Tuan (1980, p.113), quando ele escreve que “Para viver o homem deve ver algum valor em seu mundo”. Ficou perceptível, durante o processo de pesquisa, que nas propriedades mais organizadas e esteticamente mais elaboradas, as mulheres demonstraram serem mais felizes e valorizarem mais o meio rural.

Esta valorização ficou explícita quando, MA diz gostar de morar no interior e de trabalhar na lavoura, quando JO afirmou ter prazer em plantar e colher para a alimentação da família ou quando MG contou que se realiza cuidando do pátio, principalmente dos canteiros de flores. Cada mulher, a seu modo, cria um valor para o lugar em que vive e o personifica, pois veem o ambiente rural como parte delas, como diz Tuan (1980). A topofilia do agricultor, mencionada por este mesmo autor, emergiu claramente durante as rodas de conversas, sendo expressa pelo afeto ao lugar onde vivem com suas famílias e pelas atividades que ali desenvolvem.

Afetividade e intimidade com a natureza podem ser mais percebidas por meio do contato feminino, segundo Garcia (2009), pois existe uma relação parecida entre as mulheres, a terra e a natureza. Durante as intervenções, encontramos indícios

que confirmam o pressuposto desta autora. Em uma das vivências realizadas no oitavo encontro, ao serem convidadas a se compararem com um dos quatro elementos da natureza, cinco das nove mulheres se disseram mais parecidas com a Terra, por ser fértil e produtiva. Produtiva não só no sentido de produzir alimentos, mas também por produzir relacionamentos, amizades, afetos e diálogos. Ser fértil como a terra no sentido de ser forte, como disse MA: “ninguém é forte e fértil o tempo todo, mas também não podemos ser fracas, para quando aparecerem problemas, não sermos derrubadas por eles”. Além de força, as mulheres expressaram por meio desta reflexão comparativa a sensibilidade que possuem em relação a natureza, o que foi perceptível durante os encontros e também foi trazida como uma característica com a qual se autodenominam.

No entanto, não se pode generalizar, como fazem alguns autores quando atribuem apenas ao feminino a sensibilidade para com a natureza. Sabe-se que nem todo o universo feminino é aguçado para questões ligadas à natureza ou a própria produção agrícola no mundo rural e, contrapondo essa reflexão, também existe no universo masculino pessoas com maior sensibilidade em relação a natureza e que se mostram defensores da mesma. Portanto, nesta pesquisa, as mulheres envolvidas no processo permitiram-se explorar com mais sensibilidade todas as vivências a elas oportunizadas, deixando assim, implícita essa ligação do feminino com a natureza.

Dentre as atividades realizadas pelas mulheres rurais em suas propriedades, está a produção de alimentos para o consumo da família. Conforme Herrera (2016), o trabalho realizado na horta, no pomar e o cuidado dos pequenos animais é reconhecidamente tarefa da mulher, onde há pouca ou nenhuma participação masculina. O que a autora coloca vai de encontro ao que as mulheres relataram: JO tem a horta e o pomar como o que há de mais importante em sua propriedade, pois é dali que retira a alimentação da família. Na horta, seu filho mais velho, “ajuda se não vai trabalhar”. Conforme Paulilo (2013), as próprias mulheres veem as tarefas que as envolvem no entorno de suas casas, apenas como trabalho doméstico. Como cita esta mesma autora, “Se cuida da horta e das galinhas sozinha, é trabalho

doméstico”. DZ reforça essa afirmação quando disse que considera um entretenimento tratar as galinhas e os porcos.

Não podemos generalizar essa posição, pois exemplos de trabalhos conjuntos foram identificados nos relatos de RS e MD, que dividem as tarefas realizadas na propriedade, “até para fazer o almoço”. Por outro lado, há a colaboração parcial também. JO contou que o marido faz o trabalho de casa somente quando ela não está. O marido de DZ já ajudou mais nas tarefas da casa, “hoje ajuda menos porque tem a menina”, “enquanto a filha lava louça e ajuda limpar a casa, o filho lida com os cabritos e brinca de bicicleta”, relata. Isso reforça mais uma vez o que Paulilo (2013) escreve sobre a divisão de trabalho: “é doméstico se é atribuição da mulher”, o que RG reafirma quando diz que as atividades domésticas é ela quem faz.

As mulheres rurais realizam atividades nas lavouras tanto quanto seus maridos, o que mostra que seu trabalho não é restrito ao serviço doméstico ou de *care*, como também explica Neves e Medeiros (2013). MA prefere o serviço da lavoura do que a casa. LB também gosta mais do serviço “braçal” na lavoura, pois se sente mais livre. Todas relataram que trabalham na lavoura, mas o serviço “pesado” é do marido. Adentra-se aqui, em discordância com que Brumer (2004) escreve quando afirma que mesmo as mulheres trabalhando tanto quanto os homens, seu trabalho aparece como ajuda. Durante as conversas não foi detectado pensamento semelhante, pois sentem seu trabalho na lavoura reconhecido por toda sua família e pela sociedade onde estão inseridas, além disso, dizem ter autonomia e entendem que assumem um protagonismo na propriedade, seja para o planejamento da produção como para gerenciamento da renda obtida, o que se contradiz este mesmo autor, quando diz que o crédito da produção agrícola é atribuído ao “chefe da família”. Neste sentido, Herrera (2016) escreve que as mulheres agricultoras realizam atividades essenciais para a subsistência ou qualidade de vida da família, seja ela de importância biológica, social ou econômica.

Um dos temas que permeou a ecologia ambiental nos encontros foi o trabalho rural, quando foi utilizada a análise FOFA, a qual identifica Fortalezas,

Oportunidades, Fraquezas e Ameaças em relação a algo. Esta dinâmica, desenvolvida durante o sétimo encontro, teve por finalidade especificamente provocar uma reflexão sobre as relações das mulheres com o trabalho rural, identificando as oportunidades e ameaças externas à propriedade rural, e reconhecendo as fortalezas e fraquezas que circundam o interior de uma propriedade e que permeiam o trabalho rural em diversos aspectos, como por exemplo, o trabalho na lavoura e na horta, a limpeza e o cuidado com a casa e com o pátio, o trabalho com os animais domésticos e o cuidado com a família. DZ relatou ter gostado muito da dinâmica, pois “falamos do serviço da gente, o que a gente faz no dia a dia” (IMAGEM 14). MG e LB relataram que gostaram do tema porque é onde mais se envolvem no dia a dia: trabalho da lavoura, horta, casa, pátio e família. Portanto, o cotidiano de trabalho está intrinsecamente relacionado ao ambiente, no entanto algumas mulheres demonstraram não usufruir do prazer do ambiente para além do trabalho, enquanto outras deleitam-se com a beleza das flores e a organização dos pátios, por exemplo.

Imagem 14 – Dinâmica da FOFA



Fonte: Da autora.

Um outro aspecto em relação à ecologia ambiental refere-se ao fato que o trabalho de *care*, voltado para as necessidades físicas, intelectuais e afetivas dentro da família ou no círculo de convivência, como explica Boris (2014), não é visto pelas mulheres como trabalho, e sim, como um componente natural realizado em conjunto

com as atividades domésticas, envolvendo suas atividades cotidianas. O cuidado com o outro está bastante imbricado no ser mulher e pode ser percebido quando abordamos as questões subjetivas, pois sempre priorizam os filhos e o marido. Portanto, como já mencionado anteriormente, quando se trata de afeto e cuidado, as mulheres não tem preocupação com a sobrecarga de trabalho.

O cuidado não se restringe apenas ao contato com pessoas, mas também, com a natureza. No entanto, como explica Tuan (1980), na contemporaneidade, o contato das pessoas com a natureza é cada vez mais escasso e limitado, acontecendo uma vez ou outra em oportunidades pouco frequentes. A proposta de algumas vivências foi justamente isso, provocar um contato mais íntimo das mulheres com a natureza. DZ achou interessante a dinâmica do Mapa dos Sons, onde parou para escutar os sons da natureza e foi a primeira vez que fez isso na vida (IMAGEM 15). Essa dinâmica desenvolvida durante o segundo encontro teve por objetivo provocar uma escuta atenta aos sons do ambiente natural, aguçando os sentidos e sensibilizando as mulheres para que, desta forma, conseguissem vivenciar o poder que os elementos naturais têm de deixar as pessoas mais relaxadas e atentas ao seu entorno.

Imagem 15 – Mulheres participando da dinâmica do Mapa dos Sons



Fonte: Da autora.

O envolvimento suave com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo da vida era mais lento, como exprime Tuan (1980), é lembrado pelas mulheres quando estas relataram haverem tido mais contato com a natureza na sua infância do que na vida adulta. Na atualidade, disseram não tirar tempo para realizarem atividades ligadas à natureza. Por isso, as vivências proporcionadas nos encontros as sensibilizaram. LB adorou a experiência de subir em árvores, o que não fazia desde sua infância. Tirar fotos em meio a natureza despertou um sentimento de alegria nas mulheres, pelo contato com a natureza e porque não tinham fotos delas sozinhas, quanto mais em árvores ou cachoeiras.

As fotos no ambiente rural aguçaram o olhar sobre meio onde vivem. ST ressignificou a paisagem do local do pomar, que antes não visitava. Passou a gostar e achá-lo mais bonito após olhar as fotografias. As vivências possibilitaram a ela ressignificar seu pomar. Como afirma Cabral (2007), “a paisagem percebida é também significada e construída”. RS, por sua vez, ressignificou a paisagem da cachoeira de sua propriedade, tão próxima da casa, e não visitava. Após a trilha, realizada em um dos encontros, passou a levar sua filha de 3 anos, que não conhecia, e agora cobra este passeio da mãe. A beleza das fotografias que RS visualizou da cachoeira a fez rever sua relação com paisagem de sua propriedade, passando a admirá-la.

Como os encontros aconteciam nas propriedades rurais das mulheres envolvidas nesta pesquisa, várias leituras foram feitas em relação a cada paisagem observada. MA, por exemplo, se entusiasmou com as paisagens observadas em cada lugar, o que afetou o modo de cuidar do ambiente de sua propriedade. MD está procurando deixar mais organizado o ambiente onde vive. ST não gostava de ir na horta e passou a gostar mais após a realização dos encontros, do que decorreu uma nova “leitura” do seu lugar. “A paisagem pode ser considerada um texto que serve a uma multiplicidade de leituras”, como diz Tuan (1983, p.150).

Em síntese, como elementos constituintes de novos territórios existenciais para este grupo de mulheres, que Guattari (1990) caracteriza como novos modos de vidas humanos individuais e coletivos decorrentes da articulação das três ecologias,

identificamos: a) como elementos subjetivos: a percepção da necessidade de investir no autocuidado, a emergência de novos sentimentos de amizade e confiança pelo outro, maior empoderamento e organização pessoal; b) como elementos sociais destacaram-se: aproximações nas relações familiares, ampliação na interação comunitária, fortalecimento das amizades, surgimento e reconhecimento de empatia, manifestação de novos paradigmas sobre convívio social; c) como elementos ambientais: a resignificação do espaço da propriedade, modificando o modo de cuidar da mesma, mais organização e melhoramento do entorno, o sentimento de pertencimento ao meio, excitação dos sentidos, criando com isso, maior sensibilidade às vivências com o meio rural.

4.3 Paisagens socioambientais ecosóficis: em busca de algumas conclusões

Pensar em Educação Ambiental não é só pensar na dimensão ambiental propriamente dita, faz-se necessário entender a complexa rede de relações naturais, sociais e culturais que permeiam a vida da sociedade contemporânea. Relações que requerem novos paradigmas, uma nova forma de olhar o mundo, ver o ser humano não como uma peça fundamental, mas como apenas mais uma peça na teia da vida, como reforça Capra (1996) ao escrever sobre ecologia profunda.

Não basta falar que a relação entre mulher e natureza é simbolizada pela proteção e pelo ato de cuidar como aborda o autor supracitado. Para este estudo mostrou-se relevante experienciar práticas intervencionistas que gerassem envolvimento das mulheres com seu espaço socioambiental, a fim de observar possíveis transformações nas suas relações com o meio, com o outro e consigo mesmo.

Por meio das intervenções realizadas, pode-se observar nas mulheres rurais atitudes de proteção e cuidado com o meio socioambiental em que estão inseridas. Os movimentos feministas avançaram nos últimos anos no que diz respeito às mulheres conquistarem seu espaço na sociedade, e as participantes desta pesquisa, talvez por já integrarem um grupo organizado de mulheres rurais, demonstraram

assumir um papel protagonista nas suas vidas, se comparadas a outras que tem pouca ou nenhuma participação social, como observo a partir da experiência como extensionista.

As discussões em torno do ecofeminismo apresentadas no referencial deste trabalho, vem ao encontro do que também se salientou nas rodas de conversas durante a realização das intervenções, corroborando com algumas abordagens em educação ambiental descritas por Sauvé (2005). Conforme a corrente feminista, as mulheres têm mais habilidades para a educa o ambiental, o que se evidenciou na pesquisa quando as mulheres se propuseram participar de todos os encontros e demonstraram muita sensibilidade durante as atividades vivenciais. A corrente feminista foi a que mais se identificou com esta pesquisa, pois ela questiona as rela es de poder dentro dos grupos sociais, visando integrar os valores feministas   rela o com o meio ambiente e exaltando a afetividade. "Frequentemente as mulheres são as primeiras a intervir em educa o ambiental. Em seus lares e comunidades, desenvolvem uma compreensão particular dos processos naturais do meio" (SAUVÉ, 2005, p.34).

A corrente feminista descrita por Sauvé (2005) defende a sensibilidade e habilidade que a mulher tem em lidar com temas tão relevantes como a educa o ambiental. Habilidade de perceber o valor simbólico e afetivo das rela es para com o meio ambiente e a sociedade a qual se encontra inserida. Promover a harmonia entre as pessoas e a natureza faz parte do feminino. O que se busca   compreender as mulheres em sua realidade cotidiana e em sua experiência de vida, buscando identificar modos de contribuir para o seu protagonismo social e ambiental.

Quanto   corrente da ecoeduca o, outra abordagem que de início consideramos a proximidade com o contexto do estudo, foram evidenciados aspectos no que se refere   potencialidade das mulheres para aprender por meio da experiência e da rela o com o meio ambiente, exaltando sentimento de pertencimento ao meio natural, num enfoque sensorial e afetivo. Pois, como salienta Sauvé (2005), o espaço entre a pessoa e seu meio não está vazio,   onde se tecem as rela es, a rela o da pessoa com o mundo. As interven es preencheram ainda

mais o espaço entre as mulheres e a natureza, diminuindo possíveis vazios de sentido quando ocorreram processos de ressignificações.

A corrente da ecoeducação mistura aspectos das correntes naturalista, humanista e etnográfica. No seu entender, meio ambiente é o ponto de interação entre o ser humano e a natureza, a fim de que os sujeitos envolvidos no processo educativo possam aprender por meio da experiência e da sua relação com o mundo. “O meio ambiente nos forma, nos deforma e nos transforma, pelo menos tanto quanto nós o formamos, o deformamos, o transformamos” (SAUVÉ, 2005, p.36).

Nesse espaço de relações, precisamos entender como as pessoas percebem o mundo, as coisas no mundo e as outras pessoas em seu contexto, conforme escrevem Higuchi e Azevedo (2004). Conhecendo mais do contexto socioambiental de cada mulher, emergiram diferentes formas de pensar e fazer e outras semelhantes, o que alimentou os encontros e as práticas de educação ambiental.

4.3.1 A proposta de intervenção, suas intenções e potências

As práticas de educação ambiental devem ser construídas de forma reflexiva e baseadas no conhecimento dos processos de vida dos sujeitos participantes, como propõem Medeiros e Sato (2013), gerando processos criativos e contribuindo assim para a emancipação dos mesmos. Durante os encontros, foi necessário adaptar atividades, reavaliá-las e substituí-las, tendo em vista as histórias de vidas e os modos de conhecimento que se evidenciavam.

As atividades desenvolvidas nesse processo, basearam-se em perguntas poderosas no início e no final de cada encontro. No início a intenção era provocar a introspecção e a emersão de sentimentos pessoais, decorrentes das vivências de cada mulher. Permitia-se com isso uma abertura para receber as outras atividades, uma vivencial seguida de uma reflexiva, para ao final dar-se espaço para uma pergunta avaliativa.

A primeira pergunta poderosa foi um momento para cada mulher parar e refletir. Ao serem convidadas a se compararem a algo da natureza, cada mulher buscou em seu íntimo algum elemento que se parecesse com ela. Todas adentraram o jogo e responderam para além da semelhança física, buscando um elemento tradutor de seu modo de ser e de sua forma de estar no ambiente. A partir desse momento inicial já se podia começar a ter uma compreensão de aspectos da subjetividade de cada mulher, os quais foram se confirmando no decorrer dos demais encontros.

A denominada pergunta poderosa funcionou como um disparador de proximidade das mulheres consigo e com o grupo e da pesquisadora com elas. A técnica foi utilizada em todos os encontros, e permitiu um envolvimento suave e esclarecedor. Quando se ouvia, entre as mulheres, um “nunca havia pensado nisso”, com certeza, havíamos despertado um novo elemento para compor as paisagens socioambientais de cada uma. As perguntas poderosas finais transmitiam a emoção sentida por cada mulher naquele encontro. Além de identificarmos um sentimento predominante, que era externalizado, tínhamos uma avaliação do processo desenvolvido naquele encontro (IMAGEM 16).

Imagem 16 – Momento de realização de uma pergunta poderosa final



Fonte: Da autora.

Em sequência às perguntas poderosas, foram desenvolvidas atividades que exploraram os sentidos, possibilitando às mulheres um contato sensorial mais

conecto com elementos da natureza e humano. Observar a paisagem do ambiente com mais calma e ouvir os sons da natureza em sua plenitude foram substanciais para as mulheres perceberem que raramente tiravam tempo para sentir com suavidade os elementos naturais que as circundam e que, na maioria das vezes, deixam passá-los despercebidos, porque estão envoltos na concepção de obrigação atrelada ao trabalho, por mais que este lhes dê prazer.

Confiança, percepção e gratidão foram alguns sentimentos que afloraram a partir do momento que as mulheres vendaram os olhos e precisaram ser guiadas por outra (Imagem 17) ou quando precisaram “caminhar juntas” dando os mesmos passos e na mesma direção. O sentimento de confiança emergiu durante a atividade vivencial realizada ao ar livre. Uma mulher precisou confiar na outra para poder andar com tranquilidade. Cada uma foi percebendo a importância da outra e, assim, foi entendendo que não está sozinha no mundo e que necessita cultivar boas relações sociais para melhorar sua própria qualidade de vida. O sentimento de gratidão foi verbalizado pelas mulheres porque puderam enxergar de outro modo o mundo a sua volta, tendo o apoio das outras, imersas em um ambiente tranquilo, cercadas daquilo que lhes faz bem, suas moradas, a natureza e a família.

Imagem 17 – Vivência onde as mulheres foram guiadas umas pelas outras



Fonte: Da autora.

Em uma das vivências foi oportunizado às mulheres uma atividade de alongamento e relaxamento, as quais, como pensávamos, foram experimentadas pela maioria, pela primeira vez na vida (IMAGEM 18). Parafraseando Bondía (2002), esse “momento de parada” significou para as mulheres uma forma de descanso, que, em muitas vezes, pelo seu laborioso dia a dia, elas nunca se oportunizam. As massagens realizadas umas nas outras foram tão benéficas, que disseram querer dar-se tempo para praticar mais vezes no curso de sua vida. Ao final desta vivência, ao ar livre, as mulheres responderam como estava seu tempo interno. Algumas respondiam olhando para o céu e fazendo comparações, mas, o que chamou atenção, foi que uma mulher disse que seu tempo estava nublado e pesado, e ao final do encontro, saiu sentindo-se bem melhor emocionalmente. Isso foi o efeito terapêutico da proposta de educação ambiental ecosófica.

Imagem 18 – Momento de alongamento e relaxamento



Fonte: Da autora.

Quanto às atividades reflexivas, foram subsidiadas por rodas de conversas (IMAGEM 19) e dinâmicas que tratavam questões subjetivas, sociais e ambientais. A partir da realização dos três primeiros encontros, os quais tratavam questões mais subjetivas, pode-se conhecer profundamente cada mulher em seus aspectos pessoais e histórias de vida. Foram esses os encontros que geraram mais emoções

durante todo o processo de intervenção, pois as mulheres falaram de suas histórias, seus sentimentos e suas preocupações.

Imagem 19 – Rodas de conversas



Fonte: Da autora.

Ao iniciar o processo de conversas, as mulheres demonstraram a necessidade que carregavam em si, de poder “se abrir” e falar de seus sentimentos mais profundos, como aconteceu na dinâmica das fotos, onde cada uma relatou sua história de vida. Ao contar sobre momentos felizes da sua infância e especialmente daqueles momentos em contato com a natureza, lembravam com emoção de quem há muito tempo não falavam e do que também já não experimentavam, como algumas possibilidades que as cenas da memória traziam.

No quarto e quinto encontro, quando o tema eram as relações sociais com os grupos que as envolvem na própria comunidade ou com suas próprias famílias, descobriu-se como se dão os relacionamentos entre ambos e como estes se fortalecem ou enfraquecem com o passar do tempo. Algumas mulheres possuem vínculos sociais muitos fortes, contribuindo o máximo que podem para o fortalecimento afetivo de sua comunidade, já outras, em minoria, são mais reservadas e suas relações se restringem a seus familiares.

Com a realização da dinâmica do Diagrama de Veen, que possibilitou localizar os grupos sociais no entorno e o posicionamento delas em relação a eles (mais ou menos perto), as mulheres relataram o motivo da proximidade ou distanciamento com cada grupo. A partir desse processo de verbalização, observou-se que algumas mulheres elevaram sua participação comunitária e as oportunidades de interação social.

Os encontros sobre as relações ambientais causaram maior aproximação das mulheres com o meio ambiente. A trilha em meio a natureza realizada durante o sexto encontro, provocou nas mulheres um sentimento de paz e um retorno ao passado, rememorando a infância, onde o contato com a natureza era mais intenso e envolvente, como destaca Tuan (1980).

A dinâmica FOFA, que gerou reflexões sobre aspectos internos e externos de uma propriedade que medeiam as relações das mulheres com seu ambiente de trabalho, oportunizou entender como se dão essas relações e qual seu grau de importância para as mulheres, quais são suas prioridades no trabalho rural e como transcorre a divisão de tarefas na propriedade. Todos estes assuntos possibilitaram uma maior compreensão de como acontecem as relações das mulheres com o ambiente rural onde estão inseridas. Com base nesse contexto, pode-se identificar aspectos que caracterizam as relações familiares, como o grau de autonomia de cada mulher, as tarefas executadas individual ou coletivamente, o trabalho em que cada uma mais se envolve ou que lhe dá mais prazer, o apego ao lugar e o significado que assume para cada uma a profissão de agricultora.

O último encontro, destinado a uma confraternização, fez emergir a potência do afeto e das amizades que se construíram ao longo do processo da pesquisa, por meio das intervenções em educação ambiental ecosófica. As fotografias de todos os encontros foram compartilhadas entre as mulheres, que ficaram felizes porque terão estes registros da experiência consigo, nas suas casas (IMAGEM 20). Neste dia criamos a dinâmica do amigo-secreto, em que cada mulher providenciou uma flor que havia em sua propriedade para presentear com uma mensagem aquela que

seria sorteada sua amiga (IMAGEM 21). Esta dinâmica estimulou o vínculo afetivo formado durante os encontros.¹

Imagem 20 – Compartilhamento de fotografias entre as mulheres



Fonte: Da autora.

Imagem 21 – Mulheres presenteadas com as flores e as camisetas



Fonte: Da autora.

1

Como forma de agradecimento pela participação de todas as mulheres nos encontros, esta pesquisadora presenteou-as com um copo e uma camiseta com a palavra “gratidão”, em uma retribuição ao afeto demonstrado a mim no transcorrer da pesquisa.

4.3.2 A potencialidade do método para uma extensão rural ecosófica

Segundo Loureiro (2006), para promover uma educação para emancipação dos sujeitos sociais é preciso conhecer suas especificidades. Neste sentido, pode-se afirmar que elaborar um planejamento de intervenções colaborativas tornou-se menos complexo para esta pesquisadora devido a sua atuação com estas mulheres na extensão rural, pois já conhecia parte de seu meio socioambiental. Destaca-se que as intervenções permitiram às mulheres uma ampliação da reflexão crítica sobre o que fazem no seu cotidiano. Esse pensar que pode induzir a uma ação modificadora, sustenta que a prática educativa pode ser transformadora, favorecendo a produção de novos conhecimentos, como cita este mesmo autor.

“Transformar” não incluía nenhum objetivo desta pesquisa, mas certamente foi algo que emergiu durante os encontros realizados como uma concretude. Uma dimensão além das expectativas, que se evidenciou ao se ouvir os relatos das mulheres relativos a aspectos de transformação subjetiva, social e ambiental. Para Zakrzewski (2004), os indivíduos são agentes de transformação e uma educação emancipatória no meio rural pode provocá-los a fazerem mudanças na realidade em que vivem.

Percebeu-se, a partir das atividades vivenciais, que emergiu uma conexão mais íntima das mulheres rurais com a natureza, o que nem sempre é notável fora de um processo educativo, e que, segundo Carvalho (2001), acontece quando ocorre uma aprendizagem ativa, quando se dá a construção de novos sentidos para a vida.

Mesmo que o trabalho com grupos de mulheres rurais seja prática relativa ao cotidiano profissional desta pesquisadora, estes encontros foram marcados por uma formação que se mostrou envolvente e transformadora, criativa e sensibilizadora. A noção de formação se conecta com a noção de experiência para Bondía (2015). Na formação, explica, a questão não é somente aprender algo, trata-se de uma relação

mais íntima e de experiências vivenciadas com aquilo que se estuda, provocando assim, uma aprendizagem que possa formar ou transformar o sujeito.

No trabalho de extensão rural, a vivência de cada sujeito é valorizada pelos extensionistas que ali atuam. Proporcionar uma formação em educação ambiental com mulheres rurais aproximou-se, para esta pesquisadora, do que Mezomo (2010), define como um momento de resgate e valorização das identidades de todos os envolvidos. As relações afetivas estabelecidas entre as histórias de vidas destas mulheres que vivem no meio rural foram concretizadas num processo de diálogo de saberes, que, como acentua Leff (2009), "se produz no encontro de identidades".

O extensionista rural é importante educador ambiental porque consegue levar informações e instigar reflexões num processo desenvolvido com grupos de agricultores, ampliando as experiências de cada sujeito e contribuindo para a melhor compreensão de seu contexto socioambiental. Neste sentido, Freire (1988) ressalta a importância da comunicação como importante fator de mudança social, o que nesta pesquisa deu-se por meio da estrutura dos encontros, que se constituíram em uma proposta de comunicação ambiental ecosófica, acima de tudo, pelo seu caráter colaborativo e pela sua potência para despertar transformações subjetivas, sociais e ambientais.

Nesse processo comunicativo, foram externalizados pensamentos acerca do trabalho produtivo da mulher rural, que muitas vezes, fica à mercê da invisibilidade social, uma vez que, o mesmo é considerado como ajuda pelo sistema patriarcal, como aborda Brumer (2004). Nos relatos das mulheres, quando tratam da divisão de trabalho na propriedade e relatam que há algumas tarefas em que "um ajuda o outro", e que ao homem cabem as tarefas mais pesadas, não há uma compreensão de um papel subalterno, mas sim reforça-se o que Paulilo (2013) escreve sobre trabalho doméstico e produtivo, referenciando o trabalho doméstico ao feminino e trabalho produtivo ao masculino.

No contexto rural de atuação desta pesquisa, onde envolveram-se mulheres rurais de baixa renda, foi observada uma maior autonomia feminina nas

propriedades, uma vez que, a maioria de seus maridos veem os afazeres domésticos também como um trabalho e essenciais para a subsistência da família, como pensa Herrera (2016). Acredita-se, porém, que essa autonomia deriva também, da participação destas mulheres em um grupo organizado de agricultoras, onde a própria atuação extensionista vem historicamente fomentando o empoderamento e o protagonismo da mulher do campo.

A participação em um forte grupo social na comunidade contribui para que estas mulheres buscam cada vez mais sua valorização na propriedade, atuando como participante dos processos produtivos e reprodutivos. Mesmo quando elas falam do trabalho pesado ou da divisão de papéis na família, elas o fazem numa perspectiva de afirmação e não de submissão, o que vai ao encontro do que Tedeschi (2016) escreve sobre a dinâmica cotidiana rural.

O cenário que se formou a partir das intervenções realizadas revelou, para as mulheres, suas próprias potencialidades, pois os temas discutidos nas rodas de conversa despertaram ainda mais seu protagonismo no meio rural. Protagonismo este, que vem ao encontro do que Ramos escreve se referindo aos avanços na vida das mulheres rurais: “Mulheres fortes, que sabem o que querem e que são capazes de chefiar famílias e suprir as suas necessidades [...]” (RAMOS, 2014, p. 46).

Despertar competências em um grupo de mulheres rurais, só foi possível pelo “momento de parada” propiciado por esta pesquisa, ao qual Bondía (2002) tanto faz referência. O momento oferecido para as mulheres escutar (mais devagar) umas às outras e refletirem (mais devagar) sobre suas relações subjetivas, sociais e ambientais, proporcionou visualizar o potencial de modos de formação e de extensão no ambiente rural conectados com um novo paradigma.

As experiências provocadas às mulheres durante a pesquisa-intervenção foram favoráveis para a ampliação dos sentidos, indo ao encontro do pensamento ecosófico de Guattari (1990).

Através das atividades vivenciais, as mulheres nos forneceram uma compreensão de como interagem entre si, com o meio físico e consigo mesmas. A partir da concepção destas três ecologias, como denominadas pelo autor, minimizam-se os conflitos psicosocioambientais que interferem a vida das mulheres rurais. O contato humano mais íntimo com as três ecologias, conforme experienciado durante os encontros, permitiu às mulheres se sentirem mais pertencentes ao meio e sensibilizadas para transformarem-se enquanto sujeitos atuantes no mundo.

As mulheres reconheceram que os relacionamentos socioambientais sempre permearam suas vidas no meio rural, porém, da desconectividade humana, social e ambiental decorreu um distanciamento desta esfera primordial que é o contato natural. Pensar enquanto ser psíquico, envolvido e envolvente, como propõe Guattari, modifica as formas de convivência, e foi esse o maior impacto resultante das intervenções: as mulheres passaram a ter outro olhar sobre seus relacionamentos consigo mesmas, com o outro e com o meio.

4.3.3 Resignificações da paisagem de vida

Por meio das entrevistas e intervenções realizadas, obteve-se uma maior compreensão de como se dá a relação da mulher rural com o meio onde encontra-se inserida. Isso foi perceptível mediante as discussões nas rodas de conversas e depoimentos nas entrevistas voltados as questões subjetivas, sociais e ambientais.

Algumas atividades intervencionistas desenvolvidas trouxeram clareza sobre a relação da mulher rural com o ambiente, uma vez que algumas mulheres relataram que jamais trocariam de lugar para morar, ou pelo menos que não sairiam do meio rural. Como diz Gomes, Nogueira e Toneli (2016), os contextos rurais se concebem como promotores de modos de vida, ou seja, o meio rural de certa forma, é produtor e reprodutor de modos de existência. É nessa ambiência onde a vida acontece que as mulheres fortalecem o seu protagonismo e sua autonomia, reproduzindo relações positivas com o lugar, em sua maioria. Os aspectos negativos são observados a

partir dos modos de vida de menor sucesso, como por exemplo, duas mulheres do grupo de pesquisa que gostariam de ter oportunidade de sair do meio rural, pois consideram que ali a vida é “mais sofrida”.

No momento em que as mulheres foram reconhecendo seus modos de existências elas também foram resignificando a paisagem do ambiente, uma vez que todas elas passaram a fazer uma nova leitura do meio em que vivem. Essa releitura de paisagem ocorreu devido às conversas, caminhadas e atividades ao ar livre, quando identificando lugares poucos visitado ou até mesmo considerados insignificantes aos olhos daquela mulher, que passaram a ser resignificados.

Evidenciamos o que Tuan (1983) escreve sobre o espaço que sendo de certo modo abstrato, com o passar do tempo, pode se transformar em lugar, à medida que as pessoas o dotam de valor, percebendo-o não só materialmente, mas sim, juntando ao que é material e as vivências que se produzem nele. Esse novo olhar sobre o lugar onde vivem, provocados pelas intervenções, entusiasmou as mulheres para investirem ainda mais na estética da sua propriedade, no seu ambiente de vida. Essas mudanças agregam valor não só simbólico ao lugar, mas também material, já se traduz em, por exemplo, cercamento e melhoria do pátio, reforma e ampliação da casa, limpeza do terreno e jardinagem.

Ressignificar a paisagem onde vivem, foi, para cada mulher, um propósito que surgiu no decorrer dos encontros, pois antes a paisagem socioambiental era demasiadamente "naturalizada" pelo contato contínuo. Com as intervenções as paisagens passaram por um momento de estranhamento e reconhecimento pelas mulheres rurais. Hoje, pode-se afirmar que cada mulher faz uma observação mais atenta do ambiente onde vive e das pessoas que convive, o que reflete-se na sua qualidade de vida.

Devido à realização dos encontros na propriedade da outra, as mulheres passaram a perceber o ambiente onde vivem de maneira mais sensível, pois locais que não gostavam de ir, começaram a demonstrar outros valores, seja estéticos, produtivos ou de prazer.

Ao ouvir os relatos das mulheres percebe-se que a paisagem onde estas mulheres vivem é inerentemente socioambiental. Isso fica evidente quando comparam seu momento de vida a um sonho realizado pelo trabalho de transformação do ambiente. Ao longo do tempo organizaram a propriedade enquanto uma paisagem socioambiental familiar, pois muitas mulheres, quando chegaram ao que hoje é sua moradia, dizem não ter encontrado nada além de “mato”. Construíram sua casa, seu jardim, seu pomar, sua horta e sua família, relações socioambientais que dão sentido à vida de cada uma, fazendo-as perceberem-se como sujeitos transformadores do mundo em que vivem. Os laços familiares com o ambiente imprimem os afetos mais relevantes à paisagem socioambiental.

A afetividade e a construção de imagens que se cristalizam no mundo vivido formam o que, segundo Guimarães (2002), podemos chamar de “paisagem vivida”. Paisagens marcadas pela história destas mulheres, que se adaptaram ao seu ambiente e o reconstruíram a sua maneira. Podemos entender com isso, que cada mulher constrói, de forma íntima e individual, a paisagem que envolve sua própria história de vida, o que vai ao encontro do pensamento de Lima (2000).

As atitudes, percepções e sonhos relativos as vivências destas mulheres se destacam a partir do momento que elas dão significados à própria paisagem construída. Conforme Cabral (2000), é na convivência direta ou indireta do sujeito com a paisagem, e através desses significados, que as mesmas ganham vida. Cada mulher, de sua maneira, exteriorizou seus sentimentos de afeto e de pertencimento ao meio rural e, por meio deles, afloraram novos paradigmas sobre as paisagens construídas neste ambiente onde se encontram inseridas. Corroborando com Souza (2016), a paisagem construída ou reconstruída por cada mulher é representada pela própria imagem que ela faz do lugar onde vive e por suas experiências de vida.

4.3.4 O trabalho rural e o afeto ao ambiente

Para Tuan (1980), por conhecerem bem a natureza e tirar dela seu sustento, o pequeno agricultor é mais apegado à terra, ao lugar onde faz a sua história. Observou-se que, quanto maior a intimidade física com o ambiente rural, maior é o apego de cada mulher ao lugar onde vive. As mulheres que se envolvem com maior número de tarefas em suas propriedades, exteriorizam mais afinidade com o meio onde estão inseridas. Isso evidenciou-se, no decorrer das intervenções, nos relatos que expõe o gosto pelo trabalho na lavoura, na horta e no pátio. O trabalho braçal na lavoura é mencionado por algumas mulheres envolvidos pelo sentimento de orgulho e prazer e não como uma árdua tarefa de sua vida, o que reforça a existência do afeto destas agricultoras pela terra e pelo trabalho rural.

A afetividade expressa pelas mulheres pelo seu ambiente de vivência é fundamentada pela apropriação que ambas possuem em relação a ele. Reconhecer que o entorno do ambiente é de fato um espaço vivido, gerador de afetos e sensibilidades capazes de consagrar seu laborioso trabalho como uma vocação, respalda o que Brandão (1999) escreve sobre o assunto. Imprime-se aqui, a essencialidade do que é o trabalho rural para as mulheres, pois, naturalmente, ele vivifica o espaço rural.

Mesmo as mulheres que trabalham na lavoura com um sentimento predominante de obrigação, que consideram dificultoso esse tipo de trabalho, ainda assim afirmam o prazer de morar no meio rural. Gostariam de ter novas oportunidades de trabalho, mas continuar morando no ambiente rural, por considerarem mais tranquilo e saudável.

Em âmbito geral, as mulheres rurais manifestam maior interesse pelo trabalho com o transcorrer do tempo, pois, segundo elas, quanto mais se trabalha, mais conseguem adquirir bens materiais, o que se traduz em uma vida mais confortável no campo. Usufruir deste conforto e garantir aos seus filhos as satisfaz, pois todas têm suas trajetórias de vida marcadas pela pobreza.

Um dos elementos que ressaltam como um valor relativo ao trabalho rural é o controle sobre seu tempo. Não precisar cumprir horário em serviço, assim não se sentem pressionadas, podendo realizar as atividades com mais tranquilidade. Reconhecem seus esforços no trabalho, pois se envolvem em todo processo: fazem

mudas, cuidam, plantam, colhem e, o mais prazeroso, que colocam seus próprios alimentos na mesa da família.

Se consideram boas agricultoras por se envolverem diretamente em todas as atividades da propriedade. Sua autonomia prevalece nos serviços domésticos e na horta da propriedade, além disso, a maioria ajuda a determinar também os serviços da lavoura, deixando somente o “mais pesado” para o marido. O que se observa é que esse protagonismo feminino no campo vem se consolidando.

4.3.5 A educação ambiental ecosófica e a emergência das paisagens socioambientais

Este processo de educação ambiental contribuiu para a formação de novas paisagens socioambientais no contexto vivencial das mulheres rurais envolvidas nesta pesquisa. A partir da análise das relações subjetivas, sociais e ambientais das mulheres nas suas individualidades e coletividades, pode-se entender a paisagem cotidiana de cada uma. Nessa conjuntura, a paisagem criada por cada mulher foi ressignificada em conformidade com seu modo de vida no campo.

As paisagens vividas por cada mulher, são, de fato, seus lugares no mundo. Lugares que abrangem uma multiplicidade de significados que vão ganhando forma e valor no curso de suas vidas. Cada experiência decorrente do processo de intervenção apontou que as paisagens nem sempre podem ser encontradas no ambiente externo, mas principalmente podem se constituir a partir da interiorização de espaços que são transformados em lugares por meio de processos de ressignificação, que são contínuos.

Observamos as experiências transformarem paisagens interiores. A caracterização da paisagem subjetiva emergente dos encontros ficou impressa nas histórias de vidas das mulheres que iam se tecendo também no aqui agora das intervenções. As mulheres perceberam-se com a necessidade de darem-se tempo para si, para cuidar e admirar mais as paisagens subjetiva, social e ambiental. Experimentaram com mais sutileza o movimento em que flui a sua vida.

Quando algumas delas observaram a possibilidade de ampliar e qualificar as relações sociais, o espaço social foi sendo experienciado passando ele também a assumir o sentido de lugar, já que o sentimento de pertencimento aos grupos familiar e comunitário assumiu outra dimensão. As mulheres perceberam de forma mais inteligível que assim como a paisagem da propriedade, uma paisagem social é criada, e pode ser recriada, a partir de novas intensidades que podem ser impressas nos vínculos afetivos já existentes. A paisagem vivida por cada mulher se ampliou um pouco. Dentro de cada paisagem pré-formada - subjetiva, social ou ambiental - foram aflorando novos caminhos.

As metodologias participativas e as vivências na natureza, sob uma perspectiva ecosófica, promovem processos sensibilizatórios capazes de provocar transformações ecológicas na vida das mulheres rurais. Essas transformações se expressaram na maior afetividade que passou a permear suas relações ecosóficas.

Conforme Sauer (1998), a paisagem natural é a primeira a ser valorizada, pois é a primeira a ser vista e sentida por quem a observa, o que se confirmou no decorrer das intervenções. Porém, como ressalta Salvador (2008), a paisagem é uma miscigenação dos elementos naturais e humanos, e dessa forma, entendemos como as paisagens socioambientais das mulheres rurais foram sendo constituídas ao longo de sua história. As vivências e as experiências destas mulheres traduzem as suas paisagens socioambientais, pois a paisagem é aquilo que se vive e é também história em movimento, como enfatiza Monbeig (2005).

Dizemos que a paisagem está em movimento porque ela pode ser constantemente transformada, sejam seus elementos naturais ou o sujeito mudando a sua própria maneira de enxergar o ambiente e nele colocar-se. Observou-se essa transformação com as mulheres inseridas nesta pesquisa. E aqui, antes da transformação dos elementos naturais, as mulheres transformaram-se a si mesmas, mudando suas percepções sobre o lugar e criando novos conceitos sobre seu ambiente de vida. Passando a valorizar mais os aspectos subjetivos, as mulheres alcançaram um novo dimensionamento para suas relações socioambientais.

As relações consigo, com o outro e com o ambiente é o que forma as paisagens socioambientais. Nessa ambiência são expressas as funcionalidades dos

elementos naturais e humanos, que, como afirmam Corrêa e Rosendahl (1998), vão se constituindo de significados ao longo do tempo. As representações expressas pelas mulheres durante as entrevistas e nos encontros, quando emergiram os significados reais ou atribuídos aos elementos do seu meio de vida, é o que nos levou ao entendimento sobre as suas relações com a paisagem. Dessa forma, compreendemos a paisagem vivida por cada mulher, pois as mesmas são impregnadas de subjetividades e emoções individuais. Oliveira (2000), neste sentido, enfatiza que a paisagem é um espaço individualizado, onde se exploram as interações entre o ser humano e o meio ambiente.

O contexto de cada paisagem socioambiental se dá pelos relacionamentos sociais e ambientais que cada mulher experiencia em seu meio, o que vem ao encontro do que pensam Cortez e Ortigoza (2006) que, ao fazer a leitura da paisagem, colocam que por meio dela pode-se enxergar a qualidade ambiental e de vida das pessoas que habitam o lugar.

As paisagens socioambientais das mulheres rurais que participaram deste estudo já existiam antes dele, mas com as intervenções elas ficaram mais claras e assumiram algumas novas nuances, decorrentes tanto das experiências cotidianas das mulheres, como também das atividades vivenciadas em cada encontro, que estimularam os órgãos sensoriais e, conseqüentemente, suas emoções. Emoções que provocaram notórias mudanças subjetivas. Observamos elas mudando seu modo de ver o mundo e conectar-se a ele, e o despertar de sentimentos que induziram a concepção de novos paradigmas de vida, que hoje interferem em seu meio socioambiental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa-intervenção, espera-se ter deixado para as mulheres rurais participantes sementes de reflexões sobre seus relacionamentos consigo mesmas, com o outro e com o ambiente. Que essas reflexões as façam perceber a importância de nos identificarmos como sujeitos atuantes e pertencentes ao meio!

As atividades vivenciais desenvolvidas foram fundamentais para que cada mulher se percebesse em seu mundo, com quem faz sua história e pode continuamente criar novas possibilidades existenciais.

O diálogo que permeou o processo, mais uma vez, demonstrou ser uma ferramenta poderosa que permite o compartilhamento de saberes e a ressignificação de valores em cada tempo e contexto. Em cada tempo, porque a cada encontro uma mulher sentia-se mais à vontade para se abrir e falar sobre sua vida e seus relacionamentos socioambientais. Dependendo do contexto das rodas de conversas, elas se permitiram refletir e compartilhar suas experiências de vida, e com isso, reconhecer-se como sujeito atuante no meio em que vive.

As reflexões e atitudes expostas pelas mulheres durante e após os encontros enfatizaram a relevância das pesquisas de cunho intervencionista para gerar transformações em aspectos subjetivos, sociais e ambientais das vidas vividas no meio rural.

Cada encontro realizado era uma responsabilidade que acompanhava esta pesquisadora, pois as mulheres demonstravam interesse e alegria em estar ali

participando, e isso, exigia um planejamento viável e flexível para cada momento. A cada encontro marcado em uma das propriedades, esta pesquisadora não só carregava os materiais a serem ocupados, mas se enchia de expectativas e era tomada pelo seu imaginário sobre como se daria o que fora planejado e como seria a aceitação das mulheres. É preciso reconhecer, ao final da pesquisa, que as paisagens ecosófica descritas neste trabalho só foram possibilitadas pela participação ativa das mulheres nas intervenções e sua entrega ao processo.

A felicidade que as mulheres demonstravam em participar de cada encontro, era a minha felicidade também! As mulheres estampavam prazer em reunirem-se novamente, demonstravam afeto pelo grupo formado a partir da proposta de pesquisa, e ali demonstraram sentirem-se livres. Essa ambiência afetiva que se formou durante as intervenções, decorrente e proporcionador de um sentimento de confiança, fez com que obtivesse resultados mais relevantes para esta pesquisa.

Um dos maiores desafios foi propiciar condições favoráveis para que as participantes vivenciassem profundamente cada atividade proposta, que se permitissem descobertas psicossocioambientais. Quando este desafio sendo vencido causou uma transformação em minha vida pessoal e profissional.

Assumir-me como pesquisadora neste processo de execução e escrita da dissertação contribuiu para ampliar minha própria visão de mundo. Ver e entender cada contexto socioambiental proporcionou conhecer realidades, até então, ainda não vistas pelo trabalho de extensão rural durante esses nove anos de minha atuação. Minha leitura de paisagem também passou a ser diferente, pois lugares que antes eu via ser de difícil acesso ou de relevo acidentado, acreditando ser difícil viver ali, para as mulheres é o melhor lugar para se viver, um ambiente bonito, cheio de vida e harmonia. Cada lugar (cada propriedade) tem a sua história, traduz uma paisagem vivida pelas relações tecidas entre o meio ambiente e as pessoas que vivem nele.

Cabe dizer, ainda, que se for possível desenvolver um trabalho de educação ambiental com grupos de agricultoras é interessante que esse seja feito de forma

extraordinária. Mostrar que a educação ambiental não é puramente ecológica, mas sim, conectada em relações sociais e que as pessoas podem transformar o meio onde estão inseridas, transformando a si mesmas. O principal indicador de sucesso de uma ação educativa não está em alcançar metas previamente definidas, mas em se estabelecer um processo de aprendizagem que seja sensível, participativo, emancipatório e transformador. Pode-se afirmar, ao final, que as vivências na natureza e as rodas de conversas foram muito além do que se propusera no início da pesquisa. Fortaleceram o protagonismo e fizeram emergir novas posturas, hábitos e atitudes (ESQUEMA 5).

Esquema 5: Educação ambiental conectada às relações ecológicas e sociais



Fonte: Da autora.

A criação de espaços para se trabalhar temas relacionados à educação ambiental com mulheres do meio rural de forma mais intensa e vivencial, pode ser uma nova metodologia de trabalho dentro da extensão rural. A valorização das culturas locais, o respeito à multiplicidade de experiências, valores e ideias podem ser fundamentais para a construção de um novo plano de trabalho, o que potencializa aspectos essenciais da educação ambiental, como o são os aspectos psicossocioambientais. As atividades transformaram-se em oportunidades terapêuticas, uma vez que as mulheres relataram que passaram a se sentir mais calmas, felizes e seguras com o grupo, no decorrer dos encontros, transpondo estes sentimentos para seus relacionamentos socioambientais.

Os fortes laços afetivos que se formaram no grupo e que continuam promovendo encontros e trocas entre essas mulheres e esta pesquisadora mostram-me que os caminhos da ciência também devem ser trilhados com sensibilidade.

REFERÊNCIAS

ANGELIN, Rosângela. Mulheres, ecofeminismo e desenvolvimento sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero. Estamos preparados?. **Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI**, Itajaí, v.9, n.3, 3º quadrimestre de 2014. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rdp/article/view/6751/3848>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do Humano-Compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, 2002, n. 19, p. 20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 08 mar. 2019.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BORIS, Eileen. Produção e Reprodução, casa e trabalho. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 101-121, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/08.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019

CABRAL, Luiz Otávio. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 34-45, 2000. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14252/13053>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/15626>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARMO, Jhader Cerqueira do et al. Voz da natureza e da mulher na Resex de Canavieiras – Bahia – Brasil: sustentabilidade ambiental e de gênero na perspectiva do ecofeminismo. **Revista Estudos Feministas**, 2016, v. 24, n. 1, p. 155-180. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000100155&script=sci_abstract&tlng=pt.. Acesso em: 9 ago. 2018.

CARVALHO, Delza Rodrigues de. **A valoração da paisagem**: uma reflexão do espaço concebido, percebido e vivido. Tese (Doutorado em Geografia) - Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Pró-Reitoria e Pós-Graduação em Pesquisa Universidade Federal de Sergipe. – São Cristóvão, 2011. Disponível em: < <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/5434>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental popular e extensão rural. **Revista Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 43- 51, 2001. Disponível em: < <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/cea/2016/07/qual-educacao-ambiental-elementos-para-um-debate-sobre-educacao-ambiental-e-extensao-rural/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CASTRO, Aldemar Araújo; CLARK, Otávio Augusto Camara. **Planejamento da pesquisa**. São Paulo: AAC, p. 01-15, 2001. Disponível em: < <https://www.univates.br/media/Etica/leituras/Planejamento-da-pesquisa.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

CAVALCANTE, Kellison Lima. **A ecosofia de Félix Guattari**: uma análise da filosofia para as questões ambientais. *Cadernos Cajuína*, v. 2, n. 2, p. 72-78, 2017. Disponível em: <<https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/150>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**: planejamento, elaboração e apresentação. 3. ed. Lajeado: Univates, 2015.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In_____. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 07-11, 1998.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MULHER, DESENVOLVIMENTO E PAZ, IV. DECLARAÇÃO E PLATAFORMA DE AÇÃO. 1995, Pequim.

Resoluciones... Disponível

em: <<http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/pdf/BDPfA%20S.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2019.

CORNELL, Joseph. Vivências com a natureza: guia de atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2005.

_____. Vivências com a natureza 2: novas atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2008

CORTEZ, A. T. C.; ORTIGOZA, S. A. G. Paisagem e Geografia: Dinâmicas Sócio-espaciais e qualidade de vida. In: GIOMETTI, A. B. dos R.; PITTON, S. E. C.; ORTIGOZA, S. A. G. (Orgs.). **Pedagogia cidadã: cadernos de formação, ensino de geografia**. São Paulo: UNESP/PROGRAD, 2006, p. 51-64.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ERICE, Adriana Samper.; MARQUES, Flávia Charão. Mulheres camponesas, discursos e práticas para outro desenvolvimento. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 2, p. 683-705, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2017000200683&lng=pt&nrm=iso&tIng=pt>. Acesso em: 20 fev. 2019.

ESTUDO DE SITUAÇÃO DA EMATER/RS-ASCAR. **Institucional**. 2018. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

FARIA, Daniela Lopes de. A natureza e o feminino a partir de Merleau-Ponty?: uma leitura ecofeminista. **Revista Opinião Filosófica**, v. 4, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://periodico.abavaresco.com.br/index.php/opiniaofilosofica/article/view/227>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREITAS, Rosana de Carvalho Martinelli. A construção de uma agenda para as questões de gênero, desastres socioambientais e desenvolvimento. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 3, 2010. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000300014/17753>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GARCIA, Loreley. **A relação mulher e natureza**: laços e nós enredados na teia da vida. *Gaia Scientia*, v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/gaia/article/view/3338/2739>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GARCIA, Sandra Mara. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. **Revista Estudos Feministas**. 1992. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15810/14302>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. RJ: Record, 1998.

GOMES, Rita De Cássia Maciazeki; NOGUEIRA, Conceição; JURACY FILGUEIRASTONELI, Maria. Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822016000100115&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 fev. 2019.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 2. ed. São Paulo: 34, 2012.

GUATTARI, Félix. **¿Qué es la ecosofía?**: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental: participação para além dos muros da escola**. In: Soraia Silva de Melo; Rachel Trajber. (Org.). *Vamos cuidar do Brasil*. 1ªed. Brasília: Ministério da Educação, 2007, v. 1, p. 85-94.

GUIMARÃES, Solange T. Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v.17, n.33, p.117-141, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13971>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

HERRERA, Karolyna Marin. Da Invisibilidade ao Reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Política & Sociedade**, v. 15, p. 208-233, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p208>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; AZEVEDO, Genoveva Chagas de. Educação como processo na construção da cidadania ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, n. 0, p. 63-70, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/9675257/Educacao_como_processo_na_construcao_da_cidadania_ambiental>. Acesso em: 10 mar. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **Número total de mulheres da população brasileira**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 12 mar. 2019.

JACOBI, Pedro Roberto. Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1997. p.384-390.

_____. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de pesquisa**, n. 118, p. 189-205, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

_____. Educação e meio ambiente: transformando as práticas. **Rev. Brasileira de Educação Ambiental**. Brasília, v. no 2004, n. 0, p. 28-35, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001410062>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

LEFF, Enrique. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9515>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

LIBERMAN, Flavia et al. Mulheres da Norô. **Interface**, v. 21, n. 60, p. 235-245, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832017000100235&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09 ago. 2018.

LIMA, Solange T. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v.15, n.30, p. 7-33, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LISBOA, Teresa Kleba; LUSA, Mailiz Garibotti. Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero — Brasil, México e Cuba: mulheres protagonistas no meio rural. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 03, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000300013&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 9 ago. 2018.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatória e fundamentos da educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Educação Ambiental Transformadora. In LAYRARGUES, Philippe Pomier (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.

MEDEIROS, Heitor Queiroz; SATO, Michèle Tomoko. Educação ambiental intercultural no Estado do Acre, Amazônia Brasileira. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 35, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/22476>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

MENDONÇA, Rita. Educação ambiental vivencial. **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: **Ministério do Meio Ambiente**, v. 2, p. 119-128, 2007. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/encontros_2.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.

MEZOMO, Águeda Marcéi (Coord); VIEIRA, Lucimar F. S. (Org.); BORGES, Marcelo G. (Org.); COLLE, Célio (Org.). **Trajetórias e vivências da educação ambiental na extensão rural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2010.

MMC. *Cartilha do evento*. 1º ENCONTRO NACIONAL DO MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS DO BRASIL, 2013. Disponível em: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/51>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

MONBEIG, P. A paisagem, espelho de uma civilização. In: DANTAS, A. **Pierre Monbeig**: um marco da Geografia brasileira. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 116-127.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 85-114, 2005.

_____. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: Galiazzi MC, Vicente J. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Unijuí, p. 85-114, 2005.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Artigo**: A importância das mulheres rurais no desenvolvimento sustentável do futuro. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/artigo-a-importancia-das-mulheres-rurais-no-desenvolvimento-sustentavel-do-futuro/>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **ODS-5**. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/06/Glossario-ODS-5.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo. **Mulheres camponesas**: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2013/06/mulheres_camponesas_11.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2019.

NORONHA, I. O. Percepção e Comportamento Sócio-ambiental: a problemática dos resíduos sólidos urbanos. **Revista Acadêmica**, n. 3, set/out/nov, 2007. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/2294934/percepcao-e-comportamento-socio-ambiental-a-problemativa-dos-residuos-solidos-ur>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

OLIVEIRA, Livia. Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. **Geografia**, Rio Claro, Vol. 25, p. 5-22, 2000. Disponível em:

<<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/2213/5232>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

PAULILO, Maria Ignez S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100012&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 10 dez. 2018.

_____. Intellectuals and militants: possibilities of dialogue. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 3, p. 927-940, 2010. Disponível em: <http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000100004>. Acesso em: 10 dez. 2018.

_____.FAO, fome e mulheres rurais. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, v. 56, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582013000200002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 10 dez. 2018.

_____. Que feminismo é esse que nasce na horta?. **Política & Sociedade**, v. 15, p. 296-316, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p296>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

RAMOS, Crystiane Pontes. Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local. **Revista Gênero**, v. 15, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31200>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda; BELLINI, Marta. Representações sociais: teorias, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum, Human and Social Sciences**, v. 33, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/10256>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

RIVAROLI, Ana Paula Dos Santos; ALBERNAZ, Roselaine Machado. A educação ambiental e a proposta Ecosófica. Uma micropolítica no cenário contemporâneo. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 34, n. 2, p. 173-189, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7022>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/30176>>. Acesso em: 6 fev. 2019.

SALVADOR, Diego. Das perspectivas técnicas e supra-orgânicas às representacionais: breves reflexões sobre as abordagens geográficas acerca da cultura. **Holos**. Salvador, ano 24, v. 2, 2008. Disponível em:

<<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/112>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n2, p.317-322, 2005. Disponível em: <<https://www.foar.unesp.br/Home/projetoviverbem/sauve-ea-possibilidades-limitacoes-meio-ambiente---tipos.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

_____. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M., CARVALHO, I. (Orgs.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed. p. 17-44. 2005.

_____. Viver juntos em nossa Terra: Desafios contemporâneos da educação ambiental. **Revista Contrapontos**, v. 16, n. 2, p. 288-299, 2016. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/8697/pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SCHLEE, Juliana Corrêa Pereira; ÁVILA, Dárcia Amaro; HENNING, Paula Corrêa. Relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental. **RELACult - Revista Latino - Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/747>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

SEN, Amartya (1999). **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/n1/11_artigo_ecofemi.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2018.

SILVA, S. A. Ecofeminismo: em defesa da dignidade das mulheres e da natureza. In: Simpósio Internacional de Mariologia- UNICAP 2017, 2017, Recife. **Anais Eletrônicos da Semana de Teologia**, 2017. p. 279-286.

SISTEMA DE PLANEJAMENTO DA EMATER/RS — ASCAR — SISPLAN. **Institucional**. 2018. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação. **Comunicação & Educação**, n. 23, p. 24-40, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SOUZA, Tiago Zanquêta de. A educação ambiental popular: contribuições em práticas sociais. **Motricidades**, v. 2, n. 1, p. 60-70, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324990165_A_educacao_ambiental_popular_contribuicoes_em_praticas_sociais>. Acesso em: 12 ago. 2018.

SOUZA, Valdelice C. Paisagem e lugar: a percepção dos comerciantes da Praia da Ponta Negra - Manaus/AM-Brasil. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, p. 621 - 628, 2016. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/506>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

STOREY, Christine. **Representações Sociais e Meio Ambiente**: participação de um grupo de mulheres no planejamento de uma intervenção de educação ambiental popular urbana em Manaus, Amazonas. 2003. 199 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) — Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, nov. 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1648>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios do empoderamento de mulheres agricultoras: notas sobre uma experiência vivida. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, v. 1, n. 45, p. 139-154, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/30299>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

TORNQUIST, Camem Susana; LISBOA, Teresa Kleba; MONTYSUMA, Marcos Freire. Mulheres e meio ambiente. **Estudos Feministas**, v. 18, n. 3, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000300012>>. Acesso em: 10 ago. 2018

TORRES, Maximiliano. O ecofeminismo: " Um termo novo para um saber antigo". **Terceira Margem**, v. 13, n. 20, p. 157-175, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/11043>>. Acesso em: 4 fev. 2019.

TREIN, Eunice. A Educação Ambiental numa perspectiva crítica. In: **TV ESCOLA – Série Salto para o futuro – A perspectiva crítica e emancipatória da Educação Ambiental**. Programa 4. Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação. Ano XVIII, p. 41 a 45, 2008. Disponível em: <www.tvbrasil.org.br/salto>. Acesso em: 29 mar. 2019.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983. Disponível em: <<http://www.artvisualensino.com.br/index.php/textos/send/16-textos/481-yi-fu-tuan--espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbnxib2RlZ2FkYWdlb2dyYWZpYXxneDo2OTRmOTBmZTBhNjFjZjE5>>. Acesso em: 18 out. 2018.

VERDEJO, MIGUEL E. **Guia prático de DRP**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Biblioteca_Virtual/Publicacoes_Tecnicas/Metodologia/Manual_DRP_01.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

VIEZZER, Moema L. Gênero. In: FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org.). **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores**. V. 3. Brasília: MMA/DEA, p.171-184, 2013. Disponível em: <<http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/images/abook/pdf/Nov.14.08.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

VIOTTI, Maria Luiza Ribeiro. Declaração e a plataforma de ação da IV Conferência Mundial sobre a mulher: Pequim 1995. **Instrumentos internacionais de direitos das mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, 2006. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf>. Acesso em: 16 out. 2018.

ZAKRZEWSKI, S. B. B. Por uma educação ambiental crítica e emancipatória no meio rural. **Revista brasileira de educação ambiental**. Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental, 2004. (p. 79-86). Disponível em: <http://assets.wwf.org.br/downloads/revbea_n_zero.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

ZHOURI, Andréa; OLIVEIRA, Raquel. Quando o lugar resiste ao espaço: colonialidade, modernidade e processos de territorialização. In: ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens. (Organização). **Desenvolvimento e conflitos ambientais**. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p.439-462.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ANÁLISE SISTEMÁTICA

MULHERES RURAIS *and* NATUREZA

	ARTIGOS	RESUMO
	<p>Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura no estado do Rio Grande do Sul.</p> <p>Anita Brumer.</p> <p>Vide p. 145</p>	<p>O artigo examina as formas de inserção das mulheres na fazenda agrícola, com o objetivo de explicar a seletividade de gênero da migração. Em primeiro lugar, trata da distribuição populacional, por sexo e faixa etária, em diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul, a fim de caracterizar a maior emigração de mulheres jovens em comparação com outros grupos. Posteriormente, trata da divisão do trabalho por sexo e idade, os efeitos da modernização no trabalho agrícola e as formas pelas quais os agricultores transferem sua propriedade para as crianças. Por fim, discute os possíveis efeitos do acesso das mulheres rurais à Previdência Social sobre suas perspectivas de permanecer ou não na atividade agrícola.</p>
	<p>Os desafios do empoderamento de mulheres agricultoras: notas sobre uma experiência vivida</p> <p>Losandro Tedeschi.</p> <p>Vide p. 152</p>	<p>A desigualdade que afeta as mulheres em contextos produtivos, que se reproduzem muitas vezes a partir das próprias organizações populares, é um fenômeno estrutural e histórico que, apesar das políticas de desenvolvimento elaboradas pelo Estado, os resultados ainda são insipientes do ponto de vista da promoção das condições de equidade de gênero. As mulheres na atualidade, em grande parte, venceram a exclusão, mas não venceram as desigualdades e a segregação. A permanência de um percentual ainda elevado de mulheres “confinadas” à esfera doméstica ou em profissões tipicamente femininas é constante. A exclusão da cidadania em razão do gênero, classe, etnia está ligada a políticas históricas do patriarcado, que permanecem até hoje tão dissimuladas e profundas do que no passado, muitas vezes legitimadas pelo próprio movimento que as representa.</p>
	<p>Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise</p>	<p>A influência do marxismo na sociologia do trabalho e no feminismo foi e ainda é muito forte. Isso levou a uma ênfase nos estudos da classe trabalhadora.</p>
(Continua)		

(Continuação)		
<p>Maria Paulilo.</p> <p>Vide p. 150</p>	<p>individual no mercado de trabalho. Isso levantou a questão de onde considerar o papel do trabalho das mulheres dentro da família. Essa questão não foi adequadamente considerada pela teoria de que ela era frequentemente dominada por perspectivas urbanas e que negligenciava questões sobre o papel das mulheres nas atividades rurais. O surgimento de vários movimentos de mulheres rurais no Brasil questionou o status de "vítima" ao lado dessas mulheres, na medida em que elas provaram ser verdadeiros "atores" sociais. Neste momento, porém, os movimentos feministas estão mais preocupados com questões de reconhecimento e identidade, depois com redistribuição de renda, propriedade e aquilo que mais nos interessa é a terra. O objetivo deste artigo é desvelar os preconceitos que permeiam a análise camponesa e trazer de volta a questão da desigualdade econômica das mulheres envolvidas na agricultura familiar, cujo acesso à terra é realizado quase exclusivamente por meio do casamento. O direito de tomar decisões sobre a própria vida pode não depender de um salário individual, mas depende do acesso à própria fonte de renda.</p>	
<p>Que feminismo é esse que nasce na horta?</p> <p>Maria Paulilo.</p> <p>Vide p. 150</p>	<p>Procuramos mostrar a necessidade de uma prévia adequação das teorias feministas para tentarmos explicar o feminismo que faz parte dos ideais do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), organização presente no Brasil desde 1983, que só se considerou feminista em 2010. É preciso evitar certo evolucionismo presente quando se compara campo e cidade. Para isso, o conceito de "transmodernidade" de Rodríguez Magda (2007) torna-se frutífero, porque não trabalha com noções evolucionistas do feminismo, mas diz que elementos de diferentes correntes, antigas e recentes, aparecem combinados nas atuais. A autora não considera as novas correntes mais "corretas" que as antigas, prefere falar das "ficções úteis" que mobilizam os movimentos e, portanto, são "reais". Para buscarmos essas "ficções úteis" será preciso revisão histórica das correntes que trouxeram elementos ao feminismo das agricultoras. Para explicar a prática das militantes, propomos o uso dos conceitos de "experiência", de Scott (1999), e de "experiência próxima" e "experiência distante", de Geertz (2003). Acreditamos que só depois de uma reflexão teórico metodológica focada no problema de pesquisa poderemos levar a cabo essa investigação.</p>	
<p>Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de <i>care</i>.</p> <p>Karolyna Marin Herrera.</p> <p>Vide p. 148</p>	<p>Este artigo tem como objetivo discutir a situação de invisibilidade e falta de reconhecimento das mulheres em áreas rurais do sul do Brasil, durante a reflexão das possibilidades de superação de sua condição. Para tanto, foi sugerida a perspectiva analítica da multifuncionalidade agrícola para a análise das atividades desenvolvidas pelas mulheres rurais, uma vez que esta abordagem visa ir além de abordagens puramente orientadas para a produção e visa destacar os papéis não produtivos da agricultura. Na pesquisa empírica foram identificadas as várias e diversas atividades que Set-up do trabalho produtivo, doméstico e cuidado de um grupo de 18 agricultores membros do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e residentes em Quilombo, município do oeste de Santa Catarina, no sul do Brasil. A pesquisa mostrou que as mulheres agricultoras desempenham um papel fundamental na manutenção e na reprodução social da agricultura familiar, uma vez que suas atividades diárias estão integralmente relacionadas às suas</p>	

(Continua)

(Continuação)		
		famílias e às suas propriedades. Nesta perspectiva, a perspectiva da multifuncionalidade funciona como uma poderosa ferramenta que permite visualizar o papel das mulheres nas áreas rurais.
Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente Sandra Mara Garcia. Vide p. 149		Por que examinar a questão de gênero dentro do debate de meio ambiente? Qual é a especificidade da relação entre mulher e meio ambiente? Ela é distinta da relação homem/meio ambiente? Boa parte da literatura sobre mulher e meio ambiente sugere haver alguma coisa fundamental ou inata nessa relação. As mulheres são vistas como tendo mãos que curam, que nutrem e cuidam do meio ambiente. Por outro lado, devido a suas funções reprodutivas, as mulheres podem ser responsabilizadas pelo crescimento populacional, que, por sua vez, tem sido frequentemente apontado como a raiz de muitos problemas ambientais. Não é à toa que muitas propostas envolvem a questão do controle populacional. O objetivo deste artigo é o de introduzir uma discussão crítica sobre o ponto de vista ecofeminista da relação mulher e meio ambiente. O movimento ecofeminista reflete as diferentes posições do movimento feminista (radical, liberal, socialista). No entanto, o meu propósito aqui não é o de fazer uma crítica detalhada do discurso ecofeminista, mas sim, levantar alguns elementos desse discurso para o nosso debate sobre gênero e meio ambiente.
Mulheres camponesas, discursos e práticas para outro desenvolvimento. Adriana Samper-Erice, Adriana; Flavia Charao-Marques. Vide p. 147		Este artigo propõe uma reflexão sobre aspectos do discurso sobre o desenvolvimento construído pelo Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), acessados por meio da análise de documentos e da observação das práticas das mulheres participantes. A primeira parte do texto trata dos diferentes discursos sobre mulheres e desenvolvimento, pontuando algumas das principais mudanças ao longo das últimas décadas. A próxima seção analisa os principais elementos que constroem o discurso sobre desenvolvimento do MMC, que se contrapõe aos princípios norteadores propostos pelas agências de desenvolvimento. São analisadas, também, as singularidades da proposta de um feminismo camponês' que conduz a problematização do 'cuidado' como categoria definidora do papel feminino nas transformações relacionadas ao desenvolvimento, especialmente tomando as práticas que incidem sobre a agricultura e a saúde. Palavras-chave: Gênero; Feminismo; Pós-colonialidade; Agricultura; Saúde.
Intelectuais e militantes: possibilidades de diálogo Maria Ignez S Paulilo.		O objetivo deste artigo é explicar o conceito de Natureza que fundamenta as ideias e ações do Movimento das Mulheres Camponesas e refletir sobre as possibilidades de diálogo entre militantes e intelectuais. Para isso, deve-se levar em conta que, enquanto o feminismo acadêmico é fortemente influenciado pelas linhas desconstrucionistas de pensamento, as mulheres agricultoras sustentam a ideia, baseada em uma visão profundamente religiosa, de uma identificação natural entre a mulher e a natureza. Ao apontar possibilidades de diálogo, o artigo destaca a importância de linhas de pensamento relacionadas com a sociologia da compreensão.
Desenvolvimento sustentável a partir de uma perspectiva de gênero - Brasil, México e Cuba: mulheres como protagonistas em áreas rurais		Este artigo discute diferentes pontos de vista sobre o desenvolvimento sustentável, com ênfase - com base em uma pesquisa realizada no Brasil, México e Cuba - o papel das mulheres rurais na produção de alimentos e da gestão dos recursos naturais, a força do rural movimento das mulheres na

(Continua)

(Conclusão)		
Teresa Kleba Lisboa; Mailiz Garibotti Lusa. Vide p. 149		conquista de direitos humanos e participação decisiva das mulheres na definição de propostas de políticas públicas que garantam a igualdade de gênero nas áreas rurais. Uma breve análise comparativa nos leva a concluir que o modelo de desenvolvimento nos três países ainda prioriza a figura masculina em relação à posse da terra, acesso ao crédito e compra de equipamentos ou outros recursos materiais. Sugere-se que, tanto em Cuba, um país socialista, e no México e no Brasil, clubes de campo capitalistas, os pressupostos das políticas sociais dirigidas às trabalhadoras rurais deve levar em conta as necessidades básicas de mulheres rurais para garantir um desenvolvimento mais humano e sustentável.
Voz da natureza e da mulher na Resex de Canavieiras-Bahia-Brasil: sustentabilidade ambiental e de gênero na perspectiva do ecofeminismo Jhader Cerqueira do Carmo et al. Vide p. 146		A pobreza, destacada pela desigualdade, é observada como uma tendência à insustentabilidade. Esse aspecto também pode ser visto na estrutura social que rege as relações entre homens e mulheres em todo o mundo. Com base em experiências acadêmicas e empíricas sobre ecofeminismo, este artigo teve como objetivo estabelecer sobre como as mulheres e natureza foram representadas no contexto humano da Reserva Extrativista de Canavieiras, Bahia, Brasil. No final, este artigo também apresenta como as mulheres têm superado sua situação com alguma ajuda educacional do alcance da universidade.

Para a pesquisa realizada no Portal de Periódicos da Capes com os termos “Mulheres Rurais *and* Natureza” foram encontrados 55 artigos. Através de uma leitura realizada nos títulos e resumos destes artigos, 10 deles condiziam, em alguma parte, seu conteúdo com o tema proposto na pesquisa. Segue exposto no quadro abaixo o número de artigos e seus respectivos conteúdos, os quais não se relacionam com o contexto da pesquisa:

Conteúdos	Nº de artigos	Justificativas
Violência doméstica	4	Análise de algumas das expressões de violência vivenciadas por mulheres do campo e as experiências relacionadas ao acesso à rede de proteção social no Rio Grande do Sul; Práticas de cuidado desenvolvidas por agentes comunitários de saúde; um dos artigos analisa as redes institucionais e de interconhecimento acionadas pelas mulheres rurais para enfrentar a violência, em municípios do Sertão de Pernambuco, Brasil.
Resenhas	1	Citações de estudos feministas;
Reforma agrária	2	Os artigos examinam a evolução da demanda pelos direitos das mulheres à terra na reforma agrária brasileira através do prisma dos três principais movimentos sociais rurais: o movimento dos sem-terra, os sindicatos rurais e o movimento rural das mulheres.
Extrativismo	1	Discute-se a organização das mulheres do campo na

(Continua)

(Continuação)		
		região Sudoeste mato-grossense, que obtêm sua remuneração e contribuem para o aumento da renda familiar através do extrativismo sustentável de frutos nativos do Cerrado (Savana).
Políticas/agricultura familiar/direitos humanos	19	Os assuntos tratados nestes artigos referiam-se às políticas de aposentadoria; política do Sertão; políticas de igualdade de gênero e direitos humanos; políticas de linha agrícola; revelar preconceitos que permeiam a análise do campesinato e trazer de volta a questão da desigualdade econômica das mulheres na agricultura familiar; Aborda a articulação global de movimentos de mulheres e feministas e o seu impacto na configuração de acordos internacionais e agendas públicas nacionais nos três últimos decênios; relação entre gênero e acesso a direitos sociais em uma comunidade quilombola; busca analisar dados que justificam a adoção de cotas para mulheres no âmbito empresarial e político brasileiro, como outras medidas de combate as iniquidades de gênero.
Aborto	1	Deficiências na pesquisa nacional sobre o aborto e a agenda para o futuro;
Agronegócio	2	O artigo busca identificar e compreender a inclusão e participação de processos femininos no agronegócio do oeste do Paraná
Desenvolvimento territorial	1	Trata sobre o papel da mulher no desenvolvimento dos Territórios da Cidadania do Jalapão, o papel da mulher por meio da literatura existente.
Produção agrícola	3	Um artigo analisa a disputa moral que ocorre na construção das qualidades alimentares. O foco volta-se para os rótulos que identificam produtos de agricultores familiares, comunidades indígenas e quilombolas; Outro estudo analisou a participação das mulheres nas atividades da agricultura orgânica em uma perspectiva de gênero e, mais especificamente, decisões, geração e apropriação como estratégia para o desenvolvimento rural. Um terceiro artigo propõe a busca e organização de informações estatísticas recentes (IBGE, PNAD, 1999) em referência às características populacionais para os que atuam no trabalho agrícola, com o intuito de compreender as formas propostas de reestruturação do trabalho feminino.
Saúde	4	Experiência da utilização da técnica de grupo focal para coletar dados de pesquisa em enfermagem; Grupos de discussão sobre o tema sexualidade na prática da enfermagem; riscos de acidentes com mãos e pernas na atividade de cultivo do mamoeiro na região de Baraúna, no estado do Rio Grande do Norte; Intervenção psicossocial em grupos de mulheres gestantes.
Recursos naturais	1	Manejo de água;
Sindicalismo	3	Analisa-se o papel da formação e da organização política na construção de territorialização contra hegemônica no campo; luta das mulheres agricultoras; lutas camponesas; Busca-se reconhecer
(Continua)		

(Conclusão)		
		quais anseios de mudanças intervêm nestes últimos vinte anos no Brasil. Neste balanço, a luta pela valorização da Identidade feminina trilha diversos caminhos: contribui para a redemocratização da sociedade, amplia a inserção profissional das trabalhadoras e apoia o projeto de renovação da participação sindical.
Feminismo negro	1	Analisa a experiência do "feminismo negro" entre Guiné-Bissau e Brasil;
Artigos repetidos	2	Artigos com repetição: "Que feminismo é esse que nasce da Horta?"; "Da Invisibilidade ao Reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care."

ECOFEMINISMO *and* RURAL

	ARTIGOS	RESUMO
	Perspectiva analítica da aliança de sociologia rural e questões ambientais	Este artigo apresenta os encontros e desafios que fundamentam a relação entre pensamento complexo e algumas abordagens da sociologia rural para abordar questões ambientais; alguns deles clássicos e outros que mal emergem. Argumenta-se a crescente proeminência dos fenômenos e condições da natureza nos estudos dedicados às relações que se tecem no campo, que por sua vez desvendam novas relações que supõem uma reinterpretação da própria ruralidade. A reinterpretação acima mencionada, ilustrada neste texto a partir de pesquisas relevantes, inclui desafios como a maneira como o habitante do campo é analisado, sua relação com os fenômenos naturais globais e locais, bem como as tendências geopolíticas evidenciadas nos fenômenos, como o novo papel da agricultura no país e seus impactos.
	Mulheres e meio ambiente Camem Susana Tornquist; Teresa Kleba Lisboa; Marcos Freire Montysuma. Vide p. 152	Este dossiê tem como objetivo compartilhar algumas abordagens contemporâneas relativas às questões ambientais, nas quais mulheres são tomadas como protagonistas de ações políticas em interações sociais. A pertinência de oferecer um dossiê dedicado às questões ambientais reside no fato de esse debate ter ganhado dimensões consideráveis nos dias atuais, impedindo o aprofundamento das reflexões que alimentam as causas daquilo que se convencionou chamar de 'crise ecológica'. Chama atenção, ainda, as formas como diferentes setores da sociedade têm ressignificado as questões relativas aos limites do planeta, ao suportar a exploração dos recursos ditos naturais (para usar um termo que já estava presente nas pioneiras constatações do Clube de Roma, ainda nos anos 1970). Diante do agravamento da crise ambiental, tais preocupações ampliaram-se e levaram os países a celebrar acordos internacionais, como o protocolo de Kioto (1995) e a Conferência de Kopenhagen (2009).
	Representações sociais e educação ambiental com um grupo de mulheres em Manaus, Amazonas-Brasil Christine Storey Vide p. 152	Desde a década de 1970, reconhece-se que a educação ambiental tem um papel essencial a desempenhar na promoção de inter-relações ambientais para promover sociedades sustentáveis, no entanto, os debates teóricos e práticos no campo da educação ambiental estão em andamento. Existe um argumento de que interpretações divergentes do ambiente precisam ser interpretadas se intervenções que são participativas e incluem estruturas ambientais participantes devem ser planejadas. Foi realizada uma

(Continua)

(Continuação)		
		pesquisa para verificar se a teoria das representações sociais poderia auxiliar os educadores ambientais na interpretação dos estilos de vida e necessidades percebidas pelos participantes. Nesse sentido, foram coletados dados sobre representações sociais ambientais em um grupo de 10 mulheres urbanas de Manaus, Amazonas, Brasil. O objetivo foi compreender o impacto de tais representações na conscientização ambiental das mulheres e avaliar a aplicabilidade desses dados no planejamento de intervenções de educação ambiental. As representações sociais das mulheres foram interpretadas como sendo dirigidas por cinco mediadores, a saber, patrimônio cultural, identidade, mídia, religião e situação, que influenciaram suas práticas e entendimentos ambientais. O processo de interpretação também ilustrou contradições nas identidades e situações que impactaram na consciência ambiental das mulheres. A interpretação das representações sociais oferece informações valiosas sobre os marcos conceituais dos participantes e indicadores de temas apropriados ao planejamento de intervenções educacionais.
	A liderança ambiental feminina em Mérida, Venezuela. Cáceres Fernández, Gladys; A. Carlos Eduardo López;	O objetivo deste artigo - que é o de desenvolver pesquisas - é fazer uma breve revisão dos fatores que têm sido determinantes no florescimento da liderança feminina nos últimos tempos e, conseqüentemente, para a liderança feminina ambiental. Além disso, são expostos os aspectos que motivaram os autores a realizar um estudo sobre as características da liderança das mulheres em destaque nas organizações, projetos e iniciativas, em relação ao meio ambiente no estado de Mérida, Venezuela. A intenção ulterior da mencionada investigação e do presente texto, é para os programas e iniciativas que são levados a cabo pela Universidade de Andes relativo a estudos e intervenções sobre a conservação e restauração do capital natural urbano e rural - de fato, liderado em proporção considerável de mulheres de diferentes especialidades -, para preservar os recursos naturais e melhorar a qualidade de vida dos habitantes.
	Novas abordagens para a organização social do cuidado. Apresentação de Debates Latino-Americanos do dossiê.	Que a vida humana tenha que ser mantida, e que isso implique uma atividade complexa, qualificada e socialmente organizada, é hoje um fato cada vez mais abordado pelas ciências sociais. O que essa atividade de existência sustentada envolve em termos das tarefas e modos de fazer que ela acarreta, os sujeitos que as recebem e executam, as esferas da vida social na qual ela é implantada, as ideologias e valores associados a ela ou a tipos de identidades e links que gera? O que podemos dizer sobre tudo isso? A própria ideia de que a pesquisa sobre essa atividade pode formar um campo de estudo unificado e coerente poderia ser questionada porque, afinal de contas, o que queremos dizer quando nos referimos à ação cotidiana de produzir e manter a vida imediata? Indubitavelmente, como já foi observada muitas vezes, muitas coisas. Coisas que, além disso, cruzam fronteiras e mundos sociais diferentes, mas interconectadas.
	A Ética e a Estética do Eco-cuidado: Debates Contemporâneos sobre Ecofeminismo(s) Margarita Estévez-Saá; María Jesus Lorenzo-Modia.	Mais de quarenta anos se passaram desde Françoise D'Eaubonne cunhado pela primeira vez o termo "ecofeminismo", por ocasião da publicação do <i>Le féminisme ou la Mort</i> em 1974. Ao longo de quatro dessas décadas, valores ecofeministas, princípios, práticas e orientações foram explicados, descritos, reformulados, refinados, questionados e, na verdade, criticados. Em profundidade estudos têm mostrado, por exemplo, como os problemas ambientais: tais como os efeitos da superpopulação, degradação da água, poluição do ar, o desmatamento, a extinção de espécies animais e vegetais,
(Continua)		

		(Conclusão)
		e militarização todos tendem a afetar as mulheres e crianças mais cedo e mais diretamente, mas também de maneiras diferentes, de acordo com suas circunstâncias e contextos particulares. Assim, foram propostos nomes alternativos, incluindo o feminismo ecológico, ambientalismo feminista, feminismo crítica ecológica, feminista eco-socialismo crítico, gênero e meio ambiente, ecowomanism, ecologia estranha, feminista e da justiça ambiental global, entre outros.
	<p>Consumo responsável com uma perspectiva de gênero. Discursos e práticas de consumo em torno da equidade e sustentabilidade de gênero em Madri</p> <p>Piñeiro, Concepción; Diaz, María-José; Palavecinos, Mireya; Alonso, Luis-Enrique; Benayas, Javier</p>	<p>Este estudo tem como objetivo analisar o papel que o gênero desempenha nas iniciativas de desenvolvimento sustentável (SC) e comunicação ambiental que estimula o comportamento sustentável e pró-ambiental em Madri. Para tanto, este projeto utiliza uma metodologia qualitativa para realizar uma análise textual de 10 contatos sustentáveis e realizar entrevistas pessoais (quatro especialistas em comunicação ambiental e treinamento em SC na Espanha e / ou Madri) e quatro entrevistas em grupo (diferentes pessoas envolvidas) em iniciativas e projetos de SC em Madri). Os resultados descrevem a relação de gênero na prática e no discurso das pessoas estudadas e entrevistadas. Observamos que os entrevistados encontram várias dificuldades ao aplicarem a perspectiva de gênero nas iniciativas de desenvolvimento sustentável. Essa perspectiva não é muito visível no discurso. Os entrevistados concordam que a aplicação da perspectiva de gênero é uma oportunidade para transformar discursos e práticas, a fim de contribuir para uma maior justiça social como parte da sustentabilidade. Entre os achados, podemos destacar a presença de reflexões sobre gênero nos discursos, mas eles são uma minoria na comunicação regular sobre CS e ainda insuficiente nas práticas de CS.</p>
	<p>A natureza e o feminino a partir de Merleau-Ponty: uma leitura ecofeminista</p> <p>Daniela Lopes de Faria</p> <p>Vide p. 147</p>	<p>O presente artigo pretende demonstrar uma relação, um “quiasma” entre a filosofia de Merleau-Ponty e as teorizações do ecofeminismo, que afirmam que a natureza assim como a mulher foram subjugadas pelo homem. Para tanto, em um primeiro momento mostra-se a evolução do movimento ecofeminista e seus fundamentos, delineando suas principais correntes. Em seguida, passa-se à análise da filosofia de Merleau-Ponty, dando especial atenção às suas fases de estudo da natureza e da ontologia, na qual enunciou o conceito de carne de mundo, que serve de substrato para a relação entre o homem e a natureza, bem como os homens entre si. É o elemento que permite a sensação de pertencimento e cuidado com a natureza em busca de uma relação mais sustentável com o meio onde se vive. Além disso, faz-se uma leitura feminista de Merleau-Ponty, rebatendo alguns aspectos nos quais Irigaray critica indevidamente o autor. Por fim, busca-se demonstrar o “quiasma” entre a filosofia de Merleau-Ponty e o movimento ecofeminista, que tenta resgatar o sentimento de conexão com o meio ambiente em busca de um desenvolvimento sustentável e harmonizado.</p>

Na pesquisa realizada no Portal de Periódicos da Capes, usando para análise os termos: Ecofeminismo *and* rural, obteve-se um resultado de 66 artigos encontrados. Destes, oito artigos foram selecionados por apresentarem particularidades com o projeto de pesquisa em questão. Os demais 58 artigos foram

descartados pelo fato de seus conteúdos apresentarem-se inconiventes com o tema proposto, sendo estes conteúdos contabilizados a seguir, conforme o referido número de artigos:

Conteúdos	Nº de Artigos	Justificativas
Ecovilas	1	Esta pesquisa investiga se, na organização e dinâmica da ecovila, os princípios do ecofeminismo estão presentes e se contribuem para a sustentabilidade ambiental da comunidade nas dimensões social, econômica e dos componentes naturais na Ecovila de Piracanga, localizada no município de Maraú, litoral sul da Bahia, Brasil.
Queer	6	Análise da história do cristianismo e da colonização da América, tentando mostrar que nesses exemplos históricos podemos ver como as conexões entre a opressão de mulheres, das sexualidades queer, de pessoas não brancas e da natureza estão interligadas. Tratam dos primórdios dos movimentos ambientais na América do Norte e das diferentes ideologias que ligam, heteronormativamente, espaços naturais a heterossexualidade e homossexualidade a uma degeneração urbana. Entende o heterossexismo como parte da rede opressiva de relações que organiza as conexões homem-natureza, onde se propõe outra maneira de ver as relações natureza-humano-sexualidade.
Manejo de recursos naturais	6	Acesso, fornecimento e controle de água em uma comunidade indígena Chamula em Chiapas; identificação e caracterização das relações entre diferentes gerações de mulheres e agroecossistemas e como elas mudaram, através do estudo de suas práticas individuais e coletivas e suas motivações subjacentes para isso.
Mineração/extrativismo	6	Impacto da mineração sobre a população feminina; examina a atual fase de acumulação de capital na América Latina, enfocando conceitos críticos como o neoextrativismo e o mau desenvolvimento. Apresenta uma leitura particular do conflito ambiental, ligada a processos de despossessão, delimitação do comum e aprofundamento do extrativismo pelos governos progressistas latino-americanos; Mulheres em extração de ouro.
Desenvolvimento agrícola	3	Nível de sustentabilidade da agricultura familiar da terra, de acordo com uma abordagem agroecológica e convencional; Contribuição da agricultura familiar para a agroecologia; Áreas de sustentabilidade agrícola de montanha, em particular no caso de Curarrehue, na Araucania andina chilena;
Agroecologia	7	Os artigos relacionados a agroecologia referem-se a Segurança e Soberania Alimentar, projetos agroecológicos, práticas agroecológicas, políticas agroecológicas em montanhas, viveiros de sementes
Movimento camponês/direitos humanos	3	Os artigos referiam-se à políticas Mexicanas e direitos humanos dentro do movimento camponês; abordagem

(Continua)

(Continuação)		
		etnográfica;
Espiritualidade/esoterismo	4	Artigos acadêmicos; enfatizam a profunda influência do esoterismo, especificamente da alquimia e da Cabala na poesia de Fernando Pessoa; a Teologia da Libertação surge ancorada nas bases da sociologia, questionando o cristianismo brasileiro e seu capitalismo.
Tecnologias reprodutivas	3	Discute várias abordagens para a escolha na seleção de sexo, com foco em uma abordagem instrumentalista e ecofeminista; discute questões de escolha reprodutiva à luz de vários conceitos de eugenia e poder, que têm sido usados para caracterizar a relação entre o estado, o indivíduo e o teste genético pré-natal; levanta questões sobre como as mulheres e os pais nas sociedades asiáticas podem ser entendidos em termos de 'pragmatismo reprodutivo', 'empoderamento' e / ou 'Pioneirismo moral', quando confrontado com o uso de novas tecnologias reprodutivas nas sociedades modernas .
Igualdade de gênero	1	A primeira parte analisa as principais reflexões teóricas relacionadas ao feminismo pós-moderno, e a segunda seção fornece informações empíricas sobre a relação entre as ONGDs colombianas e aragonesas.
Lusofonia	1	Comunicação intercultural.
Produção acadêmica/exploração de textos literários	5	Análise de eixos temáticos de revistas; exploração de textos literários; Apresentam dados baseados no número de projetos de pesquisa, dissertações, livros e artigos relacionados aos Estudos da Mulher e questões de gênero; os tópicos de destaque são educação, saúde, economia e trabalho, participação política, violência, família, literatura e feminismo.
Política pública/mexicana	2	O texto argumenta a ausência de eficácia na política mexicana em termos de meio ambiente e ecologia;
Capitalismo	2	O artigo liga a produção de ruído sem precedentes com o capitalismo global, binomial que afeta a formação do "som pegada ecológica" em Iquitos, no coração da selva. E com esta pegada, a rearticulação do regime colonial de sonoridade, categoria proposta por esta pesquisa.
Violência doméstica	1	Este estudo trabalha com mulheres líderes ecologistas de movimentos sociais em seus territórios rurais para redescobrir como as tecnologias digitais são tanto um grande fortalecimento do movimento social, mas também um elemento adicional que reconfigura a violência contra as mulheres por causa de seu gênero e seu status como líderes.
Mudanças climáticas	3	Este artigo é baseado em um trabalho empírico que compara as perspectivas sobre as mudanças ambientais entre homens e mulheres, idosos, adultos e jovens em quatro comunidades nas terras altas de Chiapas; um artigo tenta analisar algumas políticas centrais, particularmente aquelas do esgotamento humano e ambiental. que promoveram o progresso econômico na região da América Latina, em detrimento
Florestas	1	A ideia de comparar democracias com florestas surgiu das obras sobre ecofeminismo de Vandana Shiva. Como os ecossistemas, elementos internos podem ser reforçados e gerando sinergias e criatividade, ou apenas
(Continua)		

(Conclusão)		
		o oposto.
Resenhas	2	Resenhas de livros;
Artigos repetidos	1	Repetição de artigos selecionados: Representações sociais e educação ambiental com um grupo de mulheres em Manaus, Amazonas-Brasil.

MULHERES *and* EDUCAÇÃO AMBIENTAL

	ARTIGOS	RESUMO
	<p>Relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental</p> <p>Juliana Corrêa Pereira Schlee; Dárcia Amaro Ávila; Paula Corrêa Henning</p> <p>Vide p. 151</p>	<p>Como educadoras-pesquisadoras ambientais assumimos um compromisso ético e político, nos provocando a pensar sobre o campo de saber da Educação Ambiental como uma possibilidade de criarmos outras formas de pensar e problematizar verdades e certezas que atravessam a relação das mulheres com a natureza, que tomam como natural na seara da Educação Ambiental. Para alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa vamos percorrer alguns acontecimentos discursivos que entrelaçam mulheres e natureza, através das teorizações de Michel Foucault entendemos que os acontecimentos discursivos são eventos importantes, traçados históricos que são tomados como discursos assim pinçaram da história a Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Estocolmo, 1972); a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (Tbilisi, 1977), que destacam a relação do homem para solução dos problemas ambientais pautados na racionalidade científica e os eventos da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente (Rio de Janeiro, 1992) e a IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher (Pequim, 1995) que posiciona as mulheres em destaque, convocando-as para proteção e cuidado do planeta. Nessa direção, utilizamos as contribuições de estudos de gênero e meio ambiente a fim de mostrar o quanto estes modos de pensar, valorizar e conceituar a relação mulheres e natureza vem se constituindo e se modificando pela história e cultura. Além disso, visibilizar as aproximações com a educação ambiental nos possibilita problematizarmos e (re) inventarmos novos modos de nos relacionar com a natureza na atualidade.</p>
	<p>A educação ambiental popular: contribuições em práticas sociais</p> <p>Tiago Zanquêta de Souza</p> <p>Vide p. 152</p>	<p>Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão em torno da educação ambiental popular, a partir de uma perspectiva histórica e crítica, como uma corrente teórica que pode orientar diferentes práticas sociais, escolares ou não, à elaboração de uma práxis educativa que prime pela libertação de mulheres e homens, pela construção de sua emancipação e, acima de tudo, pela transformação da realidade injusta, opressora e excludente tão presente na cotidianidade do povo latino-americano. Para isso, parto de um breve estudo em torno da origem da educação ambiental popular, a fim de evidenciar as convergências históricas entre a educação ambiental e a educação popular, para em seguida, refletir em torno da macrotendência da educação ambiental crítica.</p>
(Continua)		

(Continuação)		
		Palavras-chave: Prática Social. Educação Ambiental Crítica. Educação Popular.
Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental Sebastiana Lindaura de Arruda Reis; Marta Bellini Vide p. 151		A teoria das Representações Sociais trata da produção dos saberes sociais. Centra-se na análise da construção e transformação do conhecimento social e tenta elucidar como a ação e o pensamento se interliga na dinâmica social. A Representação Social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). Estudos em representações Sociais são conhecimentos construídos pelas relações do homem com o seu ambiente. As representações Sociais do meio ambiente e os valores atuais que contemplam as relações humanas tem sido foco de pesquisas por parte de órgãos governamentais e educadores sensibilizados com a importância da Educação Ambiental no Brasil. O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão das diferentes correntes teóricas e metodológicas das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici. Destaca-se, também, as dimensões metodológicas com ênfase das Representações Sociais em Educação Ambiental. Palavras-chave: representação social, métodos de pesquisa, educação ambiental.
Educação ambiental intercultural no estado do acre, Amazônia Brasileira Heitor Queiroz Medeiros; Michele Tomoko Sato Vide p. 149		O Estado do Acre e o lugar onde intensas lutas foram travadas para garantir a vida dos povos da floresta, os quais tem uma cultura própria e conhecimento profundo do ambiente onde vivem, contra a hegemonia de um paradigma dominante de uma sociedade hegemônica e excludente. Os indígenas, seringueiros e ribeirinhos, organizados e mobilizados por uma causa de vida ou morte, tem muito que ensinar a sociedade, gerando amplas repercussões e transformações nas formas de pensar e agir. Conhecendo a história de seu povo e o seu rico ambiente, e possível se pensar um cardápio próprio para ser desenvolvido no Acre. Vem sendo desenvolvidas, no Estado, algumas iniciativas bastante interessantes no sentido da busca de uma convivência harmônica entre gente e natureza, valorizando os conhecimentos e as trajetórias de vida, numa perspectiva de envolver o educando para protagonizar o seu processo de aprendizagem, na tentativa de emancipação e mudança/fortalecimento de uma concepção de relação entre pessoas e com o ambiente, que poderá contribuir para um futuro mais promissor. Palavras-chave: educação ambiental, povos da floresta, sustentabilidade.
A construção de uma agenda sobre gênero, desastres socioambientais e desenvolvimento Rosana de Carvalho Martinelli Freitas Vide p. 147		O objetivo deste ensaio é discutir questões relacionadas ao desenvolvimento, aos desastres socioambientais e ao gênero, que, por serem elementos importantes do debate público no Brasil de hoje, devem ser abordados em pesquisas e estratégias de políticas públicas. A relação entre gênero, classe, raça / etnia e desastres socioambientais é apresentada, e conceitos-chave sobre desenvolvimento, meio ambiente e igualdade são examinados no contexto de políticas econômicas recentes. O ensaio reflete sobre a condição das mulheres encontradas em condição subalterna na sociedade capitalista que sofrem as consequências dos desastres socioambientais. Conclui com sugestões para incluir um foco no gênero na preparação de estratégias de pesquisa e ação.
Mulheres da Norô Flavia Liberman et al. Vide p. 149		O projeto Cartografias femininas: ações territoriais junto às mulheres da região noroeste de Santos realiza diferentes ações em uma região que apresenta vulnerabilidade social e
(Continua)		

(Conclusão)	
	saúde da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, teve como resultado uma Exposição Fotográfica itinerante cujas imagens explicitam um processo de construção de vínculos com as participantes. A fotógrafa Nice Gonçalves, do Instituto Arte no Dique, acompanhou e fotografou momentos desta experiência, oferecendo-nos um material delicado que retrata seus rostos, corpos, detalhes e expressividades. Esta exposição ofereceu, às mulheres, uma oportunidade de reconhecerem-se como protagonistas ativas e fortes em todo o processo, tornando-as visíveis para além das fronteiras de suas casas, de seu bairro ou, mesmo, de sua região.

A partir da análise sistemática realizada com os termos “Mulheres *and* Educação Ambiental” no Portal de periódicos da Capes foram encontrados 216 artigos, destes somente 6 artigos se relacionavam com o tema da pesquisa. Abaixo encontram-se relacionados o número de artigos descartados com seus respectivos temas:

Conteúdos	Nº de artigos	Justificativas
Educação/ ensino/ escola/ formação professores	44	Educação popular; educação do campo; Projovem; Formação de professores; Uso da Educação Ambiental como ferramenta pedagógica interdisciplinar, para as disciplinas de Biologia e Química. Inclusão do tema Educação Ambiental, de forma prática e problematizadora; Educação de jovens e adultos; Curso técnico em alimentos; Ensino e pesquisa em gestão ambiental nos programas brasileiros de pós-graduação; análise de como os motivos e as preocupações ambientais se relacionam diante da perspectiva de ação dos estudantes do curso de Administração com relação às práticas de conservação do meio ambiente; Análise da importância de identificar o conceito de ambiente dos educadores responsáveis pelo ensino de Geografia do município de Piratini/RS; Estudo sobre Paulo Freire;
Saúde	26	Educação em saúde; Atividade física; um estudo teve como objetivo investigar as representações sociais da educação ambiental e da educação em saúde em 204 estudantes universitários da cidade do Rio de Janeiro; estudo sobre descarte irregular de medicamentos; Riscos à saúde de catadores de materiais recicláveis; Fatores socio sanitários e parasitoses intestinais.
(Continua)		

(Continuação)		
Gestão/administração/políticas	39	Gestão de empresas; Políticas empresariais; Gestão de restaurantes de produtos orgânicos; Desenvolvimento socioeconômico; um artigo buscou compreender as avaliações dos estudantes dos cursos de administração a respeito da gestão socioambiental nas dimensões de importância do conhecimento na área, importância da prática na área, e intenções futuras de envolvimento com a área e a sua relação com valores pessoais (as dimensões selecionadas foram conservadorismo antropocêntrico, e percepção de dominação sobre a natureza); Estudo sobre a Política nacional de Recursos Hídricos; Avaliação das atividades desenvolvidas durante a última gestão dos membros do Conselho Consultivo da APA da Serra da Mantiqueira; Análise de Políticas Públicas Ambientais;
Artesanato	4	Referiam-se especificamente a artesanato em cerâmica e artesãs que usam folhas de carnaúba dentro de área de proteção ambiental.
Mudanças climáticas	4	Percepção ambiental sobre as mudanças climáticas globais numa praça pública na cidade do Rio de Janeiro; Um artigo analisa os aspectos necessários para um melhor desempenho de uma educação em mudanças climáticas;
Resíduos sólidos	12	Um artigo objetivou sensibilizar aos membros do setor Campo Alegre a respeito do manejo de resíduos sólidos orgânicos e inorgânicos provenientes da comunidade, como uma alternativa viável no marco do desenvolvimento sustentável da nação, com a participação integral da comunidade (32 participantes) e estudantes de gestão ambiental; Estudo do gerenciamento da coleta seletiva dos resíduos sólidos no município de Mossoró-RN; Avaliação da evolução do Programa de Coleta Seletiva no município de Angra dos Reis/RJ; Discussão sobre os significados do lixo a partir da visão de um grupo de garis e catadores residentes em Fortaleza/CE.
Manejo recursos naturais	32	Manejo; Degradação ambiental; Unidades de Conservação; Extrativismo; Um estudo explora a percepção de habitantes da cidade de Bogotá, na Colômbia, sobre o estado atual do meio ambiente a nível local, nacional e global, e a prospectiva de como estará no futuro; Uma pesquisa teve como objetivo promover a disseminação de práticas de conservação, preservação e recuperação dos recursos hídricos na escola, através do monitoramento das ações das águas na cidade de Tenente Portela – RS; Conservação de Quelônios do
(Continuação)		

(Continuação)		
		Tocantins; Uso da água da chuva;
Paisagismo	1	Práticas de paisagismo em espaços de convivência social em comunidades rurais e em centro de educação ambiental.
Artes plásticas	1	Contexto educacional, interdisciplinar.
Discussões gênero/sexualidade	7	Dentro do contexto escolar, papel da educação formal na desconstrução dos padrões sexistas nas escolas; A relação entre gênero, classe, raça / etnia e desastres socioambientais é apresentada, e conceitos-chave sobre desenvolvimento, meio ambiente e igualdade são examinados no contexto de políticas econômicas recentes.
Relações étnico-raciais	2	Um estudo objetivou identificar e compreender os processos educativos decorrentes de uma intervenção com africanidades para a educação das relações étnico-raciais na parceria dos projetos “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer e Mais Que Futebol”;
Comercialização/cooperativismo	5	Aspectos etnoecológicos da captura e comercialização de <i>C. guanhumi</i> (carangueijos) por uma comunidade pesqueira no nordeste do Brasil; Um trabalho aborda o tema pesca artesanal e tem como objetivo principal, a caracterização da atividade nos municípios de Tramandaí e Imbé, localizados no Estado do Rio Grande do Sul, a distribuição espacial e os desafios para a ocorrência de pescarias nesta região; Análise da influência das preocupações e atitudes ambientais em relação ao consumo sustentável na compra de carne bovina ambientalmente sustentável; Pescas comerciais;
Queer	4	Estudos literários sobre diversidade sexual; uma discussão em torno das possibilidades de uma educação ambiental queer. Tornar queer a educação ambiental significa mais que simplesmente adicionar conteúdo gay/lesbiano/bissexual/transgênero a educação ambiental, mas visa, em seu projeto, problematizar a heteronormatividade, a essencialização das identidades e a heterossexualização de nossas teorias e práticas.
Povos tradicionais	8	Mapeamento e registro das identidades dos grupos sociais que carregam conhecimento e práticas ambientais relevantes para a construção de sociedades sustentáveis; História e mudanças do sistema alimentar de pescadores: uma comunidade no litoral de São Paulo, Brasil.
Cultura/turismo	11	Um dos estudos foi analisar o potencial do Parque Passeio Público, em Curitiba, Paraná, como um site de disseminação de conceitos relacionados à Educação Ambiental; Estudo da
(Continua)		

(Conclusão)		
		relação “Homen x Natureza” na obra de Luíz Gonzaga; Percepção ambiental da comunidade visitante do parque municipal Dom Nivaldo Monte em Natal/RN; Trajetórias das áreas de conservação do Jaguarú: percepção ambiental e turismo um estudo na área de proteção ambiental do sistema Cantareira, São Paulo;
Geoética e relações internacionais	1	Este artigo é fruto de estudos de doutorado em geografia política/humana na Universidade de São Paulo.
Redes sociais	1	Este artigo tem por objetivo avaliar o potencial de algumas das tecnologias sociais (TS) de convivência com o semiárido, desenvolvidas por diversas organizações, para a mitigação das mudanças climáticas e a promoção de desenvolvimento humano.
Energia eólica	1	Energia eólica: um estudo sobre a percepção ambiental no município de Currais Novos/RN.
Jornalismo/marketing	3	Potencialidades da mídia independente como referencial didático no Ensino Médio para uma formação crítica de combate as injustiças e ao racismo ambiental; TV comunitária em Santa Maria/RS; Um dos artigos trata das interações entre o campo jornalístico e os movimentos sociais, onde observamos o cruzamento de matrizes culturais.
Levantamento de plantas medicinais	1	Contexto escolar;
Questão agrária	1	Análise da questão agrária: processos de recampesinização em tempos de impérios agroalimentares.
Editorial	2	*Editorial

APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTA

RELAÇÕES SUBJETIVAS

História de vida

Conte-me uma situação de sua infância que a deixou muito feliz; E o que lhe deixa mais feliz hoje.

O que mais gosta de fazer nas horas de lazer?

Tem alguma coisa que você desejava muito e já conquistou?

Tem algo que já a deixou muito orgulhosa por ter realizado?

Seus sonhos e prioridades

Realização pessoal

Distribuição do seu tempo com a família, casa, comunidade

Conquistas de direitos

Bem-estar/autocuidado

RELAÇÕES SOCIAIS

Relações familiares

Relações com vizinhos

Relações com grupos sociais específicos

Grau de envolvimento na comunidade e porquê avalia deste modo

Amizades

Sentimento em relação aos grupos sociais da comunidade

Atividades realizadas individual e coletivamente

RELAÇÕES COM A NATUREZA

Relações com ambiente

Poderia falar-me sobre o que acha do lugar onde mora?

O que significa meio ambiente para você?

Cuidados que tem com o ambiente

Relações com a natureza na infância/adolescência

Interações com a natureza na vida adulta

Ambiente mediado pelo trabalho

Relação com o ambiente rural

O que é mais importante para você na sua propriedade?

Tarefas que realiza

Como é a divisão de tarefas em sua propriedade? (Individual e coletivamente).

Qual é o trabalho que lhe dá mais prazer? Por quê?

Autonomia na propriedade

Valor do trabalho

APÊNDICE C – PLANEJAMENTO INICIAL DOS ENCONTROS

ENCONTRO 1 – APROXIMAÇÃO	
Atividade	O que observar?
Pergunta poderosa: Como você está se sentindo hoje?	Autoestima
Corporal: Cumprimentar com as diferentes partes do corpo: Andar pela sala, articulando calcanhar, antepé, dedos, como em câmera lenta. Continuar andando, agora no ritmo do dia a dia. Ao encontrar outra pessoa, cumprimentá-la usando em cada encontro uma das diversas partes do corpo (ombro, cotovelo, mãos, costas, joelhos, cabeça, etc.), seguindo em frente e cumprimentando outras pessoas, sempre de uma maneira diferente. A atividade pode ser facilitada pelo uso de música de fundo.	Relações com o outro
Social: Em uma folha de papel desenhar um elemento da natureza (planta, animal, recursos naturais, etc.) com que mais se parece. Após, mostrar o desenho para todos e explicar quais foram as características que mais o aproximam do desenho.	As relações consigo, com o outro e com o ambiente
Sentidos: Realizar uma caminhada próximo da propriedade explorando os 5 sentidos. Andar de pés descalços; observar a paisagem; o que mais chama atenção na paisagem.	5 sentidos Sensibilidade
Reflexiva: Estabelecer diretrizes: Cada participante deverá fazer o desenho de sua mão em uma folha de papel e recortar. Na palma da mão, deverão escrever o seu nome. Pedir que escrevam em cada dedo uma qualidade que eles expressam. Em círculo, cada um irá compartilhar suas respostas com o grupo. Colar todas as mãos em uma circunferência de um grande círculo que deverá ser desenhado em um papel. Perguntar: “Que acordos vocês precisam dos outros, a fim de se mostrar como seu melhor eu?” Dentro do grande círculo escrever os acordos e discutir sobre eles, explicando que esses acordos são as diretrizes para o grupo e que eles valem para qualquer hora. Diretrizes são práticas as quais nós batalhamos para respeitar, entendendo que nós não vamos conseguir fazer isso de modo perfeito o tempo todo. Perguntar: “Para você, que acordo será o mais fácil de honrar?” “Qual será o mais desafiador e por quê?”	Reconhecimento
Compartilhamento: Teia das diretrizes: em círculo, uma pessoa segura um novelo de lã para começar. Ela segura a ponta do fio e se compromete a praticar na sua vida diária uma das diretrizes. Depois de se expressar, ela joga o novelo para outra pessoa do círculo que ainda não se manifestou. A atividade continua até que todos tenham se comprometido.	Comprometimento
Pergunta poderosa: Como você está saindo hoje?	Autoestima

ENCONTRO 2 – RELAÇÕES SUBJETIVAS	
Atividade	O que observar?
Pergunta poderosa: Compartilhe uma lembrança feliz da sua infância	Relações com a vida
<p>Corporal: Alongamento: a) Manter os pés paralelos, com a distância interna proporcional à bacia e desenhar um círculo com a bacia, três vezes em cada direção.</p> <p>b) Flexão da coluna. Trazer lentamente a cabeça para a frente, flexionando a cervical. Soltar os braços e a cabeça, permitindo que o peso da cabeça convide a coluna a descer, sentindo vértebra por vértebra na flexão da coluna. Manter a flexão por 12 a 15 segundos, soltando a respiração. Experimentar a sensação de inspirar levando o ar até a região lombar. Expirar totalmente o ar, aliviando o pulmão.</p> <p>c) Inclinação lateral do tórax: Em pé, pés paralelos, joelhos semifletidos. Elevar os braços, cruzando os dedos das mãos. Com os dedos cruzados, girar as mãos e direcionar as palmas das mãos para o alto. Inclinar lateralmente o tórax, mantendo a cabeça na linha da coluna e os braços alongados. Manter-se nessa posição por 12 a 15 segundos, concentrando a atenção na respiração. Retornar lentamente ao centro e repetir o movimento com o outro lado do corpo.</p> <p>d) Coluna cervical - flexão lateral: relaxar os ombros, projetar o topo da cabeça em direção ao céu e lentamente inclinar a cabeça para o lado, de maneira que a orelha desça em direção ao ombro. Repetir do outro lado.</p>	Expressão corporal
<p>Social: Dinâmica dos sonhos: O coordenador pede para que cada pessoa escreva cinco sonhos pessoais de cada um. E começa a dizer: Lembrando que esse sonhos serão nossa bagagem de uma viagem muito especial, a viagem da nossa vida, iremos para outro país, numa longa jornada. Com nossos sonhos em mãos e saindo de casa temos nossa primeira dificuldade, nem todos os nossos sonhos cabem no carro que vai nos levar, assim temos que abandonar um. Qual deles seria? Seguindo viagem, nosso carro quebra e temos que seguir a pé, mas devido ao peso das nossas bagagens temos que deixar outra de lado, ficando somente com três. Qual sonho foi abandonado? Em nossa caminhada nos deparamos com um cachorro que começa a correr atrás de nós para nos atacar, e para podermos escapar de uma mordida temos que deixar outro sonho, ficando com dois sonhos. Qual sonho ficou para trás? Após um caminho tortuoso até a entrada no outro país, encontramos uma alfândega onde somos barrados e temos que seguir somente com uma mala, qual sonho deixamos? Qual o nosso maior sonho que nunca abandonamos?</p>	Sonhos, prioridades, emoções
<p>Sentidos: Em círculo, sentados, uma pessoa ficará vendada e tentará descobrir por meio da escuta os sons que serão provocados pelos demais participantes ao seu redor. Repetir a técnica com outras as outras pessoas do grupo.</p>	Audição
<p>Reflexiva: Solicitar aos participantes que desenham uma árvore em uma folha de papel, incluindo o sistema de raízes, troncos e galhos. No sistema de raízes, responder a seguinte pergunta: “De onde você é?”. Dar tempo para pensarem e escreverem. Compartilhar com o grupo as repostas. Solicitar para que escrevam no tronco da árvore resposta à pergunta: “Onde você está agora?”. Dar tempo para pensar, escrever e compartilhar as repostas. Solicitar para que pensam nos galhos como onde eles querem estar daqui a cinco anos. Responder nos galhos: “Onde você quer estar daqui a cinco anos?”. Dar tempo para pensarem, escreverem e compartilhar as repostas.</p>	Perspectivas em relação à vida
Compartilhamento: Que tipo de árvore você é?	Reconhecimento
Pergunta poderosa: Com o que você sonha agora?	Sonhos perspectivas

ENCONTRO 3 – RELAÇÕES SUBJETIVAS	
Atividade	O que observar?
Pergunta poderosa: Como está o meu tempo interno?	Autoestima
Corporal: Convidar a todos para que fiquem em pé e em círculo. Um por um, ao redor do círculo, irá fazer uma mímica para comunicar ao grupo o que fez antes de vir para o encontro. Cada um fará sua mímica sozinho e depois repetirá imediatamente os mesmos movimentos com todos no círculo. Então, a próxima pessoa fará sua mímica e depois repetirá com todas as pessoas acompanhando. Ao final de cada apresentação, descobrir a ação demonstrada.	Relações sociais, comunicação
Social: Passar um rolo de papel higiênico, convidando os participantes a pegarem tantas partes quanto eles queiram e passar o rolo adiante para a próxima pessoa. Pedir que separem e empilhem as partes de papel que eles retiraram do rolo. Pedir que cada participante faça uma afirmação positiva sobre si mesmo para cada parte de papel que eles têm. Incentivar para que façam afirmações sobre seu ser físico, seu ser mental, seu ser emocional e seu ser espiritual.	Autoestima
Sentidos: Cada participante deverá encontrar um lugar confortável para se sentar, não muito afastados uns dos outros. Então, deverão fechar os olhos e relaxar, escutando os sons da natureza. Perguntar: Quais foram os sons ouvidos? O que esses sons lhes transmitiram? Qual a sensação de sentir-se relaxado? O que seu entorno lhe transmitiu?	Audição
Reflexiva: Cada participante deverá desenhar um círculo grande em uma folha de papel, desenhar linhas dividindo o círculo em 4 partes iguais e identificar uma seção “mental”, uma “física”, uma “emocional” e uma “espiritual”. Pedir aos participantes que escrevam em cada seção o que eles fazem para cuidar de si mesmos em cada dimensão de suas vidas. Quando os participantes tiverem terminado, peça-lhes para pensar se eles gostariam de estar tendo mais autocuidado em alguma dessas dimensões. Depois, convidar a criarem um objetivo para que tenham mais autocuidado com cada quadrante e escrevam esse objetivo ao lado do quadrante. Convidar os participantes a compartilharem suas reações ao processo de avaliarem seu autocuidado desta maneira, seus <i>insights</i> , ou seus objetivos. Perguntar: “Qual é o maior desafio para você cuidar de si mesmo?” “O que você aprendeu nessa dinâmica que você pode usar na sua vida?”	Autocuidado, bem-estar
Compartilhamento: Solicitar (antecipadamente) que cada pessoa traga da sua casa um objeto que, para ela, tenha grande significado. No grupo, em círculo, colocar todos os objetos no chão, e cada pessoa irá pegar o objeto que trouxe e falar sobre seu valor para os demais.	Valor simbólico, sentimentos
Pergunta poderosa: Como eu me senti no encontro de hoje?	Autoestima;

ENCONTRO 4 – RELAÇÕES SOCIAIS	
Atividade	O que observar?
Pergunta poderosa: O que você valoriza em sua comunidade? Por quê?	Engajamento com grupos
(Continua)	

(Conclusão)	
Corporal: Chuvarada: o facilitador começa por bater suas mãos nas coxas, alternadamente. A próxima pessoa se junta ao movimento, e depois a próxima e a seguinte, até que complete a volta do círculo. Quando o movimento voltar ao facilitador, este para de bater nas coxas e alternadamente bate seus pés no chão. A pessoa seguinte imita o movimento de bater os pés. E assim sucessivamente. Quando chegar no facilitador, este para de bater os pés e começa esfregar suas mãos no peito. Esse movimento será seguido um a um por todos os participantes. Repetir mais uma rodada com esses 3 movimentos já citados. Na sétima rodada (e última), o facilitador senta e fica em silêncio, sem fazer nenhum movimento. Um por um, cada pessoa no círculo para em sequência.	Expressão corporal, atenção, engajamento com o grupo
Social: Solicitar (antecipadamente) que cada mulher leve consigo as cinco fotos as quais consideram mais importantes na sua vida, que tenham em casa. Cada participante irá colocando as fotos no painel, e explicando em ordem crescente o significado da mesma para sua vida.	Sentimentos em relação ao outro, ao ambiente e consigo mesmo; história de vida
Sentidos: Em duplas, uma mulher ficará de olhos vendados e outra será a guia. A guia conduzirá a companheira de olhos vendados por determinado caminho, ao ar livre.	Visão, confiança, cuidado do outro
Reflexiva: Diagrama de Veen: identifica as relações que as pessoas têm entre si e com os outros. Desenhar um círculo no centro do papel para representar uma pessoa. Em seguida, individualmente, cada pessoa irá identificar os diferentes grupos sociais da comunidade e/ou município que tenham alguma relação consigo mesma. Localizar estes grupos sociais no entorno do posicionamento da pessoa. Os grupos que têm menos relações com a pessoa são desenhados mais longe do círculo, e os que têm mais relações são desenhados mais perto.	Engajamento com grupos sociais, reconhecimento, relações com a comunidade, afetos, conflitos
Compartilhamento: Refletir sobre os elementos que nos aproximam ou nos distanciam em nossas relações com os grupos sociais.	Afetos, conflitos
Pergunta poderosa: Que mudança você gostaria de ver em sua comunidade? O que você pode fazer para promover essa mudança?	Relações com a comunidade

ENCONTRO 5 – RELAÇÕES SOCIAIS	
Atividade	O que observar?
Pergunta poderosa: Pense em alguém em sua vida com quem você aprendeu alguma coisa. O que você aprendeu com essa pessoa?	Reconhecimento, afetos
Corporal: Andar em grupo: O grupo é convidado a andar livremente no espaço delimitado pela coordenação. Formar duplas e continuar andando, dois a dois, ombro a ombro. Andar em diversas direções: para frente, para trás, para os lados, girando, coordenando seu passo com o do colega, sem falar, seguindo apenas a linguagem do corpo. Formar grupo de quatro pessoas, sempre lado a lado, harmonizando o andar no novo grupo. Agora, grupos de oito pessoas, lado a lado.	Relacionamento com o outro
Social: Instruir as pessoas, em um círculo, para que contem 1 e 2 alternadamente. Quem for número 2, pegará sua cadeira e se posicionará de frente para a pessoa à sua esquerda, que será um número 1, criando um círculo interno e um círculo externo, com as pessoas de frente umas para as outras. Para cada pergunta (listadas abaixo da dinâmica), os números 1 falam e os que são 2 escutam. Depois de um minuto inverter: os números 2 falam e os de número 1 escutam, com a mesma pergunta.	Confiança, Reconhecimento
(Continua)	

(Conclusão)	
Decorrido mais um minuto, pedir que os de número 2 se movam um lugar para a direita para formarem par com uma pessoa diferente. Fazer uma pergunta diferente e repetir a dinâmica da primeira pergunta. E assim sucessivamente. Perguntar se eles perceberam alguma conexão inesperada ou alguma experiência parecida com as que os pares relataram e que eles não previam. Perguntas da dinâmica: Conte uma história engraçada de sua vida; O que você aprecia no seu trabalho? O que você gostaria que não mudasse em sua vida? Se você pudesse mudar qualquer coisa em você, o que seria? O que você gostaria que não mudasse em sua vida?	
Sentidos: Em círculo, pedir que uma pessoa se retire do ambiente e as outras modifiquem alguma coisa, ou trocam uma pessoa de lugar. Solicitar que a pessoa que se retirou retorne e fale o que observou de diferente;	Atenção, visão
Reflexiva: Relacionamentos: Solicitar que cada pessoa escreva em uma folha de papel, respondendo as seguintes perguntas: “O que você faz nos seus relacionamentos com as pessoas em sua vida que as deixam felizes, calmas e alegres?” “O que as outras pessoas fazem para você que lhe deixa feliz, calmo e alegre?” Pedir que se juntem em pares para fazer uma lista dos ingredientes importantes em relacionamentos saudáveis, para então, compartilhar com todo o grupo. Questionar se essa lista é igual para todos os relacionamentos. Seria diferente entre um homem e uma mulher? Entre mãe e filho? Entre colegas de trabalho? Pedir que descrevam um relacionamento em suas vidas que eles consideram saudável. Pedir que identifiquem um ingrediente bom que eles trazem para os relacionamentos importantes em suas vidas.	Relações sociais, reconhecimento
Compartilhamento: Discutir acerca dos relacionamentos atuais: família, casal, filhos, colegas de trabalho, vizinhos, amigos...	Afetos, conflitos
Pergunta poderosa: Como me senti hoje em relação ao encontro?	Autoestima

ENCONTRO 6 – RELAÇÕES AMBIENTAIS	
Atividade	O que observar?
Pergunta poderosa: Em que ambiente me sinto mais feliz?	Reconhecimento
Corporal: Em dupla, uma pessoa deita em um lugar aconchegante ao ar livre e a outra faz massagem; depois de 10 minutos trocar as funções;	5 sentidos
Social: Pedir para as pessoas que pensem nos quatro elementos da natureza: Terra, Água, Ar e Fogo. Cada pessoa escolhe com qual destes elementos mais se parece e anota. Cada pessoa deverá listar abaixo do elemento escolhido, três características que esse elemento tem. Em seguida descrever o que esse elemento faz. Listar também três ações que se aplicam a este elemento. Convidar as pessoas a compartilharem as respostas. Perguntar: “Como você pode usar essas qualidades para vencer desafios no meio onde você vive?” “É possível que essas qualidades lhe tragam problemas?” “Como você pode usar essas qualidades para ajudar as pessoas do seu convívio?”.	Relação com o ambiente, cuidado, sentimentos
(Continua)	

(Conclusão)	
Sentidos: De olhos vendados, as mulheres tentarão adivinhar por meio do tato ou olfato, objetos da natureza colocados em suas mãos	Tato, confiança
Reflexiva: FOFA: Utilizando um painel e cartelas, realizar uma chuva de ideias sobre as relações dos participantes com o trabalho rural e colocá-los na primeira coluna. Começar a discutir as fortalezas, debilidades, oportunidades e ameaças de cada item. Fortalezas são fatores no interior do grupo que contribuem para o seu melhor desempenho. Debilidades são fatores no interior do grupo que influem negativamente sobre o desempenho. Oportunidades são fatores externos que influem ou poderiam influir positivamente no desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não exerce controle. Ameaças são fatores externos que influem negativamente sobre o desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não tem controle.	Protagonismo, reconhecimento, relações sociais, atividades, divisão de papéis
Compartilhamento: Discutir sobre elementos listados na FOFA, que são comuns e que não são comuns entre as pessoas do grupo.	Afetos, conflitos
Pergunta poderosa: Como eu saio desse ambiente hoje?	Autoestima

ENCONTRO 7 – RELAÇÕES AMBIENTAIS	
Atividade	O que observar?
Pergunta poderosa: O que é sagrado para mim?	Valor simbólico, sensibilidade
Corporal: Atividade de alongamento para a caminhada.	Expressão corporal
Sentidos: Caminhada por uma trilha na natureza, em silêncio, observando e sentindo o ambiente, por meio dos olhos, do toque, do olfato e da audição. Sempre em contato com a própria respiração, sensações e sentimentos foram despertados nesta experiência. As pessoas vão experimentando o ambiente da trilha, com suas árvores, arbustos, solo de terra e pedras, sons de pássaros e outros pequenos animais da Mata Atlântica, podem explorar as folhas e outros elementos com as mãos, cruzar um rio e, descalças poderão sentir o contato com a água e as pedras. Nesse percurso, poderão recolher objetos que estiverem soltos no chão da floresta e despertarem seu interesse.	Cinco sentidos
Social e reflexiva: compartilhamento em dupla sobre sensações, pensamentos, emoções ao longo da caminhada silenciosa explorando os cinco sentidos.	Semelhanças e diferenças, interação com o ambiente natural, autonomia, cuidado do outro, percepção de interdependência
(Continua)	

(Conclusão)	
Compartilhamento: Em círculo, de mãos dadas, lembrar o que vivenciou, o que sentiu. Sentir seu pertencimento à roda e o seu lugar nesse grupo. Conversa em grupo sobre a vivência.	Sensibilidade, afeto, experiência de vida
Pergunta poderosa: Pelo que você é grato? Por quê?	Sensibilidade

ENCONTRO 8 – CELEBRAÇÃO/AVALIAÇÃO	
Atividade	O que observar?
Pergunta poderosa: Algo que me faz rir por dentro?	Sentimentos
Corporal: Atividade de relaxamento em dupla: massagem com uma pedra de rio nos ombros; fazer carinho no rosto com as mãos; respirar profundamente;	Interação com o outro e consigo mesmo
Social: Convidar as pessoas a pensarem em alguém para quem elas querem um mundo melhor. Pode haver muitas pessoas. Pode ser que queiramos que o mundo seja um lugar melhor para todos. Mas quem, de maneira especial, lhe vem à mente quando pensa em fazer com que o mundo seja melhor? Anotar em um papel o nome de quem quer que lhe tenha vindo à mente. Convidar cada pessoa a compartilhar o nome e a falar sobre essa pessoa. Pedir que os participantes compartilhem alguma coisa que tenham feito no passado que eles sentem que foi uma pequena contribuição para que o mundo fosse melhor. Pedir para que pensem novamente, em alguma coisa que eles podem fazer, no decorrer dos próximos dias, em nome da pessoa cujo nome foi citada, e que vai contribuir para tornar o mundo melhor para essa pessoa.	Cuidado, afeto, sentimentos
Sentidos: em círculo. Vendar os olhos de uma pessoa e pedir que por meio do contato com as mãos, adivinhe a pessoa que está no centro do grupo. Cada participante deverá adivinhar pelo menos uma pessoa.	Sensibilidade, aproximação
Reflexiva: Espalhar várias fotos pelo chão, dentro do círculo do grupo e solicitar que cada pessoa tome posse de uma foto e relate o que aquela imagem ou aquele momento significou para ela. Repetir a dinâmica até que todas as fotos sejam comentadas. (Essas fotos referem-se a diversos momentos dos encontros já realizados, serão reveladas e levadas pelo facilitador).	Sentimentos, aproximação, distanciamento, afetos, relações ambientais
Compartilhamento: Com aviso prévio, cada participante deverá trazer uma flor plantada em um vaso com uma mensagem de carinho para uma amiga do grupo. Será feita a brincadeira do amigo-secreto com flores. A pessoa que entregar sua flor deverá junto, ler e entregar a mensagem à pessoa sorteada.	Autoestima pessoal, afetividade entre as participantes
Como você está saindo? O que você está levando destes encontros?	Autoestima, experiência de vida

APÊNDICE D- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: “Mulheres Rurais e suas relações com a paisagem socioambiental: experiências ecosófica”

Pesquisadores Responsáveis: Jane Márcia Mazzarino e Viviane Röhrs

Contato: (51) 998410502 **E-mail:** janemazzarino@gmail.com e vivirohrs@gmail.com

Local da realização da pesquisa: Lagoão/RS

Nome da cidade do participante: Lagoão/RS

Supervisão e orientação: Dra. Jane Márcia Mazzarino

Você, na condição de participante ou de representante legal de _____ está sendo convidada a participar desta pesquisa de forma totalmente voluntária. Porém, antes de concordar e responder a entrevista, ou participar de atividades que possam fazer uso ou vincular sua imagem a essa pesquisa, é importante que você compreenda as informações contidas neste documento, pois os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas. Além disso, você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade, sem nenhuma punição e sem perder os benefícios aos quais tem direito. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Objetivo geral da pesquisa: Investigar efeitos nas relações das mulheres rurais com a paisagem socioambiental por meio de metodologias de caráter participativo, provocadoras de experiências ecosófica.

Objetivos específicos da pesquisa:

- a) Caracterizar a relação das mulheres rurais com a paisagem socioambiental;
- b) Realizar intervenções provocadoras de experiências ecosófica com mulheres rurais, a fim de avaliar possíveis ampliações no envolvimento das mulheres rurais com o ambiente onde vivem, com os grupos que convivem e consigo mesmas;
- c) Analisar a emergência de uma paisagem socioambiental ecosófica coletiva a partir da pesquisa-intervenção.

Procedimentos: sua participação nesta pesquisa envolve autorizar o uso de imagens e respostas/opiniões expressas nos questionários e/ou entrevistas e/ou encontros durante a presente pesquisa. Caso você não desejar, sua vontade será respeitada. Os materiais coletados serão guardados por cinco anos, por determinação ética da pesquisa sob a responsabilidade da pesquisadora. Após este período, os materiais serão destruídos (conforme preconiza a Resolução 466/12). Os dados coletados, depois de organizados e analisados, serão comparados com os disponíveis na literatura e deverão ser divulgados e publicados.

Benefícios: para você, os benefícios poderão ser indiretos ou diretos, pois as informações coletadas fornecerão subsídios para contribuir para o estudo e desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas à problemáticas socioambientais, as quais, além de contribuir, você poderá vivenciar. O projeto também poderá servir de subsídio para atividades e práticas nos diversos lugares do globo.

Riscos: este estudo não apresenta riscos para você.

Sigilo: ao final desta pesquisa, os resultados serão divulgados através da dissertação de Mestrado, artigos científicos e publicações em eventos da área, assim como há a possibilidade de publicação em meios virtuais (youtube, Facebook). Portanto, as informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis sempre que essa for manifestada.

Consentimento: Eu _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e autorizo a participação da mesma(o) na pesquisa.

Declaro que também fui informado:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo.
- Da garantia de que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa
- Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.
- O (a) pesquisador (a) me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário UNIVATES (Coep/Univates), que atende na sala 309 do Prédio 1 do campus Lajeado, localizado na avenida Avelino Tallini, 171, bairro Universitário, CEP 95.900-000, Lajeado – RS – Brasil. Fone (51) 3714-7000, ramal 5339. Endereço eletrônico: coep@univates.br.
- Declaro que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com o pesquisador.

Nome da participante da pesquisa:

Assinatura do responsável legal: _____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO(A) PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:

Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como

compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o (a) participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Univates – Coep, conforme descrito no item CONSENTIMENTO.

ASSINATURA DO (A) PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL

Lajeado, 02 de agosto de 2019.